



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CLÁUDIO CÉSAR PEREIRA

**PRÁTICAS DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO:
UM ESTUDO DAS HABILIDADES PARA A BUSCA DE
INFORMAÇÃO**

Londrina
2015

CLÁUDIO CÉSAR PEREIRA

**PRÁTICAS DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO:
UM ESTUDO DAS HABILIDADES PARA A BUSCA DE
INFORMAÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientação: Professora Doutora Adriana Rosecler Alcará.

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P436p Pereira, Cláudio César.
Práticas de pesquisa na pós-graduação: um estudo das habilidades para a
busca de informação / Cláudio César Pereira. – Londrina, 2015.
150 f. : il.

Orientador: Adriana Rosecler Alcará.
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual
de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Pesquisa bibliográfica – Teses. 2. Recuperação da informação –
Teses. 3. Comportamento informacional – Teses. 4. Competência em
informação – Teses. I. Alcará, Adriana Rosecler. II. Universidade Estadual de
Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 025.4

CLÁUDIO CÉSAR PEREIRA

**PRÁTICAS DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO:
UM ESTUDO DAS HABILIDADES PARA A BUSCA DE INFORMAÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Professora Doutora Adriana
Rosecler Alcará
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Professora Doutora Sueli Bortolin
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Professor Doutor André Luis Onório Coneglian
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 06 de agosto de 2015.

Dedico esta dissertação ao Deus Criador, que fez o céu e a terra e tudo o que neles há. Dedico à memória da minha querida mãe Eledir, que me ensinou o que é fé, esperança, bondade e amor.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço...

Em primeiro lugar ao Deus que me criou e à minha família pelo auxílio e compreensão.

À minha orientadora Professora Doutora Adriana Rosecler Alcará pela dedicação, esforços e paciência com que me acompanhou e orientou.

Aos membros da banca Professora Doutora Sueli Bortolin e Professor Doutor André Luis Onório Coneglian pelas contribuições valiosas para realização desta pesquisa.

Aos professores e aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pelo trabalho desempenhado ao longo desses meses.

À coordenação do mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina pela atenção e colaboração oferecidas para a realização deste trabalho.

Aos estudantes dos dois programas que atenciosamente participaram da nossa coleta de dados.

Aos funcionários desta Universidade que sempre me auxiliaram nas rotinas em busca do conhecimento.

À todos que, direta ou indiretamente, colaboraram e torceram para que esta pesquisa se tornasse realidade.

À todos vocês....

Meu sincero agradecimento

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

PEREIRA, Cláudio César. **Práticas de Pesquisa na Pós-Graduação**: um estudo das habilidades para a busca de informação. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2015.

RESUMO

O comportamento pode ser descrito basicamente como o que a pessoa faz em relação ao meio em que vive e na relação com os outros seres. O comportamento informacional é o que fazemos a respeito da informação, seja buscar, utilizar, compartilhar ou até mesmo ignorar. Há muita informação disponível aos usuários, porém, isso tem provocado dificuldades para encontrar o que é relevante. São necessárias habilidades para lidar com os sistemas de armazenamento e recuperação de dados. Esta pesquisa tem por objetivo principal investigar o processo de busca da informação nas práticas de pesquisas realizadas por um grupo de pós-graduandos de uma universidade pública do norte do Paraná. Especificamente, verificou como os estudantes de pós-graduação identificam as suas necessidades informacionais, quais as fontes de informação, estratégias e procedimentos são mais utilizados, bem como as principais dificuldades encontradas durante o processo de busca e obtenção de informação. Além da revisão da literatura, foi realizada uma pesquisa de campo com 46 pós-graduandos, de dois programas de mestrado. A pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem quanti-qualitativa e utilizou como instrumento para a coleta de dados um questionário eletrônico, com questões abertas e fechadas. Os resultados revelaram que as necessidades informacionais dos estudantes são maiores quando precisam produzir suas pesquisas e estudos para a conclusão do curso, porém, essas são parcialmente satisfeitas. Demonstraram que os estudantes percebem a necessidade de acessar o maior número de fontes possíveis, que procuram referências com colegas, profissionais e professores. No entanto, preferem as fontes conhecidas, simples e mais fáceis de utilização. Os resultados ainda apontaram que os estudantes entendem a importância de realizar as buscas nos recursos avançados, utilizando as mais variadas estratégias de busca. Porém, a maioria demonstrou pouca experiência e inabilidades para utilizar tais recursos. As dificuldades encontradas são variadas, mas as principais são o excesso de informação, falhas com a utilização das estratégias de busca e falta de domínio dos recursos. Por fim, uma grande parte dos respondentes afirmou ter participado de atividades de capacitação, porém, ainda enfrentam alguns problemas durante os processos de busca. Dessa forma, a pesquisa evidencia que é necessário um investimento maior na promoção e no desenvolvimento de habilidades para que o processo de busca da informação atenda satisfatoriamente as necessidades informacionais dos pós-graduandos.

Palavras-chave: Comportamento Informacional. Busca por Informação na Pós-Graduação. Habilidades Informacionais.

PEREIRA, Cláudio César. **Practice Research in Postgraduate Studies: a study of abilities for search information.** 2015. 150 p. Dissertation (Masters in Information Science) – Estate University of Londrina, Londrina. 2015.

ABSTRACT

The behavior can be described as basically what the person does in relation to the environment they live in and relationship with other beings. The information behavior is what we do about the information, whether to seek, use, share or even ignore. There is much information available to users, but it has caused trouble finding what is relevant. Skills are required to deal with the storage systems and data recovery. This research has as main objective to investigate the search process information in research practices carried out by a group of graduate students at a public university in northern Paraná. Specifically, there as graduate students identify their information needs, what sources of information, strategies and procedures are most used, and the main difficulties encountered during the process of seeking and obtaining information. In addition to the literature review, field research with 46 graduate students was held two master's programs. The research is characterized as descriptive, with quantitative and qualitative approach and used as a tool for data collection an electronic questionnaire with open and closed questions. The results showed that the information needs of students are higher when they need to produce their research and studies for the completion of the course, but they were partially satisfied. They showed that students realize the need to access the largest number of possible sources, looking for references with colleagues, professionals and teachers. However, the known sources rather simple and easier to use. The results also indicated that students understand the importance of carrying out searches of advanced features, using the various search strategies. However, most showed little experience and disabilities to use such resources. The difficulties encountered are varied, but the main ones are information overload, faults with the use of strategies and lack of knowledge of resources. Finally, a large proportion of respondents claimed to have participated in training activities, but still face some problems during the search process. Thus, the survey shows that more investment is needed in promoting and developing skills for the information search process satisfactorily meets the information needs of graduate students.

Keywords: Informational Behavior. Search for Information in the PostGraduate Studies. Information Abilities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Modelo proposto por Wilson para as áreas de pesquisa	21
Figura 2 –	Intersecção entre os termos de busca (AND)	34
Figura 3 –	Função do Operador OR.....	35
Figura 4 –	Função do operador NOT	36
Figura 5 –	Portal de periódicos da Capes	40
Figura 6 –	Biblioteca Digital de Teses e Dissertação do IBICT	41
Figura 7 –	BRAPCI.....	43
Figura 8 –	Scientific Eletronic Library Online (SciELO).....	43
Figura 9 –	Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Londrina – UEL	45
Figura 10 –	LUME (Repositório Digital da UFRGS)	46
Figura 11 –	Repositório Institucional da UnB (RIUnB)	47
Figura 12 –	Estado Anômalo do Conhecimento de Belkin	55
Figura 13 –	Modelo de comportamento proposto por Wilson.....	56
Figura 14 –	Modelo atualizado de Wilson	59
Figura 15 –	Modelo de Dervin.....	60
Figura 16 –	A arte original da Metáfora Sense-Making	61
Figura 17 –	Modelo de Comportamento de Busca de Ellis	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Ano de ingresso dos participantes nos programas	90
Gráfico 2 –	Importância das necessidades Informacionais nas práticas de pesquisa.....	93
Gráfico 3 –	Opções ao utilizar a internet	102
Gráfico 4 –	Uso na opção busca avançada	105
Gráfico 5 –	Uso dos operadores booleanos	106
Gráfico 6 –	O quanto os estudantes consideram dominar as técnicas de recuperação de informação	108
Gráfico 7 –	Dificuldades no processo de busca da informação	110
Gráfico 8 –	Classificação das dificuldades	110
Gráfico 9 –	Tipos de dificuldades encontradas pelos estudantes.....	111
Gráfico 10 –	Satisfação das necessidades informacionais.....	113
Gráfico 11 –	Participação em ações de capacitação, calculada a média dos dois programas.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA –	American Library Association
ASK –	Anomalous States of knowledge
BRAPCI –	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
BDTD –	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD
BIREME –	Biblioteca Regional de Medicina
CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBB/FEBAB –	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
COinfo –	Competência em Informação
CSIC –	Conselho Superior de Investigações Científicas
CNPq –	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENANCIB –	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
IBICT –	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ISP –	Information Search Process
FAPESP –	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IFLA –	International Federation of Library Associations and Institutions
MEC –	Ministério da Educação
NDLTD –	Networked Digital Library of Theses and Dissertation
OAI –	Open Archives Initiative
OCLC –	Online Computer Library Center
PPE –	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGC –	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPGCI –	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
RIUnb –	Repositório Institucional da Universidade de Brasília
SciELO –	Scientific Eletronic Library Online
TCLE –	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC –	Tecnologias de Informação e Comunicação
UEL –	Universidade Estadual de Londrina
UNB –	Universidade de Brasília
UNESCO –	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
USP –	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivos	16
1.1.1	Objetivo geral	16
1.1.2	Objetivos específicos	16
1.2	Estrutura da Pesquisa	16
2	COMPORTAMENTO INFORMACIONAL	18
2.1	Necessidades Informacionais	22
2.2	A Busca da Informação	27
2.2.1	Estratégias para a busca de informação	31
2.2.2	As fontes de informação	37
2.3	Uso da informação	48
2.4	Fatores que Interferem no Processo de Busca e Uso da Informação	51
2.5	Modelos de Comportamento Informacional	54
2.6	Pesquisas que Abordam a Temática do Comportamento Informacional	68
3	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	77
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	86
4.1	Participantes da Pesquisa	87
4.2	Instrumento de coleta de dados e pré-teste	88
4.3	Estratégias utilizadas para a Coleta e Análise de Dados	89
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	90
5.1	Caracterização dos Participantes	90
5.2	Necessidades Informacionais nas Práticas de Pesquisa	93
5.3	Fontes de Informação mais Utilizadas	97
5.4	Estratégias e Procedimentos para a Busca da Informação	104

5.5	Dificuldades durante o Processo de Busca da Informação.....	109
5.6	Satisfação das Necessidades Informacionais.....	112
5.7	Capacitação para o Processo de Busca da Informação.....	113
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
	REFERÊNCIAS.....	125
	APÊNDICE	135
	Apêndice – Questionário Eletrônico	136

1 INTRODUÇÃO

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no tratamento e na recuperação da informação trouxe novas perspectivas para os serviços de informação. As fontes de informação deixaram os padrões tradicionais e atualmente o que se observa é que cada vez mais as publicações científicas são realizadas e disponibilizadas no meio digital. Por influência cada vez maior das tecnologias as pessoas disponibilizam seus trabalhos na rede e há inúmeras fontes que agora só existem no meio digital. É o caso de muitos periódicos que deixaram de ser impressos para se tornarem exclusivamente eletrônicos. Também podemos citar os *e-books* que são livros em versões digitais e as fontes institucionais, que atualmente armazenam seus dados em sistemas “de nuvens”, como, por exemplo, os repositórios.

Após uma reflexão sobre como essas mudanças afetam o contexto das práticas de pesquisas é possível observar que a grande maioria dos estudantes desenvolve seus trabalhos utilizando os recursos que estão disponíveis no meio eletrônico. E é cada vez mais crescente o número de pessoas que utilizam o meio digital, porque oferece mais rapidez e comodidade, mas essa disponibilidade ilimitada de recursos informacionais pode apresentar alguns problemas. Segundo Gasque (2012) as mais variadas formas de armazenamento e recuperação de informações podem representar dificuldades para determinadas pessoas, pois são necessárias novas e diversificadas habilidades para buscar e utilizar a informação. Dessa forma, ainda segundo a autora, há a necessidade do desenvolvimento das habilidades para melhorar as buscas.

Dado esse contexto, esta pesquisa aborda o comportamento informacional, que ocorre em etapas e pode ser verificado nos mais diversos tipos de população. O foco, mais especificamente, está na etapa da busca de informação por estudantes de pós-graduação.

Esta pesquisa foi realizada por considerar que um problema que, comprovadamente, ocorre em vários níveis de formação pode também ocorrer com estudantes de pós-graduação. Um levantamento na literatura possibilitou localizar pesquisas com enfoques e preocupações semelhantes. Isso demonstra que é um problema recorrente no meio educacional, nas suas mais variadas atividades.

Pesquisas como as realizadas por Pieruccini (2004), Caregnato (2003) e Costa e Ramalho (2010) evidenciam que, apesar dos recursos tecnológicos terem facilitado muito o acesso à informação, uma parcela ainda não desenvolveu as habilidades necessárias para realizar as buscas de forma satisfatória.

Conforme Guerrero (2009) as buscas são realizadas nos vários níveis de estudo, mas na pós-graduação é possível observar que os estudantes estão mais envolvidos nesse processo, porque as práticas de pesquisa exigem muito mais informação do que em outros níveis. Quanto maior o grau de exigência, maiores as necessidades e mais intensos são os processos de buscas.

Em face desses argumentos e refletindo acerca dos possíveis desafios que tem exposto um problema em várias populações e que pode ocorrer também nas práticas de pesquisa de pós-graduação, esta pesquisa procurou encontrar a resposta à seguinte questão: tendo conhecimento dos inúmeros recursos informacionais disponíveis, os estudantes de pós-graduação dispõem das habilidades necessárias para buscar as informações de que necessitam para as suas práticas de pesquisa? E como ocorre esse processo de busca?

É um fato que a informação é um recurso muito valioso, no entanto, estamos diante de uma “avalanche” de dados e que em meio a esse “oceano” de registros torna-se necessário o desenvolvimento de habilidades que facilitam encontrar aquilo que realmente é útil (ECO, 2000). As tecnologias oferecem inúmeras possibilidades em tempo recorde e na palma da mão, mas toda essa novidade pode representar barreiras para algumas pessoas.

No contexto em que vivemos as pessoas se conectam cada vez mais precocemente. É possível observar crianças de pouca idade realizando buscas no ambiente digital sem precisar sair de casa, chamados em algumas pesquisas de “nativos digitais”. Praticamente “tudo” sobre “todas” as coisas está disponível na rede, mas pode ser que algumas pessoas não estejam aptas para satisfazerem as suas necessidades informacionais.

Diante da diversidade de recursos as pessoas que desenvolveram melhores estratégias para acessar e recuperar as informações podem poupar esforços e recursos. Por outro lado, pode existir uma parcela de pessoas com menos domínio desses recursos que podem se desgastar mais ou ter um dispêndio maior de recursos importantes, um deles o tempo. Assim, pretendemos, por meio

desta pesquisa, investigar o processo de busca da informação nas práticas de pesquisas realizadas por pós-graduandos para compreender melhor essa realidade.

Para tal, foi selecionada uma amostra de estudantes de pós-graduação, onde foi realizada uma investigação de como esses estudantes identificam as suas necessidades informacionais e quais fontes de informação são mais utilizadas para as buscas. Em seguida, foram levantadas as estratégias e os procedimentos utilizados para a obtenção da informação. Finalmente, identificamos as principais dificuldades encontradas durante o processo de busca e obtenção de informação.

É relevante considerar que ao iniciar um curso de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado) há a probabilidade que muitos estudantes não se sintam preparados para a pesquisa e esse fenômeno gera uma lacuna entre as necessidades e sua prática. Essas lacunas podem se traduzir no reconhecimento de tais “vazios” e de que não desenvolveram até aquele momento as habilidades para realizarem os outros processos que constituem uma busca informacional.

O estudo do comportamento de busca tem se desenvolvido em várias áreas e com diversificadas populações e são mais visíveis os trabalhos que abordam a comunicação científica e o comportamento de pesquisadores. Há também na literatura uma quantidade maior de estudos que investigam esses processos quando desenvolvidos por estudantes de níveis médio e superior, já quando se trata de pesquisas que envolvam alunos de pós-graduação observa-se que existe um número menor de trabalhos publicados.

Considerando esses argumentos a presente pesquisa buscou colaborar com o fortalecimento dos estudos na área da Ciência da Informação, mais especificamente na abordagem do comportamento de busca de estudantes de pós-graduação. Pretendemos ainda contribuir com as pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, na linha de pesquisa Compartilhamento da Informação e do Conhecimento, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Estadual de Londrina.

Também levantamos dados para a reflexão e propomos ações que auxiliem as pessoas a perceberem a importância de se desenvolver habilidades para a busca nos vários níveis de aprendizagem, principalmente no nível de pós-graduação. Ainda, por meio dos resultados que foram coletados com a realização da pesquisa encontramos indícios que conduziram para uma melhor reflexão em torno

dos possíveis problemas enfrentados pelos pós-graduandos durante o processo de busca da informação. Considerando o exposto, a seguir apresentamos os objetivos da presente pesquisa.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Investigar o processo de busca da informação nas práticas de pesquisas realizadas por pós-graduandos.

1.1.2 Objetivos específicos

- verificar como os estudantes de pós-graduação identificam as suas necessidades informacionais durante suas práticas de pesquisa;
- identificar quais as fontes de informação são mais utilizadas para a busca da informação;
- levantar as estratégias e procedimentos utilizados para a obtenção da informação;
- identificar as principais dificuldades encontradas pelos pós-graduandos durante o processo de busca e obtenção de informações.

1.2 Estrutura da Pesquisa

A pesquisa está estruturada de forma a abordar o comportamento informacional, descrevendo suas etapas, com ênfase no processo de busca da informação. O referencial teórico se inicia com a apresentação de conceitos e definições utilizados pelos pesquisadores na área da Ciência da Informação no que se refere ao comportamento informacional. Em seguida, são estudadas as necessidades informacionais, demonstrando que todo o processo pode dar início se tais necessidades forem identificadas e se houver ações no sentido de atendê-las.

Tratamos da busca da informação, que é uma das etapas mais relevantes do comportamento informacional e abordamos as estratégias para as buscas e as fontes de informação que são essenciais para qualquer pesquisa. A seguir, o uso da informação é abordado, apresentando conceitos pertinentes à

compreensão da temática. Os fatores que interferem no processo de busca e uso da informação também são apresentados e fornecem subsídios para entendermos como alguns fatores podem interferir nas etapas do comportamento. Ainda, são descritos alguns modelos de comportamento de busca, que são representações propostas por estudiosos da área. Para finalizar a abordagem a respeito do comportamento de busca, foram descritas pesquisas que abordam a temática, onde procuramos relatar como a busca da informação tem sido investigada.

Procuramos dar mais embasamento ao estudo abordando a competência em informação, que é uma linha de estudos relevante para compreender as habilidades necessárias para desenvolver o comportamento informacional. Na sequência, estão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados, os resultados e sua discussão. Para finalizar, fizemos algumas considerações finais a respeito dos resultados obtidos com a pesquisa.

2 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

Ao estudar a evolução humana é possível perceber um fato muito relevante: informação é o elemento fundamental para todas as atividades. Nos primórdios havia a necessidade de sobrevivência e todos os esforços eram para atender essa situação muitas vezes considerada emergente. Com o passar dos anos foram desenvolvidas novas técnicas, métodos de produção e de vida e por conta disso sobrando mais tempo para outras atividades. A atenção foi se voltando para novas descobertas – as ciências e os conhecimentos científicos foram sendo aperfeiçoados – e surgiu a oportunidade de crescer e ir muito além do simples sobreviver.

Desde que o homem se organizou para viver em sociedade existiu uma busca por informações, seja do lugar onde se instalaria ou do que iria viver. Toda a evolução humana foi possível porque houve busca por informações para atender as necessidades e resolver questões que tornariam a vida melhor. As necessidades é que geram buscas. As pessoas sempre buscam por informações diante de situações que precisam de respostas, de acontecimentos ou ocasiões que geram a percepção de que não se tem todas as informações necessárias para aquela demanda.

Logan (2012) argumenta que a informação está em todo lugar e em “tudo”. A partir do momento em que existe a busca por informação pode acontecer uma mudança no conhecimento que as pessoas possuem, sendo um processo às vezes simples e outras vezes muito complexo. Sempre há procura, em maior ou menor grau, mas é fato que quando existem questões importantes a serem resolvidas essas buscas se intensificam.

Muitos eventos e descobertas modificaram o modo de vida das pessoas e com o passar do tempo todas as atividades sofreram transformações, interferindo diretamente nos comportamentos humanos. Isso ocorre quando existe a percepção de que não se tem o bastante ou quando há a insatisfação em algum sentido é que as pessoas se mobilizam em direção a uma mudança. A isso denominamos “necessidade” e quando a demanda é por informação temos uma “necessidade informacional”.

Assim, diante dessas novidades, segundo Bartalo, Di Chiara e Contani (2011), o comportamento humano se modificou, sendo que se entende por comportamento o conjunto de ações de uma pessoa diante de uma situação ou acontecimento de forma que esta conduta pode ser influenciada por sentimentos, motivações ou situações.

O comportamento pode ser descrito basicamente como o que a pessoa faz em relação ao meio em que vive e na relação com os outros seres. O conhecimento científico desenvolvido até os dias atuais aponta que existe uma multiplicidade de comportamentos humanos, mas aqui será abordado o comportamento informacional que é o que a pessoa faz em relação à informação.

Wilson (1999) argumenta que o comportamento informacional já existia antes dos estudos e da definição dos termos pelos pesquisadores da Ciência da Informação. Os pesquisadores, ao elaborarem tais estudos, constataram que primeiro as pessoas percebem a existência de lacunas entre o que elas sabem e o que precisam saber para resolver alguma demanda. Essa percepção pode desencadear processos de buscas e usos da informação ou não resultar em nenhuma ação dependendo da relevância da situação em questão. De uma maneira geral tudo que a pessoa faz ou não faz em relação a informação pode ser definido por comportamento informacional, podendo a pessoa se comportar ativa ou passivamente.

Complementando, Wilson (1999) afirma que o comportamento informacional pode ser descrito pelas ações que as pessoas desenvolvem em relação à utilização de fontes e canais de informação. A pessoa busca por informações porque surgiu uma necessidade. Todos os atos físicos e cognitivos que realiza são para adquirir novas informações para alterar o conhecimento que detém. Após ter acesso a informação de que procurava, podem surgir outras etapas como a apropriação, uso, alteração e compartilhamento.

Davenport (1998) em suas pesquisas nos apresenta o comportamento informacional como o modo das pessoas lidarem com a informação. Desde quando surgem as necessidades informacionais, a decisão de iniciar diversos processos como a busca, o uso, a alteração, a troca, o acúmulo, o compartilhamento ou também o ato de ignorar (pelo simples fato de não perceber a relevância) a informação.

Miranda (2006), em concordância, comenta que o comportamento informacional é o conjunto de atividades desenvolvidas pelas pessoas com relação à informação, sendo que podem desenvolver ações para adquiri-la, utilizá-la e compartilhá-la. Complementando, a autora reforça que o contexto, juntamente com outros fatores, pode afetar estas ações e a relação das pessoas com a informação.

Ampliando a reflexão, Miranda (2006) afirma que para realizar estudos com enfoque no comportamento informacional precisamos considerar três abordagens que são indispensáveis para compreender as ações das pessoas com relação a informação. São elas as abordagens cognitivas (onde o foco está nas pessoas), sociais (foco nos contextos) e multifacetadas (foco nas pessoas e no contexto).

Pesquisadores como Choo (2009), Miranda (2006), Wilson (1999) e outros comentam que o comportamento informacional pode ser descrito como as ações praticadas por uma pessoa diante de uma necessidade de informação. É a falta da informação que ainda não tem que leva a pessoa a pensar no que precisa ser realizado, avaliando, comparando e realizando alguma ação no sentido de suprir ou ignorar a necessidade. O primeiro passo sempre é o reconhecimento da necessidade, depois a pessoa pode buscar, utilizar, armazenar, alterar e compartilhar. O que é realizado em relação a informação é o que caracteriza o comportamento informacional, como é uma forma de comportamento humano pode variar conforme a pessoa no contexto em que essa esteja inserida.

Quando abordamos a questão do contexto torna-se necessário dispensar uma atenção maior porque é um fator que influencia o comportamento dos indivíduos de maneira direta. Em seus estudos Wilson (1999) argumenta que o contexto pode ser definido como um conjunto de fatores relativos às pessoas e as situações que as envolve. O contexto no qual uma pessoa está inserida pode determinar todas as suas ações e, portanto, influenciar indiscutivelmente o comportamento informacional.

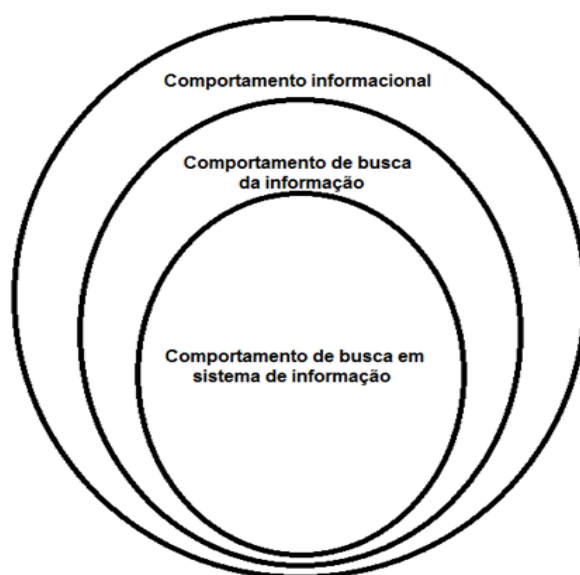
Dessa forma, é possível perceber que o comportamento informacional deriva de vários fatores. Estes podem ser os sentimentos ou motivações das pessoas, os fatores sociais e cognitivos que influenciam a conduta diante das necessidades e as questões culturais. Diante do exposto, podemos sintetizar que comportamento informacional é o modo como as pessoas lidam com a informação, incluindo o reconhecimento de necessidades, a busca, o uso, o

acúmulo, compartilhamento e até o fato de ignorar a informação em dado momento. Ignorar no sentido de não perceber o valor da informação perante uma circunstância ou não conseguir ter acesso para utilizá-la.

Como o foco desta pesquisa está voltado para a busca é relevante compreender que o comportamento informacional é um campo de investigação mais amplo, que engloba a etapa da busca. Nesta etapa podemos estudar a busca em sistemas de informação.

Wilson (2000) nos apresenta definições que diferenciam as dimensões de estudo. Demonstra que podemos estudar o comportamento desde o macro – comportamento informacional como um todo, com várias etapas – até o micro – um aspecto de uma etapa, que nesta pesquisa é o usuário da informação interagindo com os sistemas de armazenamento e recuperação de dados durante as buscas. A figura 1 representa este modelo como sendo um conjunto, do maior para o menor.

Figura 1 – Modelo proposto por Wilson para as áreas de pesquisa



Fonte: Wilson (2000, p. 52, tradução nossa)

Hjørland (2003) argumenta que o comportamento de busca por informação frente aos sistemas pode apresentar variações conforme as características do indivíduo. Cada área do conhecimento humano tem suas especialidades e por isso as pessoas podem buscar conforme o que aprenderam em suas áreas de formação. As fontes de informação utilizadas e as técnicas e métodos empregados podem variar de uma área para outra.

No intuito de partir do macro para o micro e construir um referencial ordenado e consistente serão descritas a seguir as etapas que constituem o comportamento informacional. É relevante salientar que será dispensada maior atenção para o comportamento informacional de busca por ser o enfoque principal desta pesquisa. Apresentaremos também pesquisas que abordam a temática e os principais fatores que podem afetar o comportamento.

2.1 Necessidades Informacionais

O acesso à informação é fundamental para qualquer coisa que nos propomos realizar e todas as pessoas desenvolvem necessidades de informação. Essas necessidades surgem quando há uma questão a ser resolvida ou qualquer atividade que precisa ser realizada e as pessoas percebem que não sabem o suficiente. A atenção dispensada à necessidade varia conforme a relevância e a complexidade da questão ou tarefa, podendo muitas vezes ser até ignorada por algumas pessoas. São necessárias informações para pensar e decidir, com isso observamos que a necessidade está presente na vida de todos, mesmo nas tarefas mais elementares.

Burnkrant (1976) procurou definir as necessidades informacionais como representações cognitivas de algo que poderia se realizar no futuro – no qual a pessoa pensa no que precisa ou naquilo que não tem e que pode resultar em ações para conseguir. As necessidades possuem, desta maneira, características subjetivas, considerando que a cognição é algo individual, inconstante e variável de pessoa para pessoa.

Posteriormente e em concordância, Wilson (1981), em suas pesquisas, procurou definir o conceito de necessidade informacional descrevendo como uma experiência subjetiva que ocorre na mente de cada pessoa, sendo assim variável e não diretamente observável. Pode ser possível tentar compreender as necessidades de outras pessoas se forem observados os comportamentos ou se forem realizados diálogos para saber quais são as necessidades. A pessoa precisa exteriorizar suas necessidades se desejar que os outros saibam quais são e se desejar receber auxílio.

Derr (1983), considera que as necessidades informacionais precisam ser estudadas de forma objetiva, porque não são estados psicológicos. De acordo com o autor, existe uma condição observável entre a informação e suas utilidades. De uma maneira geral, é preciso um propósito ou um motivo para a informação ser gerada, para que as pessoas realizem a busca e para que seja utilizada.

Ainda segundo Derr (1983) não ter uma informação não resulta necessariamente numa falta e nem simplesmente querer uma informação pode se tornar uma necessidade. E mesmo que a pessoa tenha adquirido muitas informações pode não extinguir suas lacunas, ou seja “poderá ser necessário mais informação a qualquer momento”, criando um ciclo onde a necessidade pode se fazer sempre presente.

Quando as pessoas reconhecem suas necessidades por informação e sabem defini-las é mais fácil atender a demanda. Porém, é um problema quando as pessoas não sabem identificar suas necessidades, quando não conseguem defini-las ou quando não conseguem exteriorizá-las, podendo, portanto, não serem compreendidas pelos outros que poderiam ajudar a satisfazê-las.

Segundo Choo (2003) as pessoas precisam de informação para resolver problemas ou desenvolver tarefas e isso gera a necessidade informacional. As sociedades com enorme complexidade de atividades é que determinam o valor das informações e as necessidades surgem quando qualquer pessoa resolve realizar algo. É quando se percebe que existe uma diferença entre o que ela sabe e o que precisa saber para responder alguma questão ou realizar uma atividade.

Como a sociedade atual está cada vez mais dependente das tecnologias e como o tempo se tornou um dos recursos mais valiosos que existe, pode acontecer de ampliar em muito o valor da informação devido à urgência que a pessoa tem em conseguir acessar e utilizar os dados de que precisa. Apesar das tecnologias já não serem mais consideradas novas tecnologias, o que é possível observar é o surgimento de novos problemas decorrentes da inovação para pessoas pouco habituadas com os processos e técnicas de utilização dos sistemas de informação.

É relevante refletir acerca de como as tecnologias permeiam as necessidades por informação nos mais variados segmentos, com realidades muito diferentes. Há uma parcela de pessoas que nasceram e cresceram utilizando os

meios de comunicação e informação (nativos digitais) e estão, portanto, familiarizadas com as técnicas de utilização. Mas cabe enfatizar que as necessidades de pessoas pouco habituadas com as tecnologias são distintas e podem ser muito mais complexas. Não basta ter acesso à internet e a muita informação, é necessário dominar os recursos e ter acesso a informações de qualidade.

Miranda (2006) afirma que quando surgem novos problemas ou atividades é necessário que se resolva com mais dados, sendo que todo o trabalho realizado é no intuito de atender a uma necessidade informacional, da própria pessoa ou de outras. Para que as necessidades sejam atendidas e as pessoas consigam resolver suas questões nem sempre o que conta é a quantidade de informação, mas a qualidade e isto representa sua utilidade. Diante de uma situação pouco ou nada adianta milhares de informações se nenhuma delas solucionar problemas ou ajuda a atingir os objetivos.

Leckie, Pettigrew e Sylvain (1996) comentam que quanto mais relevantes, complexas e urgentes as necessidades informacionais forem, mais demandarão esforços e recursos para supri-las. Portanto, a relevância que a informação adquiriu e a complexidade da necessidade poderá determinar todas as outras etapas do comportamento informacional. A urgência é outra característica que pode envolver uma necessidade, determinando o comportamento que será adotado pela pessoa e muitas vezes contribuindo para agregar valor a informação.

Vários estudiosos do comportamento informacional, dentre eles Wilson (1999), Garcez e Rados (2002), Choo (2003) e Gasque (2012) concordam que uma necessidade informacional surge quando um indivíduo se depara com situações ou questões que necessitam de mais informação para serem atendidas. É quando reconhece que não tem conhecimento – e este é resultado do processo de aquisição de novas informações que modificam o que já se sabe – suficiente para atender a respectiva demanda. Quanto mais complexa a questão ou atividade a ser desenvolvida pela pessoa mais poderá demandar por informação ou agregar valor.

Garcez e Rados (2002) também defendem que as necessidades produzem nas pessoas um estado no qual há a percepção de falta, ao ponto de incitar a alguma ação, mesmo que seja a de ignorar. A partir do momento em que há uma situação que exige mais informação a pessoa se vê obrigada a tomar uma posição, seja a de suprir ou suprimir a necessidade.

Para Choo (2003) as necessidades de informação são muitas vezes entendidas como as necessidades cognitivas de uma pessoa para resolver situações que surgem ao longo das atividades. Uma necessidade incita uma pessoa a agir porque há uma falta de conhecimentos diante de algumas situações e por conta disso precisam realizar buscas para atenderem seus interesses.

É consenso entre os estudiosos, dentre eles Choo (2003), Davenport (1998), Crespo e Caregnato (2006), Gasque (2012) e Garcez e Rados (2002) que a necessidade pode ser maior ou menor dependendo da situação e do contexto das pessoas envolvidas. Para algumas pessoas a necessidade é maior por conta das atividades que realiza e para outras pode ser menor porque seus interesses são muito simples e carecem de menos dados.

Na pós-graduação as práticas de pesquisa são intensificadas e por se tratar de pessoas que estão fortemente envolvidas em trabalhos científicos desenvolvem necessidades informacionais distintas de outras populações. É um momento da vida dos estudantes que permite uma compreensão de como relevância, rigor e urgência podem moldar as necessidades informacionais.

A produção científica exige dos estudantes muita disciplina e pelo fato de as pesquisas acadêmicas apresentarem um grau maior de exigências é que se ampliam as necessidades dessa população. É também um momento que o estudante precisa atentar para suas necessidades tomando muito cuidado para evitar a urgência devido a falta de planejamento ou pouco conhecimento de suas necessidades. É fundamental que o estudante compreenda suas necessidades informacionais e saiba defini-las muito bem para evitar desperdícios de recursos, um deles o tempo.

Por meio de um levantamento bibliográfico foram identificados alguns trabalhos que tratam da questão das necessidades informacionais de estudantes de pós-graduação e de outras populações, o que permite uma breve reflexão a respeito dessa diferença entre os níveis de necessidades.

São trabalhos como o de Costa e Ramalho (2010) e Oliveira (2013) que enfocam o ensino e a pós-graduação, Faria (2010) que trata de usuários de bibliotecas, de Caregnato (2003) em ambiente de pós-graduação e de Gasque (2012) que aborda a questão em vários níveis. Quando são comparados os estudos e suas populações frente às necessidades informacionais torna-se possível compreender que as ações que as mesmas realizam para supri-las são diferentes. É

muito evidente que os alunos de pós-graduação se envolvem nas atividades de busca de maneira muito mais intensa por conta das exigências das práticas de pesquisa, que requerem um pouco mais de critérios do que nos outros níveis de formação.

Outra questão que precisa ser levada em consideração é que os alunos de pós-graduação por desenvolverem atividades ligadas às práticas científicas e, portanto, com algumas diferenças das outras populações é desejável que conheçam bem suas necessidades e que tenham desenvolvido habilidades para executarem os processos de busca. Há uma expectativa maior para um grau de necessidade maior, em qualquer momento da formação. É desejável de qualquer discente um empenho e comprometimento, principalmente num programa de pós-graduação.

Como pesquisadores é fundamental que entendam as características de um trabalho científico, que saibam estabelecer um enfoque para direcionar suas necessidades informacionais, que tenham conhecimentos de estratégias de buscas, que conheçam os canais e fontes de informação e que, essencialmente, dominem as ferramentas utilizadas na comunicação. De posse desses conhecimentos é possível definir com mais facilidade quais são as necessidades informacionais e poupar recursos direcionando os esforços para as fontes certas. Isso em qualquer etapa da formação.

Para Oliveira (2013) as necessidades informacionais dos alunos de pós-graduação vão se tornando mais específicas, mais profundas e gradativas. A partir do momento em que a pessoa se insere nas práticas de pesquisa, se desencadeia um processo que avança em ritmo mais acelerado e observa-se também que as necessidades se especificam a cada momento e torna-se necessário o estabelecimento de um foco. Partindo de um ponto específico as necessidades são direcionadas para a seleção de fontes que atendam tais demandas e as buscas se tornam mais criteriosas.

As tecnologias disponibilizaram recursos para a produção de trabalhos científicos bem elaborados, com referencial teórico relevante e consistente, porém, requer habilidades. A informação científica está cada vez mais acessível e em diversos canais e fontes, mas se mistura em meio a muita informação superficial e desnecessária. A popularização da internet contribuiu para que as necessidades fossem supridas facilmente, já que a informação circula velozmente por praticamente

todas as partes do mundo. Quando um trabalho é publicado seu acesso é simultâneo e sua divulgação se tornou mais ampla.

Após o reconhecimento das necessidades informacionais e decisão de que uma ação precisa ser iniciada, parte-se para outra etapa desse processo comportamental de possível alteração do conhecimento que é o comportamento de busca.

2.2 A Busca da Informação

A busca de informação é uma etapa relevante porque quando ela não ocorre todo o comportamento informacional fica limitado ao simples fato de compreender que se tem uma necessidade por informação e ignorá-la. Conseqüentemente, não há uso, não há apropriação, nem alteração ou sequer compartilhamento.

Segundo Wilson (1999) a busca é uma etapa que consiste na tentativa, de maneira intencional, de encontrar informações para atender uma necessidade. É uma forma de comportamento que pode fazer a pessoa interagir com vários tipos de sistemas de informação e com outras pessoas em determinados contextos sociais.

Case (2002) comenta que após a pessoa reconhecer que há uma falta de conhecimento, ela pode desenvolver um comportamento ativo e intencional para encontrar e utilizar os dados para atender suas necessidades. Nessa mesma perspectiva, Spink e Cole (2006) definem a busca como uma etapa – ou conjunto de ações - do comportamento informacional em que a pessoa pode desenvolver atividades de maneira intencional com a finalidade de atingir seus objetivos.

Miranda (2006) argumenta que um dos mais relevantes tipos de comportamento informacional é a busca, que é desenvolvida no sentido de procurar as informações nos mais variados canais e fontes, sendo que todo o trabalho realizado é no intuito de atender uma necessidade informacional, muitas vezes emergente. Além disso, não se pode perder de vista que todo processo de busca envolve um trabalho cognitivo e, portanto, pode variar conforme as percepções da pessoa.

Nessa direção, Choo (2006) comenta que buscar é o ato de procurar o que se precisa onde a pessoa vive ou nas fontes disponíveis que se tem acesso e que esse processo começa com a necessidade, depois a busca propriamente dita e se houver sucesso permitirá o uso. Esses estágios tendem a se desdobrarem e entrelaçarem ao mesmo tempo com uma ou mais atividades. Conforme já mencionado, a primeira etapa do comportamento informacional é a identificação das necessidades, depois a pessoa parte para a busca e posteriormente ocorre o uso da informação gerando muitas vezes um trabalho de ida e vinda em torno dessas buscas. Esse mesmo autor, ainda complementa que a busca por informação é um processo humano e social por meio do qual a informação é avaliada como útil para uma pessoa ou grupo de pessoas e conforme a circunstância.

Para Crespo e Caregnato (2006) o comportamento de busca de informação ocorre no reconhecimento de alguma necessidade e pode resultar em ações no sentido de preencher a lacuna. De uma maneira geral pode ser conceituada como a procura proposital de informações para solução de dúvidas ou de problemas. É realizada em fontes que disponham de informação considerada relevante, geralmente exigindo que se conheça tais fontes e os procedimentos de como recuperar os dados.

O comportamento de busca de informação acontece nos mais diversos contextos da vida das pessoas devido às atividades que desempenham. No contexto acadêmico, no entanto, onde a geração de conhecimento novo se baseia na utilização de informações já publicadas por outros, é um comportamento que aparece com mais frequência e de forma mais crítica (CRESPO; CAREGNATO, 2006).

De acordo com Gasque (2012) a busca é uma etapa muito relevante do comportamento informacional. Pode ser descrita como o conjunto de ações no sentido de encontrar informações nos sistemas, sejam físicos ou virtuais. Enfatiza que se a busca não for realizada simplesmente termina ali o comportamento informacional, onde se percebeu uma necessidade, porém, não foi adiante. A pessoa necessita da informação e, por um ou por vários motivos, pode decidir não realizar as buscas e isso impede a alteração do que a pessoa conhece.

O comportamento de busca muitas vezes pode ser confuso e falho porque não houve um ensino, um direcionamento para que as pessoas desenvolvessem as habilidades para buscar. O problema é preocupante e pode ter

origens profundas porque as pessoas não foram ensinadas em casa, uma vez que muitos acreditam que é uma atividade para a escola. No entanto, essa instrução também pode não ocorrer nos vários anos de educação formal. O que a escola almeja realizar é ensinar seus alunos a ler, escrever e fazer cálculos. É evidente que a escola deve fazer isso, mas precisamos ir além.

Desde o ensino básico e fundamental as crianças vão aprendendo a ler e escrever, mas não a desenvolver um comportamento de busca independente. Fazem a leitura do que lhes oferecem. A biblioteca é apontada como uma fonte de informação, mas sem uma boa formação as pessoas apenas consultam o que lhes foi cobrado. Esperamos que nos anos seguintes, conforme avançam nas séries escolares, venham a corrigir essa deficiência na formação dos estudantes. O que novamente pode não ocorrer e os estudantes ingressam no ensino superior apenas seguindo o que lhes é cobrado ou persistindo nas práticas de decorar informações.

Há uma deficiência na formação voltada para o desenvolvimento de um comportamento de busca eficiente. Tal formação possibilitaria as pessoas conseguirem identificar suas necessidades e defini-las, onde seriam incentivadas a conhecer novas fontes e seus recursos. Também seriam motivadas a dominarem as técnicas de recuperação de informação.

Este é um problema que é largamente discutido entre os pesquisadores em Ciência da Informação, dentre eles Pieruccini (2004) e Gasque (2012), que afirmam que o fato dos estudantes não serem formados para ter um comportamento de busca ativo, intencional e consciente, constitui-se em um problema que poderá permanecer além da graduação e acompanhar a pessoa por toda sua vida.

Gasque (2012) afirma que os estudantes não são formados para buscar informações nos mais diversos canais e fontes disponíveis. Desde o ensino básico há falhas no aprendizado e os estudantes chegam às universidades sem conhecerem as fontes e muitos não sabem como desenvolver uma busca mais completa e que venha satisfazer as necessidades de informação.

Pieruccini (2004), em concordância, afirma que os estudantes geralmente não aprenderam a pesquisar em nenhum momento de sua formação. O que, na maioria das vezes, acontece é que não foram ensinados a pesquisar em suas casas, nem na escola e nem nas bibliotecas. Poucas são as exceções que tiveram em seus lares pessoas que apoiavam e incentivavam a pesquisa, que

obtiveram uma educação voltada para desenvolver um comportamento de busca mais apurado ou ainda que tiveram a sorte de encontrar bons profissionais ao longo de sua formação e que contribuíram para aprimorar suas habilidades para encontrar as informações de que precisavam.

Ainda, segundo Pieruccini (2004) o comportamento de busca é um conjunto de ações que as pessoas podem realizar para encontrar os dados que poderão ser utilizados. Ela argumenta, numa visão mais ampla, que não é somente localizar e processar. Buscar informação é um comportamento que precisa ser um movimento duplo e dinâmico de criação de identidade e elaboração de significados para cada um e para o mundo em que vive.

Compreendendo que buscar por informação não é o simples agir no sentido de localizar dados, torna-se relevante refletir que é primordial que as pessoas saibam planejar suas buscas. Planejamento para identificar as melhores fontes, indo além das que utilizam habitualmente, quais as técnicas possíveis de serem adotadas, quais resultados esperam encontrar e o que pode ser feito caso os resultados sejam insatisfatórios ao acessar os canais e fontes escolhidos.

Essa ideia é reforçada por Gasque (2012) ao afirmar que o comportamento de busca precisa ser organizado para atender as necessidades. A autora enfatiza que, assim como as necessidades precisam ser reconhecidas e bem definidas, o comportamento de busca precisa ser direcionado para encontrar resultados satisfatórios. Nas pesquisas realizadas pela pesquisadora foi constatado que quando desenvolvemos o comportamento de busca temos a tendência em utilizar apenas recursos básicos dos sistemas de informação, o que nem sempre isso é o mais eficiente. Como as buscas podem ser ineficientes, conseqüentemente, as outras etapas do comportamento informacional serão afetadas e isso é devido a falta de conhecimento e de consciência acerca dos processos de busca.

Leckie, Pettigrew e Sylvain (1996) explanam em suas pesquisas a respeito da relevância do comportamento de busca. Apontam que os resultados encontrados dependiam da maneira como as pessoas buscam a informação. Quanto mais conhecimento detém acerca dos processos que envolvem as buscas, melhores podem ser os resultados.

Hjorland (2002) realizou estudos a respeito da organização e tratamento da informação e concluiu que as buscas podem ser realizadas de maneira diferente pelos indivíduos. A área de conhecimento na qual cada um

pertence pode influenciar no comportamento frente aos sistemas de armazenamento e recuperação de dados.

Algumas áreas podem ter desenvolvido algumas ações para a capacitação de seus integrantes. Um tipo de ação que pode ser promovida é a instrução para a utilização das estratégias de busca, por conta disso precisamos conhecer o que são e qual a finalidade de utilizá-las.

2.2.1 Estratégias para a busca de informação

A utilização da internet cresce em ritmo muito acelerado e isso contribui para que tenhamos cada vez mais acesso ao conhecimento. A distância e outras diferenças – idiomas, espaços territoriais, costumes, condições sociais, culturais e econômicas – já não representam barreiras para a comunicação. Tendo conhecimento de que os computadores e a internet trouxeram inúmeras possibilidades, torna-se necessário refletir a respeito das habilidades necessárias para se realizar as buscas por informação, dentre elas o conhecimento e o domínio de estratégias de busca.

Goulart e Júnior (2007) comentam que a internet faz parte da vida em sociedade tanto que a maior parte das buscas tem ocorrido nesse meio. Uma quantidade maior de dados se apresenta como um elemento que causa dificuldades para determinados públicos, porque a busca por informações específicas pode não ser um processo muito simples. Mesmo que exista bastante informação e de forma completa, será inútil caso não encontremos o que precisamos no momento das pesquisas.

Autores como Caregnato (2003), Lopes (2002) e Pieruccini (2004) afirmam que aquele que busca, além de conhecer o assunto, precisa identificar os diferentes recursos das fontes, avaliar as possibilidades de usar determinadas estratégias e dominar as respectivas técnicas para encontrar a informação que irá utilizar. A pesquisa é considerada uma procura no “imenso oceano de informações” no qual estamos inseridos. Portanto, definir quais serão as fontes e as estratégias

mais adequadas antes de realizar a procura é fundamental para todo o processo de busca e pode contribuir para que os resultados sejam mais satisfatórios.

Como dito, os pesquisadores da atualidade têm acesso a uma quantidade muito maior de publicações do que nos sistemas anteriores, que eram predominantemente impressos. Isso contribui muito para o crescimento das produções e pode resultar num aumento de qualidade no momento em que as buscas por informação estão sendo realizadas. Como há maior quantidade surgiram novas possibilidades e não se pode perder tempo em buscas ineficientes. No entanto, um fato a ser considerado é que para a obtenção de resultados de boa qualidade, torna-se necessária uma busca bem direcionada por meio da utilização de técnicas apropriadas. As estratégias possibilitam buscas mais assertivas, afunilando para resultados específicos que evitam perda de recursos, dentre eles o tempo.

A Web tem participado efetivamente das atividades rotineiras de milhões de usuários dos sistemas computacionais e sua aplicação aos locais de trabalho tem sido indispensável em muitos casos, principalmente nos meios educacionais. Estas atividades podem ser prejudicadas quando se desperdiça horas em buscas ineficientes, portanto análises devem ser empreendidas para se compreender melhor os processos de pesquisa implementados pelos usuários. (GOULART; JÚNIOR, 2007, p. 54)

Quando é realizado um estudo para apresentar uma ideia do que é uma estratégia de busca pode-se recorrer primeiramente às definições isoladas das palavras e ao associá-las tem-se um conceito ou noção do que está sendo tratado aqui. No dicionário Aurélio “estratégia” é um termo inicialmente utilizado para definir ações militares de planejamento rigoroso e bem disciplinado do que se irá realizar, ou seja, conhecer os melhores caminhos e técnicas para se conseguir atingir um objetivo. Também no dicionário Aurélio pode-se encontrar que “busca” é o ato de procurar, que nesta pesquisa é no sentido de procurar dados num sistema composto por fontes de informação que armazenam documentos para serem, posteriormente, recuperados.

É relevante expor que há outros termos utilizados pelos estudiosos em Ciência da Informação que podem ser sinônimos de busca, um deles é “recuperar” ou ainda “resgatar”, no sentido de encontrar dados que foram

armazenados. Esta pesquisa sempre adotará o termo busca por ser mais recorrente na literatura atualmente.

Ao associar as definições desses termos tem-se que estratégia de busca é o conjunto de regras ou técnicas que pode ser estabelecido para nortear o comportamento de busca. A pessoa planeja, reflete acerca de quais são as melhores opções, define quais fontes serão selecionadas conforme determinados critérios e estabelece um procedimento que será adotado no intuito de poupar recursos e atingir seus objetivos. A palavra estratégia embora inicialmente associada ao trabalho de militares foi adotada pelos pesquisadores por apresentar um peso semântico muito relevante. Confere em seu uso uma ideia de disciplina, regularidade, cuidado e assertividade. O contexto da pesquisa acadêmica exige dos pesquisadores tais qualidades.

Lopes (2002) argumenta que uma estratégia de busca pode ser definida como uma técnica ou conjunto de regras que contribui para tornar possível o encontro das informações que se precisa e que se está armazenada em uma base de dados. Reconhecendo que a maior parte das pessoas opta por realizar suas buscas na internet,

O acesso aos grandes sistemas de recuperação de informação também denominados de bancos de dados e, conseqüentemente, às suas bases de dados veio ampliar significativamente a qualidade das buscas bibliográficas, visto que essas bases proporcionam diversificados pontos de acesso à informação. Esses sistemas possibilitam o planejamento de estratégias de busca com maior nível de complexidade envolvendo vários conceitos na mesma estratégia; permitem a utilização de busca de palavras apenas dos títulos e resumos dos documentos, isto é, específicos de linguagens controladas, nos campos de descritor; buscam por autores; por ano de publicação; por títulos de periódicos; por classificação; permitem, também, a busca de conceitos compostos ou simples e a possibilidade de truncagem de raízes de palavras e de substituição de caracteres no meio dos termos, dentre outros recursos de recuperação. (LOPES, 2002, p. 60).

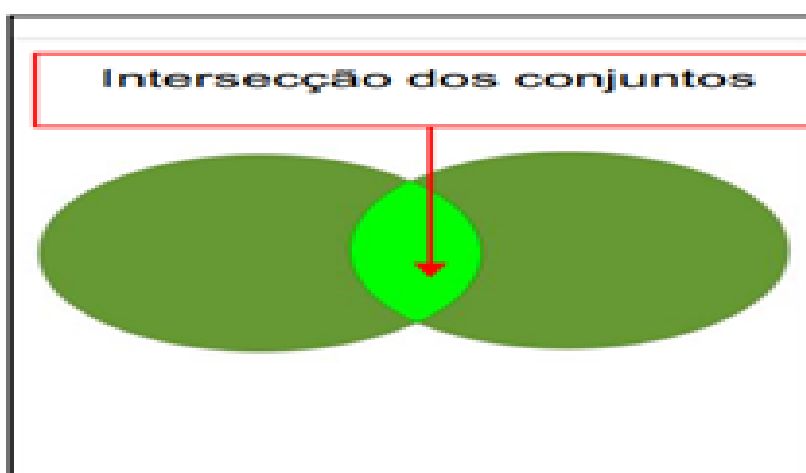
As estratégias de busca visam criar condições de encontrar os resultados desejados da melhor maneira possível. Portanto, por meio desse conjunto de técnicas estabelecidas previamente, o pesquisador poderá encontrar resultados diferentes do que encontraria apenas numa busca simples com palavras-chave. Antes de realizar as buscas é necessário definir quais as melhores fontes que

abrangem o tema, quais os termos que serão utilizados e como será formulada a estratégia (uso de operadores, recursos de truncagem, combinação de palavras, etc.).

Para Volpato (2010) uma estratégia de busca é composta por um conjunto de palavras ou termos que podem ser trabalhadas num sistema de recuperação com o intuito de encontrar o que se deseja de maneira mais eficiente. Podem ser ligadas, por exemplo, por operadores booleanos que aplicam ao sistema de busca os termos da pesquisa permitindo ampliar ou diminuir a quantidade de resultados.

Para Pizzani *et al.* (2012) a busca em bases de dados permite o uso dos operadores booleanos AND, OR e NOT (em português E, OU e NÃO) que possibilita a utilização de outras técnicas como a truncagem de palavras com a finalidade de facilitar os processos de busca e seleção das informações. De acordo com essas autoras, quando adotamos os operadores booleanos, os termos de busca (palavras-chave) podem ser combinados de diferentes formas para encontrar determinados resultados de pesquisa. O operador booleano AND faz a interseção entre os termos de busca e restringe a pesquisa, a partir da combinação dos termos, conforme pode ser observado na figura 2. Nesse caso, serão recuperados os documentos que contenham ao mesmo tempo os dois ou mais termos combinados na estratégia de busca.

Figura 2 – Intersecção entre os termos de busca (AND)

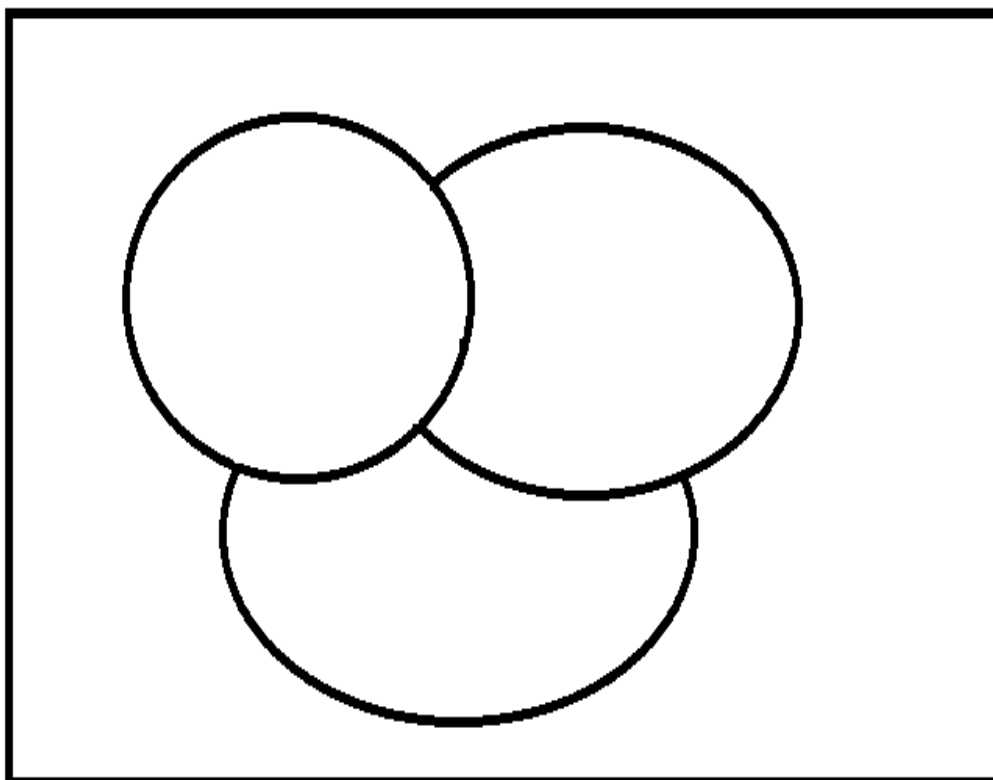


Fonte: Pizzani *et al.* (2012, p. 61)

Já o operador OR, segundo Pizzani *et al.* (2012), recupera uma coisa ou outra, conforme representado na figura 3. Agrupa termos, amplia a pesquisa e pode ser utilizado nos seguintes casos:

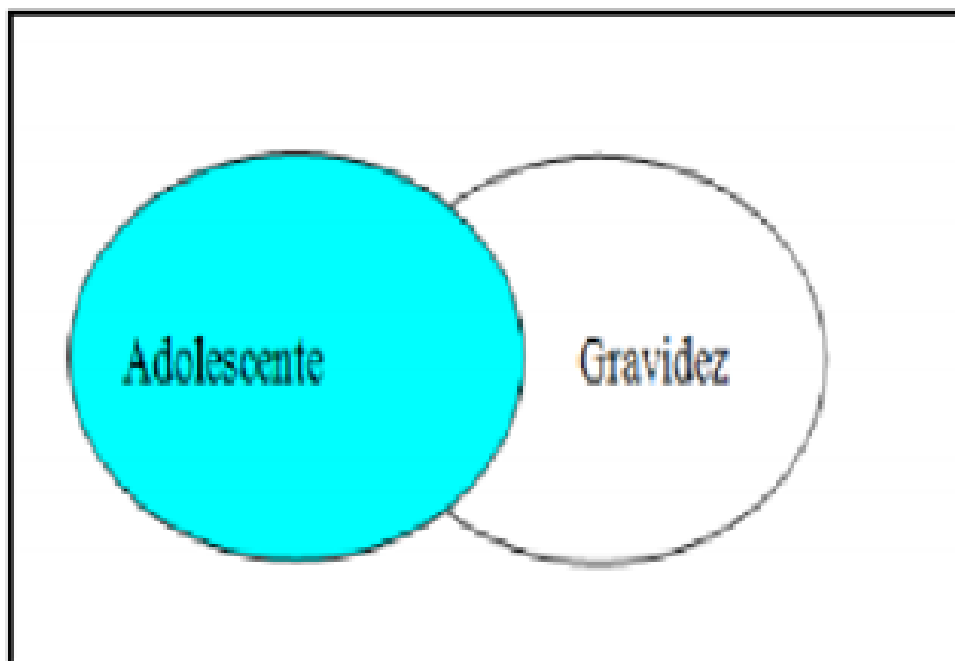
- a) quando o nome/título de um assunto possuir sinônimos;
- b) no caso de acrônimos; e
- c) quando o nome/título do assunto possuir variantes.

Figura 3 – Função do Operador OR



Fonte: Pizzani *et al.* (2012, p. 60)

Para Pizzani *et al.* (2012) o operador booleano NOT serve para excluir um determinado assunto da busca, apresentando o primeiro termo e excluindo o segundo termo da pesquisa. Um exemplo, conforme figura 4: adolescente NOT gravidez. Os resultados serão os que contenham a palavra “adolescente” e que não contenham a palavra “gravidez”.

Figura 4 – Função do operador NOT

Fonte: Pizzani *et al.* (2012, p. 62)

Existem outras estratégias de busca, com variedades de técnicas e recursos que podem variar dependendo do tipo de bases de dados a serem utilizadas para a pesquisa. Portanto, é necessário conhecer as fontes que serão utilizadas e identificar quais os seus recursos para poder avaliar quais as possibilidades. Uma estratégia pode funcionar perfeitamente em determinadas fontes e em outras apenas confundir e dispersar os resultados.

Outro ponto a ser considerado é com relação aos termos que serão utilizados juntamente com as estratégias. O conhecimento e o uso de vocabulários controlados são fundamentais. Pode acontecer de o pesquisador estar utilizando as estratégias corretas para determinada fonte, porém, os termos utilizados não corresponderem aos utilizados pelos desenvolvedores do sistema. Os resultados apresentados podem ser insatisfatórios ou mesmo nulos.

Conforme defende Pizzani *et al.* (2012), é relevante que os pesquisadores norteiem bem seus projetos de pesquisa, possibilitando uma melhor identificação das fontes informacionais – que sejam confiáveis – para poder utilizá-las da melhor maneira possível. As estratégias para combinar os termos são fundamentais, mas também é relevante usar um vocabulário controlado reconhecido pelas bases de dados.

Lopes (2002) comenta que é preciso definir quais são os resultados que se pretende encontrar, avaliar as fontes que podem atender aos objetivos e, a partir dessas definições, elaborar a estratégia mais adequada para aquela busca.

Com base nesses argumentos é possível inferir que o pesquisador precisa conhecer as fontes, selecionando as que são confiáveis e que possam apresentar resultados pertinentes, que defina as estratégias e selecione os termos que são compatíveis com essas fontes. Porque existem bases de dados que respondem a determinadas estratégias e não respondem a outras. Quando o pesquisador não conseguir recuperar os registros com determinadas palavras, é aconselhável que realize outras tentativas com palavras que sejam equivalentes ou similares ou mesmo que modifique as estratégias adotadas

2.2.2 As fontes de informação

As buscas se realizam em fontes de informação, sendo que estas se modificaram com o passar do tempo. Há uma constante evolução dos recursos e dos sistemas informacionais para se adaptarem às necessidades. Serão abordadas a seguir algumas fontes e um pouco da evolução desse importante recurso para qualquer pesquisador, pois não há produção científica sem informação. Aqui será explorada a importância das fontes digitais, analisando as inovações para, enfim, explicitar a revolução no modo das pessoas buscarem informações nos mais diversos meios, principalmente, depois do surgimento da internet e seus recursos.

A parte do referencial teórico que aborda fontes de informação é fundamental para embasar esta pesquisa, considerando que os alunos da pós-graduação buscam o que precisam em determinadas fontes para satisfazerem as suas necessidades. Também foi levado em consideração que mais trabalhos precisam dispensar a devida atenção a este elemento, uma vez que as expectativas das pessoas estão mudando com o passar dos anos em relação às fontes de informação, por conta da comodidade e rapidez que oferecem.

Choo (2003) afirma que o ambiente no qual a informação é encontrada determina seu valor e sua importância para a solução de problemas. Toda e qualquer informação, relevante ou não, pode ser extraída de alguma fonte.

Pode ser definido por fonte de informação o conjunto ou coleção de dados contextualizados, que possam servir de subsídio para uma decisão ou uma realização de uma tarefa ou atividade, que organizados e ordenados possam ser acessados pelas pessoas em momento oportuno.

Uma fonte de informação nos permite recuperar dados com a capacidade de apresentar algum significado, registrados em qualquer meio ou suporte, com o potencial de ser utilizado para satisfazer uma necessidade informacional (CHOO, 1998). Por isso é relevante dispensar uma atenção diferenciada para as fontes, porque se estas estiverem atualizadas e foram confiáveis podem se tornar aliadas no processo de construção do conhecimento.

Bernardes e Fernandes (2005) afirmam que as fontes de informação são conjuntos de registros armazenados nos mais diversos meios e suportes que contenham algum tipo de informação e que possa ser acessado pelas pessoas quando elas precisam. A qualidade da fonte varia conforme sua capacidade de atender as necessidades da sociedade.

Em concordância, Ferreira (2008) afirma que uma fonte necessariamente precisa ter seus registros direcionados para determinados públicos, permitindo que seja armazenado material pertinente para aquele grupo. Que as informações contenham uma procedência, proveniência ou uma obra. Também argumenta que uma fonte apresenta uma causa, origem ou princípio, que pode ser um texto original de uma obra, como um livro, um periódico, um site e tantas outras que podem suprir uma demanda informacional de uma ou mais pessoas.

Choo (1998) complementa afirmando que as fontes de informação podem apresentar características tradicionais (como as bibliotecas físicas, arquivos e museus), mas também inovadoras (como as páginas na internet).

Para Gasque (2012) as tecnologias de informação e comunicação transformaram o mundo e as pessoas têm muito mais acesso às fontes de informação, muito diferente do que era há poucos anos. Eventos, fenômenos e fatos chegam ao conhecimento das pessoas em vários lugares do mundo de maneira simultânea. Quando uma obra é produzida (uma fonte primária) rapidamente pode chegar ao conhecimento de várias pessoas no planeta e novas produções (fontes secundárias e terciárias) surgem a partir da primeira numa rapidez que impulsiona as práticas científicas.

Com relação às fontes, Choo (1998) defende que existem classificações segundo a sua produção ou alteração e seu valor varia conforme a sociedade e sua época. As informações contidas numa fonte podem apresentar um alto valor ou simplesmente não ter significado nenhum, tudo depende da necessidade, das pessoas e da situação. É também conhecido o fato de as pessoas terem modificado suas preferências com relação às fontes, atualmente elas preferem os meios mais cômodos e rápidos, como os computadores e os diversos recursos da internet.

Henczel (2001), em concordância, afirma que a expectativa dos que buscam informação vem mudando bastante nos últimos tempos com relação às fontes de informação, porque elas querem rapidez, precisão, comodidade e isso, de preferência, de forma confiável e relevante. No entanto, enfatiza que o ideal é que a informação seja filtrada, personalizada, na medida certa para atender uma necessidade informacional num sistema de vida que exige cada vez mais precisão. Na sociedade atual a população é crescente, há informação abundante sendo produzida, sem dizer que muitas vezes as necessidades são muito distintas.

Com o surgimento da Web houve um 'dilúvio de informação' onde as pessoas se deparam com um volume tão grande de informações ao ponto de causar dificuldades nas buscas. A produção de informações é tão grande e numa velocidade tão incrível que tornou-se um grande desafio desenvolver sistemas de recuperação conforme as necessidades dos usuários. (ECO, 2000, p. 11)

Ainda segundo Eco (2000, p.11) a Internet "é como uma enchente e não há como parar a invasão de informação" e o excesso de informação pode se tornar num grave problema se estiverem dispersas ou desorganizadas.

Na atualidade e com os recursos conhecidos ainda é difícil conceber a ideia de sistemas de informação que se adaptem ao número crescente de usuários, porque há muitas pessoas e uma enorme variedade de linguagens e entendimentos. O ideal seria que os sistemas fossem concebidos considerando a usabilidade aos diversos tipos de públicos, principalmente que atendam aos que apresentam algum tipo de deficiência. É fundamental que haja usabilidade e também acessibilidade.

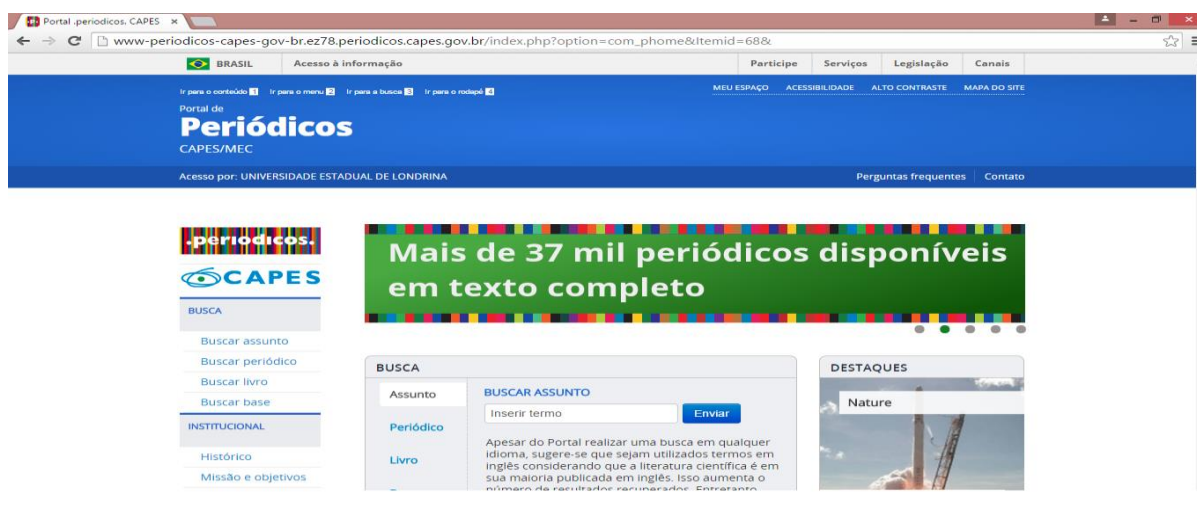
Outro ponto que precisa de atenção é identificar quais informações são realmente úteis e quais apenas dispersam a atenção. Para tanto, seria relevante

que os pesquisadores soubessem diferenciar as fontes por meio da verificação de seus atributos, como vinculação às instituições, autoridade, procedência, credibilidade, entre outros requisitos. Por isso é importante investir na formação durante as várias etapas do aprendizado.

É evidente a mudança na expectativa quanto às fontes de informação, contribuindo para o surgimento de novos desafios para os profissionais que trabalham com informação. Também é um desafio para os próprios pesquisadores acessar a informação, em diversidade cada vez maior de fontes. Nesse contexto é necessário abordar algumas das principais fontes do meio eletrônico.

O Portal de Periódicos¹ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza as instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Conta atualmente com um acervo de mais de 36 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. (BRASIL, 2014)

Figura 5 – Portal de periódicos da Capes



Fonte: Portal da Capes

O Portal de Periódicos da Capes foi criado tendo em vista o déficit de acesso das bibliotecas brasileiras à informação científica internacional, dentro da perspectiva de que seria demasiadamente caro atualizar esse acervo com a compra de periódicos impressos para cada uma das universidades do sistema superior de

¹ <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

ensino público. Foi desenvolvido ainda com o objetivo de reduzir os desnivelamentos regionais no acesso a essa informação no Brasil. Ele é considerado um modelo de consórcio de bibliotecas único no mundo, pois é inteiramente financiado pelo governo brasileiro. É também a iniciativa do gênero com a maior capilaridade no planeta, cobrindo todo o território nacional e contribuindo para os avanços científicos nos mais variados campos de pesquisa. (BRASIL, 2014).

Os recursos de busca disponíveis no Portal de Periódicos da Capes possibilitam buscas simples e avançadas. Permitem o uso dos operadores booleanos e é recomendável adotar termos em inglês porque a maioria das publicações científicas é em inglês, porém, é possível realizar buscas em qualquer idioma. Além das buscas por autor, título e assunto, é possível selecionar as bases de dados e localizar por data de publicação, por tipo de material, idioma, datas iniciais e finais.

A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações² (BDTD) é um projeto brasileiro que integra sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisas. Esta fonte de informação, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em parceria com as instituições públicas brasileiras de ensino e pesquisa, possibilita que toda a comunidade publique suas teses e dissertações produzidas no Brasil e no exterior de maneira que haja um acesso simultâneo de qualidade. É uma excelente referência para pesquisadores. (BRASIL, 2014).

Figura 6 – Biblioteca Digital de Teses e Dissertação do IBICT

BDTD

Início A BDTD Indicadores Gerenciar Repositório

Procura Básica Procura Avançada

Autor: Todas as Palavras ▼

Resumo: Todas as Palavras ▼

Título: Todas as Palavras ▼

Assunto: Todas as Palavras ▼

Contribuidor: Todas as Palavras ▼

Instituição de Defesa: Todas as Palavras ▼

Procurar (utilizar um espaço para separar palavras)

País: Grau: Idioma: Ano de Defesa:

Seleção o País ▼ Seleção o Grau ▼ Seleção o Idioma ▼ A partir de: e/ou até:

Mensagem

Bem-vindos a nova interface de busca da BDTD!!!

Detalhes

Publicado: 12 Março 2010

Acessos: 8368

É com satisfação e alegria que o Ibiict torna disponível a nova interface de busca para a BDTD em resposta à avaliação realizada recentemente pela sua comunidade usuário. Esperamos que os erros e as dificuldades apontados na referida avaliação tenham sido corrigidos.

Fonte: Biblioteca Digital de Teses e Dissertação do IBICT

²<http://bdttd.ibict.br/a-bdttd>

A BDTD utiliza as tecnologias do *Open Archives Initiative* (OAI) e adota o modelo baseado em padrões de interoperabilidade consolidado em uma rede distribuída de bibliotecas digitais de teses e dissertações. As instituições de ensino e pesquisa atuam como provedores de dados e o IBICT opera como agregador, coletando metadados de teses e dissertações dos provedores, fornecendo serviços de informação sobre esses metadados e expondo-os para coleta por outros provedores de serviços, em especial pela *Networked Digital Library of Theses and Dissertation* (NDLTD). (BRASIL, 2014).

As bases de dados são fontes relevantes, sendo repositórios de informação, relacionadas com uma área do conhecimento, assunto ou finalidade armazenada em sistemas eletrônicos. É muito útil para gerir conjuntos de informação de modo a facilitar a organização, manutenção e pesquisa de dados. É uma tendência para a maioria das instituições públicas porque garante inúmeras vantagens, dentre elas o acesso simultâneo e baixos custos de manutenção se forem comparadas com as bibliotecas físicas.

Um bom exemplo é a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação³ da Universidade Federal do Paraná (BRAPCI), que tem como objetivo subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente. Identifica os títulos de periódicos da área de Ciência da Informação e indexa seus artigos, constituindo-se a base de dados referenciais. Atualmente disponibiliza referências e resumos de 8.303 textos publicados em 37 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de Ciência da Informação. Dos periódicos disponíveis 28 estão ativos e 9 históricos que foram interrompidos (BRAPCI, 2014).

É uma base que tem sido largamente utilizada pelos estudantes, seja enquanto cursam uma faculdade ou quando estão na pós-graduação. Tem sido apontada pelos pesquisadores como uma base confiável, com bom material e que é constantemente atualizada. Inclusive, é indicada por muitos docentes aos seus alunos para que realizem suas buscas utilizando o que está disponível nessa fonte.

³<http://www.brapci.ufpr.br/>

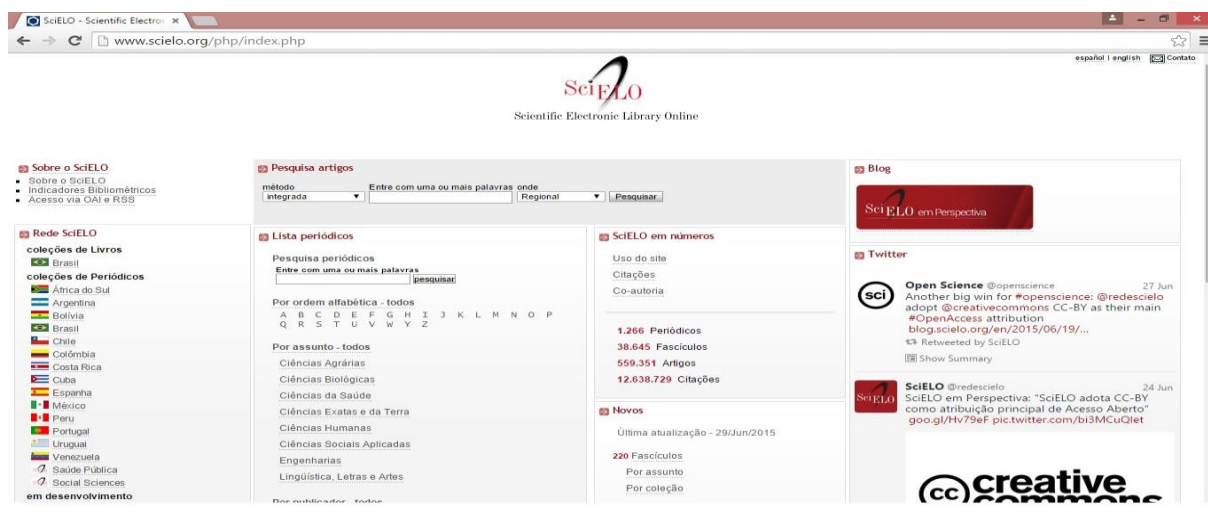
Figura 7 – BRAPCI



Fonte: BRAPCI / UFPR

Outro exemplo de bases de dados é a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) – ou Biblioteca Científica Eletrônica em Linha – é um modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet. Especialmente desenvolvido para responder às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento e particularmente na América Latina e Caribe, o modelo proporciona uma solução eficiente para assegurar a visibilidade e o acesso universal a sua literatura científica, contribuindo para a superação do fenômeno conhecido como 'ciência perdida'. O Modelo SciELO contém ainda procedimentos integrados para medir o uso e o impacto dos periódicos científicos. (SCIELO, 2015).

Figura 8 – Scientific Eletronic Library Online (SciELO)



Fonte: Scientific Eletronic Library Online (SciELO)

No site SciELO.org⁴ é possível realizar buscas integradas e escolher o idioma. Tem uma excelente cobertura de assuntos das mais variadas áreas do conhecimento. Conforme informações contidas no site, a Scielo Brasil⁵ abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e é o resultado de um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em parceria com a Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) – também conhecida como Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Desde 2002 o Projeto conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A SciELO tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico disponível para todos, sem restrições. Com o avanço das atividades novos títulos de periódicos estão sendo incorporados à coleção da biblioteca. O site é constantemente atualizado tanto no seu formato como no seu conteúdo, de acordo com os avanços e os resultados do projeto. (SCIELO, 2015).

É relevante citar também a SciElo Livros⁶, que efetua a indexação, publicação e interoperação virtual de coleções nacionais e temáticas de livros acadêmicos, com o objetivo de maximizar a visibilidade, acessibilidade, uso e impacto das pesquisas, ensaios e estudos que publicam. A SciELO Livros opera como rede cooperativa de editoras universitárias e outras editoras que publicam livros de caráter científico, assim como de instituições intermediárias e usuárias de informação científica. A Rede SciELO Livros interopera e compartilha objetivos, recursos, metodologias e tecnologias com a Rede SciELO de periódicos científicos, de modo a contribuir com o desenvolvimento da comunicação científica em ambos os meios de publicação. (SCIELO, 2015).

Precisamos citar também as Bibliotecas Digitais que são mantidas por várias instituições visando democratizar o acesso às produções científicas e acadêmicas das mais variadas áreas. Pode ser citado, por exemplo, a Biblioteca Digital da Produção Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da Universidade

⁴ <http://www.scielo.org/php/index.php>

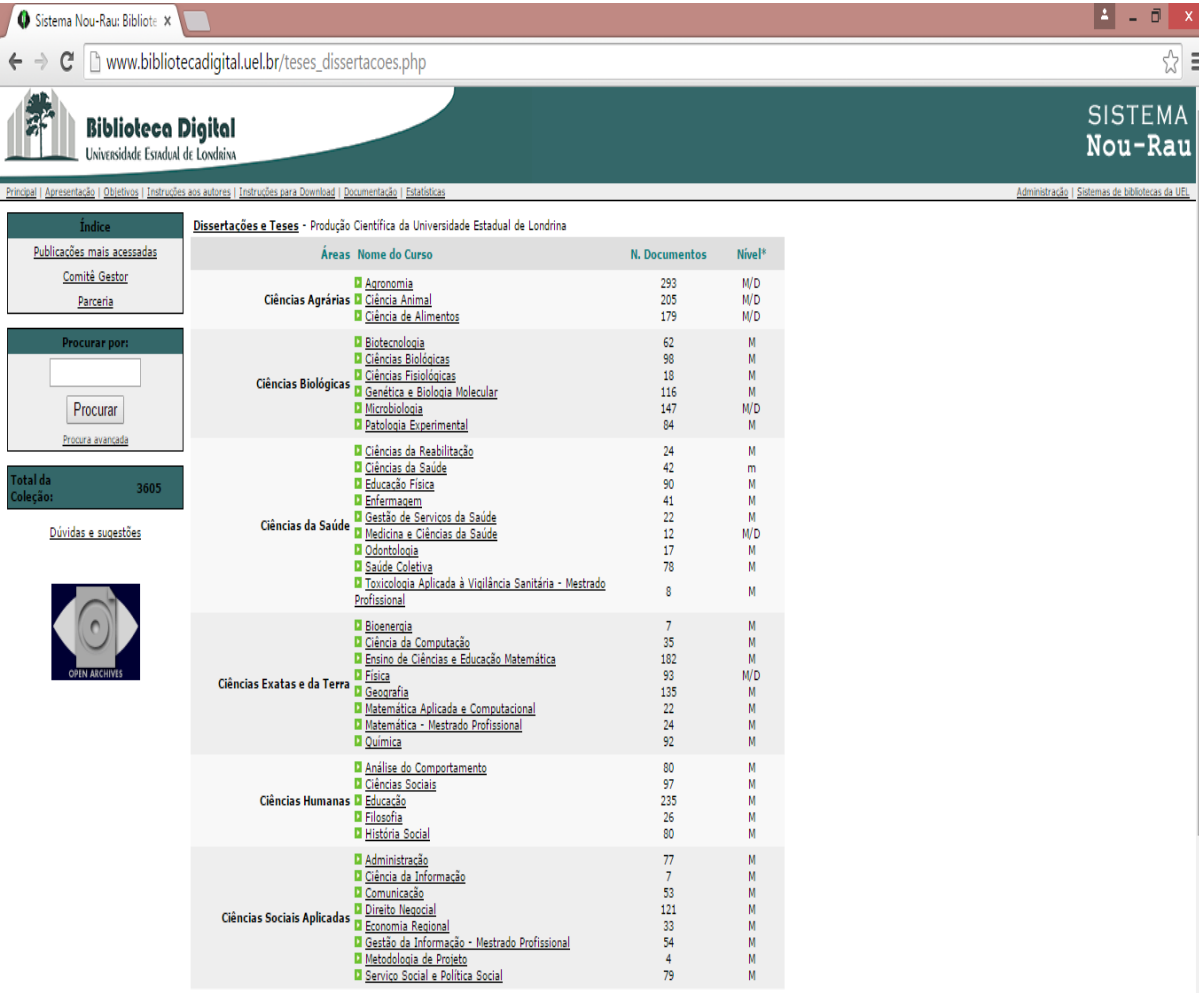
⁵ <http://www.scielo.br/?lng=pt>

⁶ <http://books.scielo.org/scielo-livros/>

Estadual de Londrina⁷ que, de acordo com informações disponíveis no próprio site, inicialmente disponibiliza teses, dissertações e monografias em nível de pós-graduação (*Stricto e Lato Sensu*).

Na Biblioteca Digital da Produção Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da Universidade Estadual de Londrina – UEL – é possível realizar buscas simples e avançadas. Dentre os recursos de busca avançada estão a busca por “todas as palavras”, “qualquer palavra” e “expressão lógica”. Está disponível acesso aos registros por relevância, título, data, relevância inversa (menos relevante), título inverso (subtítulo) e data inversa (mais antiga).

Figura 9 – Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Londrina – UEL



The screenshot shows the website interface for the Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Londrina. The main content is a table titled "Dissertações e Teses - Produção Científica da Universidade Estadual de Londrina". The table lists various academic areas and their corresponding courses, along with the number of documents and the level of the work (M or D).

Áreas	Nome do Curso	N. Documentos	Nível*
Ciências Agrárias	Aronomia	293	M/D
	Ciência Animal	205	M/D
	Ciência de Alimentos	179	M/D
Ciências Biológicas	Biotecnologia	62	M
	Ciências Biológicas	98	M
	Ciências Fisiológicas	18	M
	Genética e Biologia Molecular	116	M
	Microbiologia	147	M/D
	Patologia Experimental	84	M
Ciências da Saúde	Ciências da Reabilitação	24	M
	Ciências da Saúde	42	M
	Educação Física	90	M
	Enfermagem	41	M
	Gestão de Serviços de Saúde	22	M
	Medicina e Ciências da Saúde	12	M/D
	Odontologia	17	M
	Saúde Coletiva	78	M
	Toxicologia Aplicada à Vigilância Sanitária - Mestrado Profissional	8	M
	Ciências Exatas e da Terra	Bioenergia	7
Ciência da Computação		35	M
Ensino de Ciências e Educação Matemática		182	M
Física		93	M/D
Geografia		135	M
Matemática Aplicada e Computacional		22	M
Matemática - Mestrado Profissional		24	M
Química	92	M	
Ciências Humanas	Análise do Comportamento	80	M
	Ciências Sociais	97	M
	Educação	235	M
	Filosofia	26	M
	História Social	80	M
Ciências Sociais Aplicadas	Administração	77	M
	Ciência da Informação	7	M
	Comunicação	53	M
	Direito Negocial	121	M
	Economia Regional	33	M
	Gestão da Informação - Mestrado Profissional	54	M
	Metodologia de Projeto	4	M
	Serviço Social e Política Social	79	M

Fonte: Biblioteca Digital da Produção Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da Universidade Estadual de Londrina – UEL

⁷http://www.bibliotecadigital.uel.br/teses_dissertacoes.php

Os repositórios institucionais são fontes de informação vinculadas a determinadas instituições e oferecem serviços de gestão e disseminação de suas produções científicas. Um ótimo exemplo que pode ser citado é o LUME⁸ – nome próprio atribuído ao Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que disponibiliza toda coleção digital produzida no âmbito da Universidade e também outros documentos que, por sua área de abrangência e/ou pelo seu caráter histórico, é de interesse da Instituição centralizar sua preservação e difusão. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2015).

Figura 10 – LUME (Repositório Digital da UFRGS)



Fonte: LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

No LUME é possível realizar buscas simples e avançadas por todo o acervo, com grande quantidade de documentos em fragmentos e textos completos. Permite a utilização de operadores booleanos e filtros por assunto, título, autoria, orientação, data de publicação/geração, formato, tipo e idioma. É uma referência quando se fala em repositórios digitais, por sua organicidade e visibilidade, inclusive classificado como primeiro lugar em 2015/1 no *Ranking Web of World Universities (Webometrics)*⁹.

⁸ <http://www.lume.ufrgs.br/>

⁹ http://repositories.webometrics.info/en/Latin_America

Conforme informações disponíveis no site do Webometrics¹⁰ – do Laboratório Cybermetrics, grupo de pesquisa do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), localizado em Madrid, na Espanha, que publica a classificação – é um sistema que classifica as universidades em todo o mundo com base em um indicador composto que leva em conta tanto o volume do conteúdo da instituição na web (número de páginas e arquivos) quanto a visibilidade e o impacto destas publicações *on-line* de acordo com o número de links externos (citações do site) que receberam.

Podemos citar também o Repositório Institucional da UnB¹¹ (RIUnB) que é um conjunto de serviços oferecidos pela biblioteca da universidade e os seus conteúdos estão disponíveis publicamente. Por estarem amplamente acessíveis proporcionam maior visibilidade e impacto da produção científica da instituição. Sua missão é armazenar, preservar, divulgar e dar acesso à produção científica da Universidade de Brasília em formato digital. Pretende-se reunir, em um único local, o conjunto das publicações da UnB. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2014).

Figura 11 – Repositório Institucional da UnB (RIUnB)



Fonte: Repositório Institucional da UnB (RIUnB)

¹⁰ <http://repositories.webometrics.info/>

¹¹ <http://repositorio.unb.br/>

Entre os recursos de busca do RIUnB estão a busca rápida e a busca avançada. Para as buscas avançadas podemos recuperar produções por setores da universidade ou pelo repositório de uma maneira geral. Os campos de pesquisa contam com operadores booleanos e que permitem a combinação de vários termos de busca. É permitido a busca geral, por autor, título, assunto, resumo, séries, identificador e língua.

Existem muitas outras bibliotecas, bases de dados e repositórios, mas os exemplos citados aqui fornecem uma noção de como são significativas as possibilidades de acesso à informação. Além das tipologias de fontes de informação já mencionadas, também podem ser destacados os *blog's*, os sites de busca, os portais de busca integrada (serviços de descoberta), entre outros.

As fontes de informação são fundamentais para o desenvolvimento científico e tecnológico, sobretudo para a continuidade das pesquisas na pós-graduação. Como há uma forte tendência para o uso das fontes no meio digital é relevante enfatizar que todo pesquisador precisa conhecer as principais fontes relacionadas ao seu tema de pesquisa, facilitando suas buscas de maneira completa e com menos gastos de recursos. É fato que as fontes de informação evoluíram para poder acompanhar as necessidades das pessoas e, evidentemente, que estas precisam conhecer e ter domínio dos recursos que essas fontes disponibilizam.

2.3 Uso da informação

O uso é uma etapa relevante do comportamento informacional. Todos os processos e os esforços, desde a identificação das necessidades até a busca propriamente dita, são para culminar no uso. Também é uma etapa que varia conforme a pessoa e de acordo com a situação econômica, social e cultural. Uma informação pode ser muito valiosa porque atende a necessidade de um determinado grupo e para outro, em contexto e necessidades diferentes, simplesmente pode não significar nada. É fato que todos precisam de informações para resolver problemas ou realizar tarefas do seu dia a dia, mas pode ser que nem todas as pessoas consigam utilizar de maneira eficaz. Essa é uma etapa muito relevante porque se não conseguirmos utilizar a informação, todos os esforços serão em vão.

Para Choo (2003) o uso da informação é um processo dinâmico, é o estágio final do comportamento informacional. É quando a pessoa consegue utilizar as informações que procurou para atender a suas demandas.

Figueiredo (1994) explana, de maneira direta e simples, que o uso da informação é o que realmente utilizamos para modificar o conhecimento que temos. Os processos e etapas desenvolvidas no comportamento informacional poderão resultar no uso, mas encontrar uma informação e acessá-la não significa que iremos nos apropriar dela. Utilizar uma informação é quando esta oferece a possibilidade de alterar o que sabíamos anteriormente, caracterizando assim sua utilidade para nós.

Wilson (1999) em concordância, descreve o uso da informação como sendo o ato físico e cognitivo envolvido em incorporar novas informações no repertório pessoal. O uso ocorre quando a informação é capaz de alterar o que se sabe. Choo (2003) amplia argumentando que as pessoas usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões – desde as mais simples até questões que norteiam a vida futura.

Nas práticas de pesquisa o uso das informações ocorre na produção de conhecimentos científicos. O estudante de pós-graduação, por exemplo, realiza seus estudos coletando informações que, após desenvolver um trabalho minucioso de buscas, leituras, sínteses, com base em diferentes técnicas e métodos, produz novos conhecimentos que, por sua vez, devem retornar às fontes e canais de comunicação como novas informações em forma de publicações.

Davenport (1998) e Choo (2003) afirmam que o uso da informação é uma das etapas relevantes do comportamento informacional, porque identificamos as informações que não detínhamos antes e que poderá modificar nosso estado de conhecimento. Portanto, ocorre o uso quando a informação é processada e serve de alguma maneira. Todo o trabalho desenvolvido – o reconhecimento das necessidades informacionais, a elaboração de estratégias, as buscas e a seleção das informações – é para o uso e, assim, poder transformar de alguma maneira o que conhecemos.

De posse da informação podemos ser capazes de agir ou entender fenômenos e acontecimentos que nos cercam. Quanto mais informação é adquirida e utilizada, melhores serão as condições para realizar tarefas e atividades. Melhorar as condições de vida depende da utilização de novas informações, todas as

descobertas e avanços científicos só foram possíveis porque o uso de informações é constante.

Davenport (1998) argumenta que o uso da informação possibilita que continuemos realizando nossas atividades e, quanto mais informação útil for encontrada, menores são as chances de fracasso. Porém, pode ocorrer também que a informação encontrada não satisfaça a demanda, gerando frustração e gasto de recursos, muitas vezes impedindo qualquer avanço no que se pretende.

Considerando essas afirmações, é relevante dispensar uma atenção especial às primeiras etapas do comportamento informacional, porque quando essas etapas são corretamente desenvolvidas podem resultar num uso eficaz e produtivo. Quando conseguimos usar a informação nos sentimos capacitados a continuar no processo de busca. Cabe enfatizar que o comportamento informacional é caracterizado por um processo de idas e vindas, com buscas, uso e produção de novas informações.

Wilson (1999) e Choo (2003) concordam que é relevante haver sucesso no uso da informação para que sejamos motivados a continuar desenvolvendo o comportamento informacional. Quando a busca resulta em uso satisfatório, podemos gerar novos conhecimentos que serão disponibilizadas às outras pessoas. No entanto, quando o uso é ineficiente pode resultar em diversos problemas, inclusive na desistência em continuar no comportamento de busca.

Em suas pesquisas Gasque (2012) comenta que, assim como ocorre na etapa de busca por informação, na de uso os pesquisadores novamente utilizam apenas os recursos básicos. Esse uso nem sempre é o mais eficiente, podendo resultar em insatisfação. Ainda segundo a autora, usar a informação é um processo que abrange os valores pessoais, as motivações, as crenças, a visão crítica e as atitudes com responsabilidade e a ética. Envolve a capacidade da pessoa refletir, controlar e monitorar os processos de gestão da informação.

A pesquisadora aponta que os principais problemas que podem surgir durante o uso da informação estão atrelados à organização da informação e à percepção da própria aprendizagem. Também os pesquisadores possuem compreensão precária dos aspectos socioeconômicos, legais e sociais do acesso e do uso da informação.

Para os estudantes da pós-graduação, que são pesquisadores em formação, o uso da informação é uma etapa crucial para o desenvolvimento de suas

pesquisas, porque se o uso não for eficiente os trabalhos podem apresentar diversas deficiências ou mesmo não serem concluídos.

Os trabalhos desenvolvidos na pós-graduação devem ser baseados em informações científicas e podem se tornar em pesquisas muito úteis para o avanço de um país. Para que os trabalhos sejam construídos e publicados, os estudantes se comportam como usuários da informação. A forma como utilizam a informação pode representar a diferença entre o sucesso e o fracasso. Considerando que os estudantes sejam bem sucedidos no uso da informação, se tornarão, portanto, produtores de informação, mas para que isso ocorra precisam ser avaliados pelos pares e por meio de um sistema de comunicação científica.

A informação científica é o insumo básico para o desenvolvimento científico e tecnológico de um país. Esse tipo de informação, resultado das pesquisas científicas, é divulgado à comunidade por meio das revistas. Os procedimentos para a publicação dessa informação foram estabelecidos pelo sistema de comunicação científica, o qual vem se consolidando ao longo de mais de três séculos. (KURAMOTO, 2006, p. 91)

Como dito anteriormente, para que o uso da informação seja uma etapa de sucesso é fundamental que as outras etapas do comportamento informacional se desenvolvam corretamente, principalmente, na etapa da busca. Para tanto, se faz necessário compreender os fatores que interferem no comportamento de busca, que serão abordados a seguir.

2.4 Fatores que Interferem no Processo de Busca e Uso da Informação

Além das tecnologias que interferem no comportamento informacional, existem outros fatores que afetam a capacidade das pessoas nas buscas por informação e estão ligados à cognição, às emoções e às situações que envolvem o cotidiano. Para Choo (2003) precisam ser considerados e examinados os ambientes onde a informação é processada e utilizada. O ambiente de processamento da informação é interno – no cognitivo de cada um – e constituído por suas necessidades cognitivas e reações emocionais, ao passo que o ambiente

de uso é externo ao indivíduo e inclui as condições e atributos do ambiente profissional ou social que influenciam na busca da informação.

As motivações, ou a falta delas, afetam diretamente no comportamento de busca, tanto que têm sido estudadas em vários campos do conhecimento. É comum que façamos uma seleção de informações relevantes que permitam uma mudança no estado inicial de conhecimento ou na nossa capacidade de agir devido a fatores emocionais. São as motivações que permitem interações entre os seres humanos, os ambientes de processamento e uso da informação e cada um dos elementos que envolvem o comportamento de busca e uso apontados.

Vários autores, dentre eles Pieruccini (2004), Gasque (2012) e Oliveira (2013), afirmam que no contexto da educação e das práticas de pesquisa os fatores que interferem no processo de aprendizado ganharam destaque na última década nas áreas onde a internet é utilizada de maneira intensa. Não se trata apenas de identificar as habilidades desejáveis, mas também identificar e analisar as dificuldades que podem ser encontradas em relação ao desenvolvimento das habilidades para a busca.

A cognição é um fator que também pode afetar as buscas. Estudos realizados por Caregnato (2003) e Gasque (2012) demonstram que quanto maior a exigência cognitiva e quanto mais fontes de informações forem utilizadas melhores serão as chances de encontrar informação e de desenvolver novas habilidades.

Segundo as autoras pode-se observar que há um problema no aprendizado, quando surge uma demanda requerendo mais esforço cognitivo dos estudantes e estes utilizam padrões de respostas. Eles, em sua maioria, apenas fazem a leitura das perguntas, a leitura dos textos e escrevem respostas do jeito que encontram nesses textos. Isso afeta a maneira como as buscas são realizadas. Quando ocorre essas buscas simples em sistemas automatizados tais padrões interferem na assimilação, onde os estudantes podem se deixar levar por resultados irrelevantes e não se aprofundar nas buscas.

É possível inferir com base nesses argumentos que o ideal é que esses estudantes não utilizassem padrões de respostas e sim que aprendessem a lidar com mais habilidade com suas demandas (perguntas, problemas, atividades, exercícios) e com as fontes, verificando quais são as melhores estratégias e técnicas para as buscas. O ideal seria que utilizassem mais suas capacidades cognitivas para trabalhar melhor com a informação.

Como muitos estudantes desenvolveram esse padrão de busca nos ensinamentos fundamental, médio e superior podem se sentir despreparados para as práticas de pesquisa quando ingressarem nos programas de pós-graduação. Como a produção científica exige mais sofisticação na elaboração de textos e maior perspicácia na procura por respostas numa investigação mais criteriosa, tendem a encontrar dificuldades no momento de efetuar as buscas e isso afeta todo o comportamento.

As dimensões situacionais afetam consideravelmente o comportamento de busca e incluem os requisitos, as normas e as expectativas inerentes ao trabalho e aos contextos organizacionais nos quais as pessoas vivem. Esse contexto é o ambiente onde a informação pode ser encontrada e é formado pelos elementos que afetam o fluxo e o uso das informações que chegam, saem ou circulam no interior de qualquer entidade e que determinam os critérios pelos quais o valor das informações é julgado (CHOO, 2003, p. 93).

Quando associados contextos e motivações é possível observar um elemento que causa muita dificuldade para as buscas que é o fato de a maioria dos estudantes preferir se ocupar de informações consideradas de lazer ou distração. Por muitas vezes acabam deixando para outro momento as informações que estão relacionadas com os processos de produção. Como estudar exige certo grau de atenção e dedicação e, portanto, é uma forma de esforço, muitas vezes os estudantes de todos os níveis se sentem tentados a encontrar pontos de fuga.

Também pode haver interferência quando precisamos muito de uma determinada informação e não conseguimos encontrar, gerando cansaço e a sensação de fracasso. A razão para isso é o desconhecimento das estratégias para a busca de informações. Existem alunos altamente eficientes em utilizar tecnologias, que dominam ferramentas tecnológicas e entendem do funcionamento de vários sistemas, mas que se sentem desmotivados porque não conhecem ou não sabem utilizar as técnicas e estratégias de busca, seja por fatores cognitivos, emocionais ou situacionais.

O usuário da informação precisa melhorar suas habilidades que estão ligadas a sua cognição e percepção, pois a busca da informação é um processo dinâmico que se estende no tempo e no espaço e as situações que nos envolvem impulsionam às buscas. As necessidades de resolver determinadas

questões é que determinam a importância da informação para aquele contexto e muitas vezes há diversas motivações que permeiam todo esse processo (CHOO, 2003)

Gasque (2012) e Varela e Barbosa (2012) entendem que é possível utilizar a informação de forma completa, mas para isso é preciso buscar nas mais variadas fontes, desenvolver uma compreensão inicial, interpretar, para assim podermos refletir e então avaliarmos o conteúdo. Diante do exposto, nos é permitido inferir que para buscar a informação, o estudante precisa iniciar a investigação, procurar e, depois de localizar, selecionar as que lhe são convenientes.

Varela e Barbosa (2012, p.158) também enfatizam que para a informação ser compreendida e considerada útil é necessário que

[...] se entenda a mensagem principal, os objetivos do estudo e conseguir encontrar os pontos principais e os menos importantes. Na fase de interpretação, a compreensão deve ser mais profunda daquilo que já se leu, fazendo comparações, apresentando opiniões além de poder já evidenciar e refletir ante os objetos mais importantes encontrados.

Os diversos fatores mencionados quando bem trabalhados contribuem para desenvolver habilidades necessárias para buscar informação, com ou sem o uso das tecnologias. As pesquisas desenvolvidas na área da Ciência da Informação têm contribuído muito para a compreensão das dificuldades encontradas e apontamento de ações que possibilitem aos estudantes a melhorarem esses fatores e obterem uma formação mais adequada.

Quando se propõe um estudo abordando o comportamento de busca de informação em qualquer população é relevante lembrar que existem na literatura alguns modelos de comportamento. É necessário conhecê-los para que haja uma melhor compreensão do comportamento informacional que se pretende investigar.

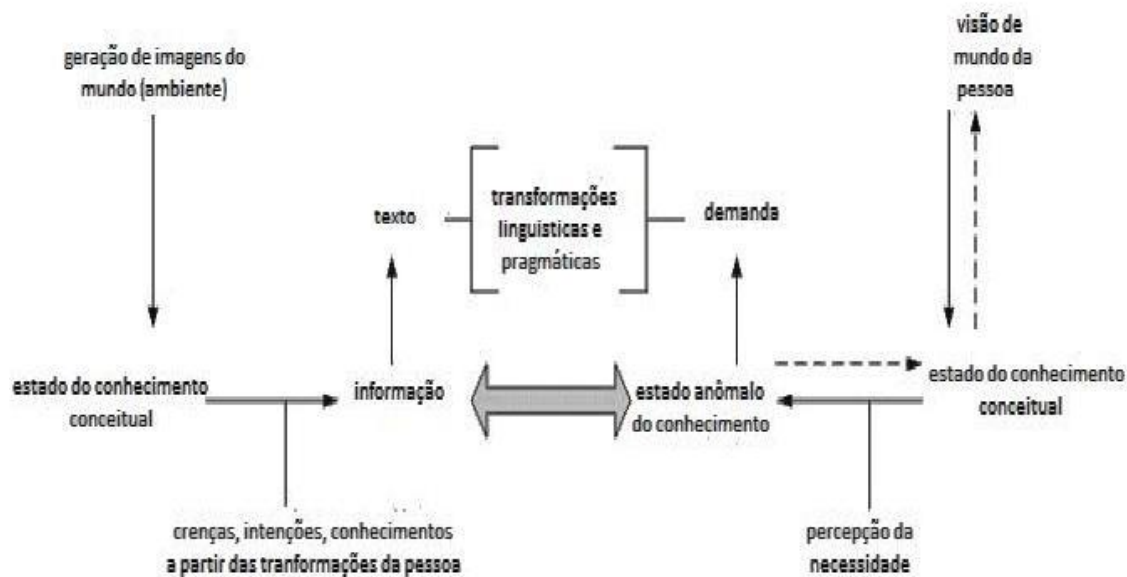
2.5 Modelos de Comportamento Informacional

Os modelos têm por função simplificar uma representação da realidade, facilitando a compreensão de um fenômeno por meio de descrições que se aproximam da realidade que se pretende conhecer. As mais variadas áreas do conhecimento utilizam modelos para analisar e demonstrar como ocorrem os eventos e fenômenos em relação à busca e uso da informação.

Serão abordados nos parágrafos a seguir os principais modelos de busca de informação utilizados pelos pesquisadores da área da Ciência da Informação. Sendo eles propostos por Nicholas Belkin (1980), Tomas Daniel Wilson (1981), Brenda Dervin (1983), Robert Taylor (1986), David Ellis (1989), Carol Collier Kuhlthau (1991) e Chun Wei Choo (2003).

Belkin (1980) propôs que há um “Estado Anômalo do Conhecimento”, do original em inglês *Anomalous States of knowledge (ASK)*, conforme pode ser observado na figura 12. Em seus trabalhos afirma que este é um estado que ocorre quando uma pessoa identifica uma necessidade de informação e percebe a lacuna entre o que sabe e o que precisa saber, passando a reconhecer a necessidade de buscar novas informações.

Figura 12 - Estado Anômalo do Conhecimento de Belkin

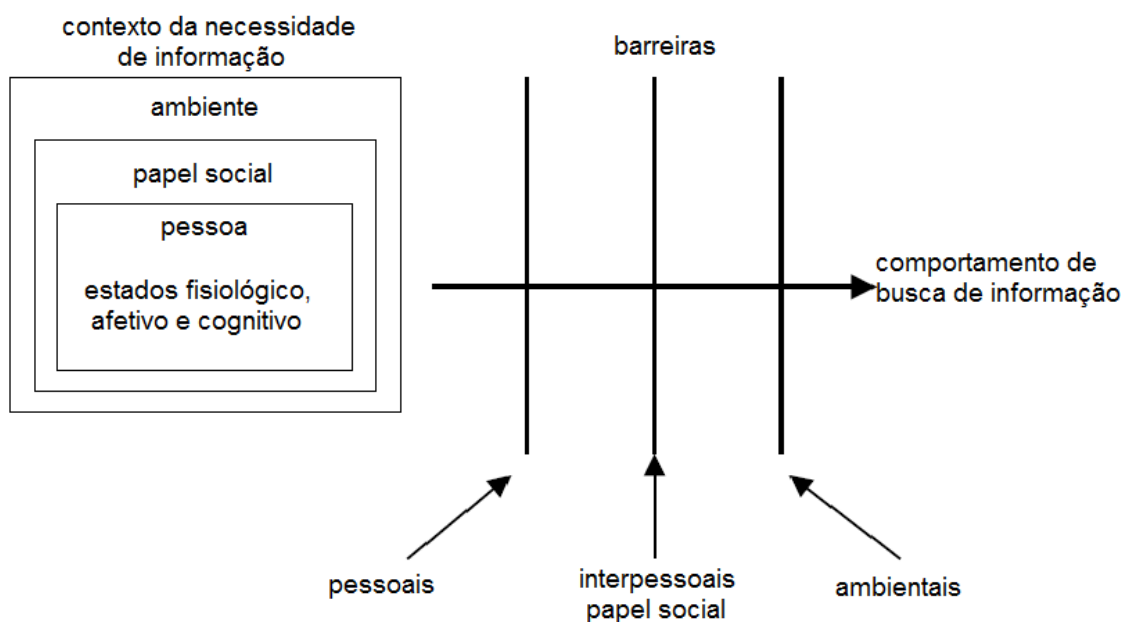


Fonte: Belkin (1980, p. 135, tradução nossa)

Essa percepção do estado inicial do conhecimento é denominada de ‘estado anômalo’, pois pode significar lacunas de informação, incertezas e incoerências. Ao interagir com um sistema de recuperação de informações para suprir sua necessidade, o estado de conhecimento da pessoa é constantemente alterado e no processo de busca o usuário pode mudar sua estratégia, reavaliar suas fontes e definir o fim da busca de acordo com suas motivações e demandas. (CENDÓN; ROLIM, 2013, p. 04).

Wilson (1981) propôs um modelo que foi revisado em 1996. Em seus primeiros estudos Wilson (1981) explanava que a necessidade de informação não é a primeira necessidade, mas uma necessidade secundária que surge além das necessidades básicas e que durante o comportamento de busca da informação é provável que a pessoa encontre barreiras de diferentes tipos. Conforme representação do modelo na figura 13.

Figura 13 – Modelo de comportamento proposto por Wilson



Fonte: baseado no primeiro modelo de Wilson, 1981

O modelo, representado na figura 13, foi sendo modificado e atualmente as barreiras são chamadas de variáveis intervenientes, porque dependendo da situação, podem funcionar também como forma de estímulo. Crespo e Caregnato (2006) comentam que são apontadas diversas variáveis que têm influências significantes no comportamento informacional, além dos mecanismos que o ativam. Tais variáveis serão abordadas mais adiante.

Cendón e Rolim (2013) argumentam que o primeiro modelo proposto por Wilson evoluiu e transferiu o foco do estudo das fontes utilizadas para a busca e o uso da informação no ambiente em que se vive. Em seus modelos foram utilizadas teorias de várias áreas do conhecimento. Tanto o valor da informação quanto as variáveis que afetam a busca e o uso da informação são concernentes ao contexto

em que vivemos, nossas demandas pessoais, profissionais e as diversas possibilidades.

Para Crespo e Caregnato (2006) as pesquisas realizadas por Wilson deram base aos estudos do comportamento de busca de informação de pesquisadores e subsidiaram a proposição de um modelo para demonstrar os conceitos de necessidade informacional, comportamentos de busca e uso da informação. Influenciado pelas pesquisas de Ellis, Cox e Hall (1993), Wilson modificou algumas vezes o seu primeiro modelo de comportamento informacional e apresentou versões que melhoraram o primeiro. Para Wilson (1999) seu modelo de 1981 precisava ser melhorado e expandido para poder considerar outros aspectos do comportamento informacional, principalmente o comportamento de busca de informação.

Segundo Martínez-Silveira e Oddone (2007) Wilson adotou um conceito chamado de "mecanismo de ativação" – do inglês *activating mechanism* - proveniente da teoria do estresse/enfrentamento – do inglês *stress/coping theory* - que o auxiliou a demonstrar por que algumas necessidades informacionais não promovem o desenvolvimento de um comportamento de busca.

Ainda segundo Martínez-Silveira e Oddone (2007), a respeito de Wilson, houve a percepção da existência de outra fase intermediária, agora entre a consciência da necessidade e as ações que são necessárias para satisfazê-la. Para tanto, o autor fez uso de conceitos da teoria do risco/recompensa – do inglês *risk/reward theory* - para demonstrar como e por que, o que ele chamou de "variáveis intervenientes", podem desencadear ou obstruir as iniciativas de busca de informação.

As fontes, por exemplo, podem tornar-se barreiras ao processo de busca: ao investigar por que algumas fontes de informação são mais utilizadas do que outras, verifica-se que, quando há várias alternativas similares a escolher, os esforços de pesquisa são proporcionais às recompensas oferecidas em cada fonte. Outro conceito empregado por Wilson para explicar o funcionamento das 'variáveis intervenientes' foi o de 'auto-eficácia' (*self-efficacy*), oriundo da teoria da cognição social (*social cognitive theory*), que, por sua vez, foi desenvolvida a partir da teoria do estímulo-resposta (*stimulus-response theory*). (MARTINEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 124)

Para as pesquisadoras a "auto-eficácia" sugere a existência da crença de qualquer um de nós sempre pode conseguir desenvolver um

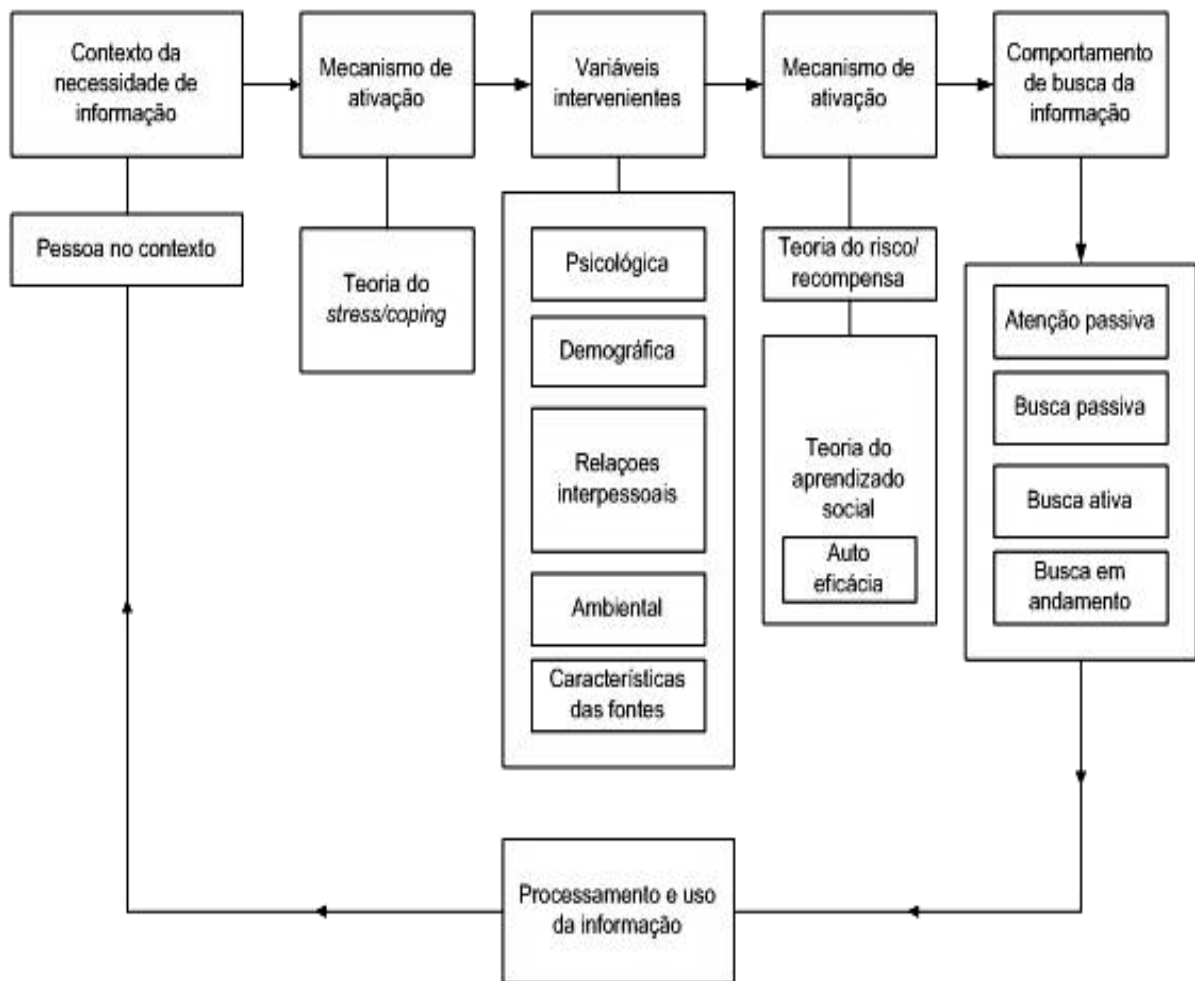
comportamento para atingir objetivos. Nesse contexto, variáveis de natureza psicológica ou demográfica, por exemplo, podem ser superadas pela utilização da "auto-eficácia".

Para Wilson e Walsh (1996) as variáveis que interferem no processo de busca informacional podem ser: psicológicas; demográficas; sociais (relações interpessoais); de meio ambiente (ambiental); ou relativas às características das fontes. De uma maneira resumida é possível descrever as variáveis intervenientes, estudadas pelos autores, da seguinte forma:

- a) variáveis psicológicas:** podem corresponder às preferências pessoais, aos valores de vida, às reflexões que a pessoa desenvolve, suas orientações religiosas ou políticas, suas emoções, suas ações ou atitudes inovadoras, sua maneira de aprender ou perceber os acontecimentos ou fenômenos, os estereótipos, as preferências, os preconceitos, os gostos ou aversões que a pessoa pode ir adquirindo durante a vida;
- b) variáveis demográficas:** dizem respeito aos fatores como idade, sexo, ocupação, nível de instrução e de experiências profissionais;
- c) variáveis de relações interpessoais:** são as variáveis que permeiam as funções e atribuições que a pessoa desenvolve e os relacionamentos que constrói com os outros membros da sociedade, podendo criar facilidades e oportunidades, mas também podem construir barreiras;
- d) variáveis ambientais:** dizem respeito ao ambiente em que a pessoa vive, podendo exercer enormes influências, tanto positivas quanto negativas; e
- e) variáveis das fontes de informação:** que englobam as características das fontes, dentre elas é possível citar o valor que lhes é atribuído, adequação às necessidades e suas características de confiabilidade.

Na sequência podemos ver o modelo atualizado de Wilson.

Figura 14 – Modelo atualizado de Wilson



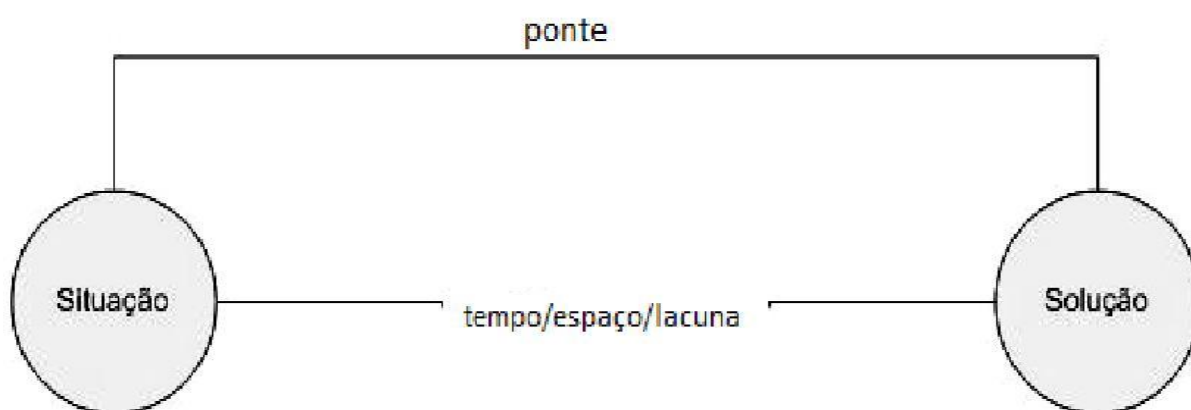
Fonte: Wilson (1999, p. 569, tradução nossa)

Dervin (1983) desenvolveu um modelo que consiste na utilização de conceitos e métodos para compreender como as pessoas constroem sentido - chamado de *sense-making* - em suas realidades e como elas utilizam as informações nesse processo, conforme foi representado na figura 15. O *sense-making* é utilizado para compreender como as pessoas observam e interpretam o mundo exterior, no qual constroem sentidos pela utilização de esquemas mentais prévios em um contexto sociocultural.

O modelo de Dervin (1983) foi desenvolvido considerando a situação (o tempo e o espaço onde surge uma necessidade de informação), a lacuna (a parada ou barreira que precisa ser superada por pontes cognitivas ou quando as pessoas precisam criar sentido para atender suas necessidades informacionais e se movem no tempo e no espaço) e o uso (a pessoa recebe uma informação útil e a transforma em conhecimento).

A metodologia do *sense-making* é associada ao deslocamento da ênfase colocada nos sistemas de informação (correspondência entre uma busca de informação e a recuperação de documentos) para os usuários de informação (correspondência entre o sistema e a necessidade de informação). Esse direcionamento do enfoque para os usuários individuais é percebido em Dervin pela análise dos processos de busca e uso da informação como práticas comunicacionais produzidas e reproduzidas por diferentes pessoas, nos diversos contextos em que atuam (VENÂNCIO; NASSIF, 2008, p. 05).

Figura 15 - Modelo de Dervin

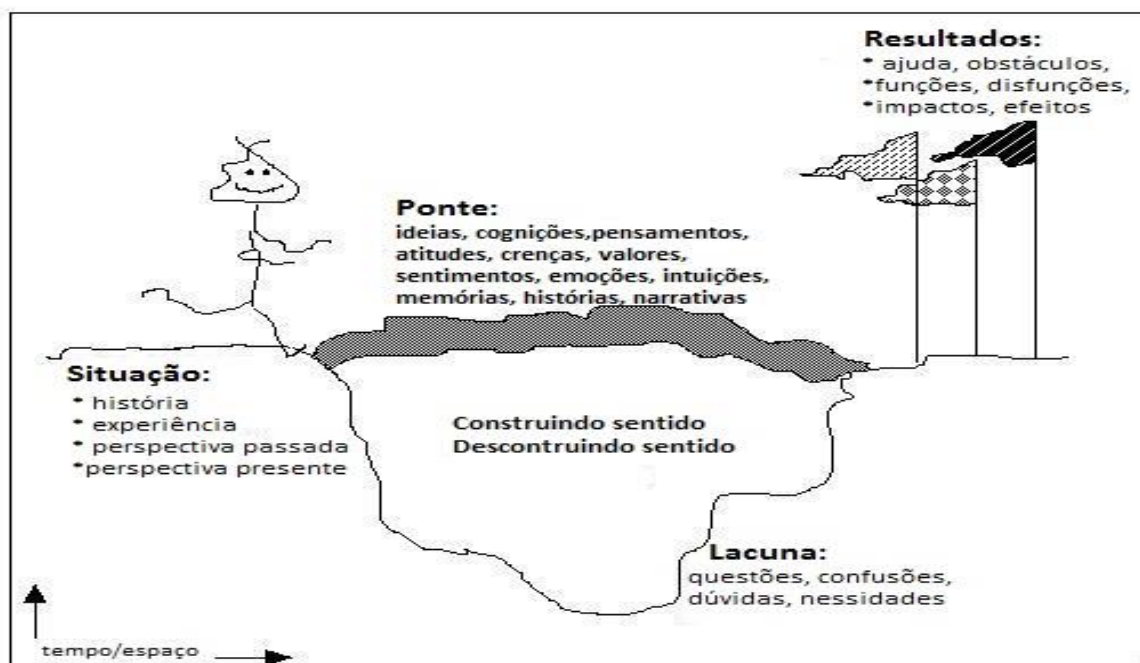


Fonte: Wilson (1999, p. 254, tradução nossa)

Dervin, em 1992, demonstrou que a descontinuidade é um aspecto central da realidade, presente em todas as situações da vida das pessoas. Uma pessoa pode estabelecer um sentido para transpor os *gaps* cognitivos que lhes são apresentados em decorrência da descontinuidade sempre presente na realidade, incompleta e inconstante (VENÂNCIO; NASSIF, 2008, p. 07).

Para Dervin, o estado cognitivo da pessoa é representado metaforicamente como um movimento contínuo, no tempo e no espaço, no qual a própria pessoa estabelece um sentido para suas ações e para o ambiente em que vive, conforme representado na figura 16. Contudo, em todo momento, nos deparamos com situações problemáticas (barreiras, confusões, incertezas, dúvidas e desencontros) que nos impedem de prosseguir devido à percepção de uma lacuna cognitiva. Podemos tentar compreender essa lacuna, baseada na interpretação, determinando as estratégias para preenchê-la e chegar a algum resultado.

Figura 16 - A arte original da Metáfora *Sense-Making*



Fonte: Dervin (1999), (tradução nossa)

Venâncio e Nassif (2008) comentam que a abordagem do *sense-making* enfatizava demasiadamente a pessoa e o seu mundo interno, ou seja, apenas como um esquema individual de referências. Inicialmente o modelo não contemplava as dimensões coletivas que envolvem os processos de construção de sentido. O modelo evoluiu e a partir do início da década de 1990, Dervin volta sua atenção para fatores mais sociais, como o contexto que é criado pelos indivíduos e seus relacionamentos, resultando numa abordagem onde o *sense-making* é uma metodologia voltada para o coletivo.

O modelo mais atualizado de Dervin (1993) revela uma ênfase na linguagem que utilizamos, considerando que é uma construção social, portanto derivada do coletivo e não do individual. Conforme analisam Venâncio e Nassif (2008) a ênfase passa a estar nas ações e nos movimentos realizados por nós, que se revelam na linguagem utilizada, as motivações, as cognições e emoções durante o processo de busca de informação e procuram atender uma demanda (*gap*).

Crespo e Caregnato (2006) argumentam que Dervin desenvolveu um modelo que descreve a criação de significado do ponto de vista da abordagem cognitiva. Compreendendo o indivíduo como um ser em movimento, em passagens por diversas experiências e sempre construindo significados, mas que pode parar

diante de uma determinada situação e é obrigada a uma parada pela falta de informação, denominado “vazio cognitivo”.

Ainda baseando-se em Dervin, Crespo e Cregnato (2006) apresentam em seus estudos seis tipos de paradas de situação¹², sendo:

- a) Decisão** – qual caminho: informação pode ajudar a criar ideias;
- b) Barreira** – bloqueio no caminho, onde a informação pode encontrar direções;
- c) Rotatória** – não se vê caminho a frente: informação pode ajudar a adquirir capacidades;
- d) Inundação** – caminho desaparecido: informação pode ajudar a obter apoio;
- e) Problemática** – arrastado para outro caminho: informação pode se tornar um elemento motivador;
- f) Outras categorias** (movimentos de entorno) que são:
 - Entorno perceptivo – ausência de visão: a informação pode ajudar a conectar-se com a realidade;
 - Entorno situacional – diversas interseções no caminho: informação pode acalmar; e
 - Entorno social – interação entre pessoas: informação pode ser prazerosa e ajudar a atingir objetivos.

O modelo *sense-making* é bastante utilizado na área de Ciência da Informação, considerando a informação como sendo uma construção realizada por todos nós, a partir de nossas experiências sociais, culturais, políticas e econômicas. É relevante ressaltar que a informação é, portanto, subjetiva e adquire significado no contexto no qual estamos inseridos.

Kuhlthau (1991) desenvolveu um modelo exaustivamente utilizado para estudar o comportamento de busca, chamado de *Information Search Process* (ISP). Esse modelo foi elaborado por meio da análise do processo de busca de informação de estudantes de graduação que estavam desenvolvendo suas pesquisas. Kuhlthau analisou como este processo se caracterizou, concluindo que o mesmo ocorreu por meio de ações, de pensamentos e de sentimentos durante todo o processo de busca.

Para Kuhlthau (1991) é relevante o que sentimos durante as etapas do comportamento de busca, porque os sentimentos são inerentes aos processos

¹² O indivíduo percebe que existe uma lacuna.

que envolvem a busca por informação. A incerteza, a apreensão e, por consequência, a ansiedade podem caracterizar a fase inicial do comportamento de busca porque muitas vezes podemos não saber o que estamos precisando e nossas ideias ainda não são muito claras. Conforme identificamos nossas necessidades e as informações de que iremos precisar ocorrem sentimentos de otimismo. Ainda conforme as buscas avançam, podem surgir dúvidas e resultar em satisfação ou frustrações, dependendo dos resultados que são encontrados.

Quando há uma busca ocorre uma construção de novos conhecimentos a partir de novas informações e, como construir qualquer coisa demanda trabalho, torna-se uma tarefa que exige energia e diversos sentimentos. Kuhlthau (1994) amplia argumentando que há dois pontos básicos que permeiam a teoria da construção do conhecimento. Um deles é que construímos nossos “mundos” à nossa maneira, e o outro é que a construção nos envolve como um todo incorporando pensar, sentir e agir num processo dinâmico de aprendizagem. O processo construtivo não é confortável, nem suave, mas sim um caminho de experiências muitas vezes perturbadoras e ameaçadoras.

Kuhlthau deste modo defende que temos certas limitações para assimilar as informações que são encontradas e por isso construímos significados e os associamos ao que sabemos por experiências anteriores. A busca pela informação acaba se tornando um processo de construção no qual se junta às experiências da pessoa, seus sentimentos, seus pensamentos e esse conjunto reflete nas ações.

O modelo proposto pela pesquisadora ocorre numa série de etapas, que são permeadas por determinados sentimentos, pensamentos e ações, que possivelmente afetam todo o processo. O êxito ou não nas primeiras etapas irá refletir nas etapas seguintes. Na sequência serão descritas as etapas que compõe o processo de busca proposto por Kuhlthau.

a) Iniciação: é a primeira etapa, quando entendemos que não sabemos o suficiente e surge uma necessidade informacional. Surgem os sentimentos de incerteza e apreensão;

b) seleção: selecionamos o que iremos buscar e surgem sentimentos de otimismo porque nos sentimos mais preparados para as buscas;

c) exploração: é quando exploramos as informações disponíveis e tentamos encontrar as que são mais relevantes. Há sentimentos de incerteza, confusão e

ansiedade, devido às informações serem diferentes daquilo que se conhecia anteriormente ou de suas expectativas. Uma informação nova pode ser perturbadora por não se encaixar nos conhecimentos que tínhamos. É uma etapa com bastante desconforto, porque muitas vezes a recuperação de informação pode se tornar um processo difícil para determinadas pessoas que não conhecem os sistemas de informação;

d) formulação: etapa que permite definir um ponto comum entre as informações encontradas, definindo o que é mais ou menos relevante. O sentimento de confiança vai aumentando conforme as ideias vão se tornando mais claras;

e) coleta: etapa em que temos mais facilidades e conseguimos acessar as possibilidades do sistema de informação e quando nossas buscas estão de acordo com nossos objetivos e possibilitam compor uma coleção de dados. Os sentimentos de confiança substituem cada vez mais os sentimentos de confusão e incerteza. E quanto mais habilidades dispomos diante dos sistemas, melhores serão nossas chances de adquirir as informações;

f) apresentação: nessa etapa conclui-se a busca e apresentamos os resultados para outros ou seguimos utilizando a informação. Os sentimentos podem ser de alívio de ter completado um ciclo do comportamento de busca.

O modelo de Kuhlthau (1991) estuda os sentimentos que permeiam as várias etapas e ações que envolvem o comportamento de busca. A necessidade por informação surge acompanhada de incertezas. As buscas se iniciam com sentimentos de dúvidas, confusão e frustração. Conforme os resultados são encontrados a confiança aumenta, resultando em sentimentos de satisfação e alívio.

Taylor (1986) propôs um modelo chamado de Abordagem do Valor Agregado – do inglês *user-values/value-added* – no qual o valor da informação pode ser atribuído pelo significado que apresenta na situação e o contexto da vida, considerando os vários ambientes em que vivemos. As necessidades informacionais surgem durante a execução das tarefas ou solução de problemas e podem existir em alguns níveis, sendo definidos pelo autor como:

a) nível visceral: onde é possível detectar a falta de conhecimento (um vazio ou lacuna);

b) nível consciente: reconhecemos a demanda e, de certa forma, podemos saber quais informações é que poderão ser úteis;

c) nível formalizado: diminuem-se as incertezas e ambiguidades;

d) nível adaptado: onde conhecemos as questões pertinentes diante das fontes de informação. Nesse nível verificamos qual a relevância das informações para resolver nossos problemas e essa percepção e nossos valores podem influenciar nas buscas.

Também há o modelo desenvolvido por Ellis (1989) que se baseia na cognição humana. Nesse modelo o autor explicita que uma pessoa percebe que precisa saber mais e se utiliza de suas capacidades cognitivas para realizar suas buscas por informação.

Este modelo que contribuiu para inúmeras pesquisas demonstra que as capacidades cognitivas de cada um de nós é que definem como e quando pode ocorrer uma busca por informação. O modelo proposto por Ellis

é centrado em aspectos cognitivos da busca de informação, e foi baseado no estudo do comportamento de diferentes grupos de cientistas sociais de departamentos da Universidade de Sheffield. Este modelo foi desenvolvido a fim de apresentar recomendações para o design de sistemas de recuperação da informação (apud CAREGNATO; CRESPO, 2003, p. 07).

O modelo desenvolvido por Ellis (1989) propõe um comportamento de busca de informação que não pode ser descrito e classificado em etapas. Foi demonstrado, como denomina o autor, “por características”, que são as seguintes:

a) Iniciação: é a denominação dos meios utilizados pelas pessoas para iniciar as buscas por informação, que podem ser a solicitação a colegas, consultas a profissionais, utilização de referências registradas em outras obras, revisões de literatura, catálogos, índices, resumos, bases de dados, periódicos e outros. Essa “característica” é o ponto de partida para o ciclo de buscas;

b) Ligação/encadeamento: buscar as fontes a partir das referências ou citações iniciais que foram encontradas na etapa da iniciação;

c) Navegação: realizar buscas casuais por informação em áreas que podem atender os interesses;

d) Diferenciação: é a etapa que permite diferenciar as fontes e seus dados e é como um modo de filtrar a quantidade de informação que foi encontrada;

e) Monitoramento: quando é possível monitorar as fontes e acompanhar os desenvolvimentos de determinadas áreas pelos principais periódicos, editoras e seus livros, jornais que abordam a temática, conferências e eventos, revistas, livros

e outras publicações que se relacionam com o objeto de interesse. Em outras palavras, acompanhar o que é publicado de novidade com relação aos interesses;

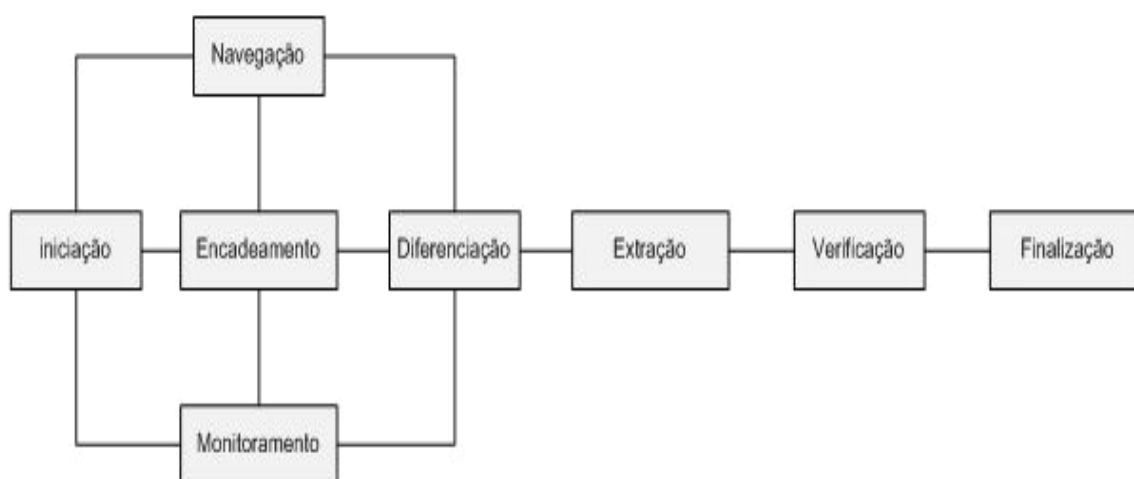
f) Extração: extrair as informações relevantes de determinadas fontes;

g) Verificação: etapa que é direcionada a verificar a precisão das informações;

h) Finalização: etapa onde a busca se concretiza.

O modelo proposto por Ellis foi estudado por Wilson e representado em 1999, conforme pode ser observado na figura 17. Sendo que o modelo aponta “características” do comportamento, enquanto que outros modelos descrevem como etapas.

Figura 17 – Modelo de Comportamento de Busca de Ellis



Fonte: Wilson (1999, p. 255, tradução nossa)

Já o modelo desenvolvido por Choo (2003) apresentou uma nova abordagem acerca da busca por informação, conhecida como Abordagem Interacionista. É um modelo que identificou e relacionou os principais elementos que influenciam o comportamento de busca por informação. Choo se baseou na abordagem cognitiva de criação do significado, desenvolvida por Dervin; nas reações emocionais durante o processo de busca de informação, pesquisadas por Kuhlthau; e nas situações e contextos em que a informação é utilizada, conforme abordado por Taylor.

Segundo Choo (2003) ao sentir a necessidade de informação a pessoa pode identificar as lacunas de conhecimento ou de criação de significado e cria possibilidades de utilizar diferentes fontes de informação. É possível encontrar de maneira “*accidental*” a informação que será útil. Ainda é provável até desviar

atenção da demanda para não ter que desenvolver o comportamento de busca. Reconhecer a necessidade de informação depende de alguns aspectos cognitivos, afetivos e situacionais que afetam a seleção das fontes, a recuperação de informações e a criação de significados.

Considerando estes argumentos é possível incluir desde as curiosidades mais simples de uma criança até questões mais complexas que envolvem a decisão de um político em relação ao futuro de uma nação. A relevância que a informação adquire depende muito do contexto, da necessidade e varia de pessoa para pessoa.

Para o referido pesquisador o contexto exerce significativa influência positiva ou negativa, e também afirma que o ambiente onde a informação pode ser encontrada é muito relevante, determinando inclusive seu valor. Tornando-se necessário considerar tanto o ambiente interno de processamento da informação (que é na mente das pessoas), quanto o ambiente externo em que a informação é encontrada e utilizada - que é o ambiente onde a pessoa vive, podendo ser a escola, o trabalho, um clube, uma igreja ou qualquer outro lugar que está frequentando.

A abordagem proposta no modelo é interacionista porque considera que a busca por informações é um processo de interação entre a cognição, as emoções e os ambientes. As pessoas fazem o que fazem porque precisam atender suas demandas informacionais. É relevante considerar que as necessidades variam muito conforme estas demandas e que as informações são assimiladas conforme a consciência de cada um. Uma informação pode significar muito para uma determinada população e para outras simplesmente não representar nada.

Os estudos propostos por Choo possibilitam compreender que o valor de uma informação é muito relativo. Quando se trata de uma questão relevante para determinados grupos a informação passa a ter valor, porém quando não corresponde aos interesses não tem valor algum e, em muitos casos, não tem nem mesmo significado. Há muito debate acerca dessa questão e alguns pesquisadores, dentre eles Almeida Júnior (2009), argumentam que nem pode ser chamada de informação os dados que não tem significado.

Cabe considerar que existem outros modelos que foram desenvolvidos por outros pesquisadores, mas não foram citados neste levantamento. Procurou-se abordar os principais modelos, devido as suas

contribuições para a área da Ciência da Informação, mas tendo ciência de que existem outros modelos que também são relevantes e que podem ser utilizados.

Ao apresentar apenas determinados modelos o anseio era demonstrar que são tentativas de representação de uma realidade, que nesse caso é o comportamento informacional de busca e que subsidiam a realização desta pesquisa. Os modelos, assim como outros recursos científicos, tem a possibilidade de sofrer modificações. Como é possível ser observado, de fato, alguns modelos se modificaram bastante com o passar dos anos para melhor representar aspectos do comportamento informacional.

Como foi possível perceber, alguns modelos ganharam sucessivas adequações à medida que novos conhecimentos foram construídos e compartilhados. Wilson (1999), como foi informado anteriormente, argumentou que precisou modificar seu primeiro modelo para poder abranger outros aspectos do comportamento informacional que não eram contemplados e nem percebidos em seus primeiros estudos. Desta maneira, alguns dos modelos utilizados atualmente podem ser refutados ou mesmo adequados futuramente.

2.6 Pesquisas que Abordam a Temática do Comportamento Informacional

Durante a realização desta pesquisa, para a construção do referencial teórico, foi realizado um levantamento na literatura acerca de pesquisas que abordam a temática. Como dito anteriormente, é vasto o número de produções que tratam do comportamento informacional de pesquisadores que atuam como docentes no Brasil, um número considerável de pesquisas que contemplam o comportamento de estudantes de graduação e um número bem menos expressivo de trabalhos que tratam de estudantes de pós-graduação. Para demonstrar um breve panorama desses estudos, nos parágrafos a seguir, serão apresentadas algumas pesquisas brasileiras que envolvem o comportamento de busca de estudantes de pós-graduação.

Quanto ao critério de seleção adotado procuramos apresentar as pesquisas mais recentes relacionadas ao tema. Não houve outros critérios, porém

tomamos o cuidado de buscar por pesquisas similares no intuito de possivelmente utilizá-las, juntamente com a literatura da Ciência da Informação, na análise dos dados que coletamos. É uma forma de estabelecer comparações, confirmando ou complementando o que foi encontrado em outras populações.

Um artigo publicado em 1999 na revista *Ciência da Informação*, por Angela Maria Belloni Cuenca, apresenta uma pesquisa que avalia os resultados da capacitação de usuários em buscas informatizadas, por meio do Curso de Acesso às Bases em CD-ROM Medline e Lilacs, uma modalidade do Programa Educativo da Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de São Paulo – USP.

O curso foi oferecido aos docentes e aos alunos da pós-graduação em saúde pública. A pesquisa contou com 92 participantes entre 1993 e 1995 e os resultados demonstraram que, após a participação no Curso, 65,2% deles conseguiram autonomia no uso das bases de dados, 15,2% solicitaram buscas intermediadas por um profissional bibliotecário e 19,6% não realizaram buscas nas bases da Biblioteca. O auxílio que foi solicitado aos bibliotecários foi por motivos como: pouca familiaridade com as bases, dificuldade em lidar com tecnologia, confiança na busca realizada por um profissional bibliotecário e falta de tempo para buscas.

Trabalhos publicados em 2007 e em 2009, no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), por André Luís Onório Coneglian e Helen de Castro da Silva Casarin, caracterizaram e analisaram o comportamento informacional de um grupo de pós-graduandos surdos sinalizadores (que fazem uso da Língua Brasileira de Sinais). Trata-se de um relato que apresenta parte dos resultados de uma pesquisa e o enfoque é a influência dos fatores psicológicos, demográficos e interpessoais previstos no modelo de comportamento informacional de Tom Wilson.

A metodologia incluiu a aplicação de um questionário, utilização da técnica de grupo focal, realização de entrevista com esse grupo de pós-graduandos e observações do meio acadêmico do qual fazem parte. Os resultados demonstram a necessidade da Ciência da Informação considerar a produção do conhecimento também realizada em língua de sinais, registradas em diferentes suportes a fim de que os usuários surdos possam ser contemplados em suas necessidades informacionais, já que os processos que envolvem as buscas e os usos ocorrem de forma diferenciada.

Uma dissertação realizada por Janaína Celoto Guerrero em 2009 trata do tema competência informacional, mais especificamente sobre a busca de informações científicas por pós-graduandos no ensino de pós-graduação nas áreas de Ciências Agrônômicas e Ciência Florestal. O principal objetivo foi verificar o desempenho dos pós-graduandos na busca de informações científicas. Os objetivos específicos foram elaborar um instrumento para avaliar a competência informacional dos participantes na busca de informações científicas; verificar se os participantes conhecem e utilizam os operadores booleanos na elaboração de estratégias de busca; verificar se os participantes estão familiarizados com a elaboração de estratégias de busca; investigar como os participantes costumam utilizar fontes de informação para o desenvolvimento de pesquisas; levantar subsídios para os programas de capacitação dos usuários da Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrônômicas, da Unesp, campus de Botucatu, que auxiliem o desenvolvimento de competências informacionais.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico, com base em normas de competência informacional para ensino superior desenvolvidas pela *Association of College and Research Libraries*, da *American Library Association*, e também em pesquisas internacionais sobre o tema. O questionário foi aplicado via internet aos alunos dos Programas de Pós-graduação em Agronomia e Ciência Florestal da Faculdade de Ciências Agrônômicas, Unesp, campus de Botucatu.

Os resultados encontrados pela autora demonstraram que os estudantes de modo geral possuem dificuldade no uso dos operadores booleanos, na elaboração das estratégias de busca e na utilização das ferramentas de buscas disponíveis, sejam as bases de dados ou os catálogos eletrônicos. Apontou que a inclusão de políticas de desenvolvimento das competências informacionais nas aulas e cursos poderia ser a maneira de modificar essa realidade.

A tese defendida em 2011, por Helen de Castro Silva Casarin acerca do comportamento informacional de pós-graduandos na área de educação, visou identificar aspectos da busca e uso da informação que causam impacto na atuação dos futuros pesquisadores e profissionais. A pesquisa teve como objetivos identificar os fatores que podem influenciar no comportamento informacional dos participantes; investigar se havia diferença significativa de comportamento entre estudantes do mestrado e do doutorado; verificar a influência do gênero no comportamento

informativa dos pós-graduandos. A coleta de dados foi realizada em duas etapas: grupo focal com grupo de 11 participantes para levantamento de subsídios para etapa seguinte, que constituiu na aplicação de questionário eletrônico aos alunos regulares de 16 programas de excelência do país. Participaram da pesquisa 493 pós-graduandos, sendo 54% de doutorandos e 46% de mestrandos e 75% de mulheres e 25% de homens. Os resultados demonstraram que a maioria dos sujeitos não havia participado de instrução formal para busca em bases de dados; que os participantes estavam abertos a novas ideias e não restringiam suas buscas apenas às informações que confirmam sua visão sobre o tema pesquisado; demonstravam preocupação em não negligenciar informações e tinham o hábito de buscar regularmente informações para suas pesquisas, se mostrando dispostos a investir tempo e esforço em suas buscas. O gênero mostrou ser um fator mais influente no comportamento informal que o nível em alguns itens abordados na pesquisa. (CASARIN, 2011).

Um artigo publicado em 2011 na revista DataGramZero, de autoria de Rodrigo Moreira Garcia e Helen de Castro Silva Casarin, apresentou um estudo tratando do comportamento informativo de uma amostra de estudantes de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” - Unesp, Campus Marília. A amostra foi composta de 20% dos estudantes matriculados nos Programas de Pós-graduação sediados na Unesp Campus de Marília, o que correspondeu a 50 pessoas. O trabalho verificou como tem sido a interação dos estudantes (usuários finais da informação) com as bases de dados bibliográficas e identificou as necessidades de otimização de programas de desenvolvimento de competências informacionais. Foram utilizados questionários e os resultados demonstraram que a maioria dos estudantes tem dificuldade para realizar as suas buscas e necessitam da mediação de um profissional. Concluiu que há a necessidade de se investir mais em estratégias para promover as competências informacionais dos estudantes, porque no estágio atual daquela amostra, os participantes da pesquisa não conseguem encontrar as informações de que necessitam sem o auxílio de um intermediário.

A dissertação realizada por Jeanine da Silva Barros, em 2011, apresentou uma reflexão a respeito das concepções do conceito mediação da informação no âmbito das bibliotecas universitárias e de sua relação com as tecnologias na sociedade contemporânea. Investigou de que maneira a biblioteca

universitária e a internet têm influenciado nas pesquisas acadêmicas dos pós-graduandos *stricto sensu* da Unioeste, Campus de Cascavel.

Como metodologia, a autora adotou uma pesquisa de campo com vinte e um (21) pós-graduandos, numa abordagem quanti-qualitativa. Por meio de uma entrevista semiestruturada, baseada em um roteiro prévio com questões sobre as rotinas de pesquisas.

Os resultados obtidos revelaram que refletir sobre a mediação da informação no contexto das TIC é essencial para a melhoria da atuação das bibliotecas universitárias nas instituições de ensino superior. Do contrário, pode-se incidir no senso geral de que a internet é suficiente para suprir as informações necessárias para a pesquisa acadêmica e, até mesmo, há uma falsa sensação de que as TIC, por si só, resolvem a democratização da informação. Os entrevistados expressaram que, independentemente da preferência e da autonomia demonstrada diante das TIC no processo de busca da informação científica, a biblioteca, bem como seus profissionais, mantém relevante importância perante seus usuários. Também propôs algumas ações que visam melhoria e inovação nos serviços prestados pelas referidas organizações.

Em 2012, a pesquisa realizada por Carolina Machado Quadros abordou o comportamento informacional de estudantes de matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, verificando como esses estudantes se comportam com relação à busca e ao uso das informações. O trabalho identificou quais as fontes de informação que os estudantes mais utilizam, observou a frequência do uso de periódicos impressos, bases de dados e do Portal de Periódicos da CAPES. Também identificou os processos que envolvem a busca e o uso de informação pelos referidos estudantes. Utilizou o questionário, com questões abertas e fechadas, que foi enviado por e-mail aos estudantes de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Os resultados do estudo apontaram que os estudantes que participaram da pesquisa se comportam de forma diferenciada aos modelos de comportamento informacional propostos por Wilson (1981, 1996), Dervin (1983), Kikrelas (1983), Ellis (1989), Kuhlthau (1991), Heinstrom (2005) e Choo (2006). Que apenas alguns comportamentos e características de busca e uso de informação assemelham-se aos modelos citados.

Uma dissertação defendida por Etiene Siqueira de Oliveira, em 2013, abordou o comportamento informacional de pós-graduandos em engenharia.

Os objetivos da pesquisa eram caracterizar o comportamento informacional dos pós-graduandos; verificar se há diferença significativa entre o comportamento informacional de mestrandos e doutorandos; comparar o comportamento informacional apresentado pelos pós-graduandos das quatro subáreas da Engenharia; identificar a personalidade dos pós-graduandos por meio de uma escala de 50 itens; e relacionar os traços de personalidade que interferem no comportamento informacional dos pós-graduandos.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário eletrônico e a Escala de Personalidade de 50 itens de Goldberg. Os resultados indicaram, principalmente, que os pós-graduandos buscam informação de forma ativa, contudo, apresentam dificuldades na interação com as bases de dados e não utilizam palavras-chave e operadores booleanos. Apesar das dificuldades de utilização das bases, identificou-se que a maior parte dos alunos recebeu algum tipo de orientação para o uso das mesmas. As fontes de informação mais utilizadas foram os periódicos científicos, livros, teses e dissertações. Observou, ainda, que o traço de personalidade predominante nos participantes foi a conscienciosidade, sendo que foi possível relacionar os cinco traços (amabilidade, neuroticismo, extroversão, conscienciosidade e abertura) com o comportamento informacional dos participantes (comportamento de busca, recursos gastos com a informação e a avaliação dos conteúdos dos documentos). Concluiu que os pós-graduandos tendem a apresentar determinadas ações de acordo com o traço predominante na sua personalidade. (OLIVEIRA, 2013).

Um artigo publicado em 2013 na revista Informação & Sociedade, da Universidade Federal da Paraíba, de autoria de Helton de Araújo Figueiredo, Laudereida Eliana Marques Moraes e Francisca Arruda Ramalho apresentou uma pesquisa descritiva que analisou as buscas de informação pelos candidatos à seleção do Curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI). Com uma amostra de 24 candidatos que responderam a um questionário via e-mail, foi realizada a análise dos dados que demonstrou que os candidatos originam-se de áreas do conhecimento diferentes à Ciência da informação, que tinham como objetivo qualificação por conta das exigências do mercado de trabalho. Concluiu que as buscas de informação acontecem em canais formais, informais e eletrônicos diversificados, exercendo a internet um papel preponderante nesse sentido e que os candidatos se posicionam

de formas passíveis de interpretações diferenciadas e coletivas, reflexos das suas práticas e vivências cotidianas. Segundo a pesquisa, a busca pelo Curso de mestrado, como forma de qualificação, supera o entendimento dos candidatos sobre a Ciência da Informação. (FIGUEIREDO; MORAIS; RAMALHO, 2013).

As pesquisas selecionadas e relatadas aqui forneceram uma básica visualização de como ocorrem as etapas do comportamento informacional, especialmente no que se refere à busca da informação. Demonstraram que existem variedades de população, cada uma com determinadas peculiaridades com relação ao desenvolvimento do comportamento de busca e uso da informação. Explicitaram a relevância das pesquisas desenvolvidas no âmbito da Ciência da Informação e suas contribuições para a sociedade. Tornaram evidente que há a necessidade de se desenvolver mais estudos com outras populações, permitindo, deste modo, mais avanços no entendimento do comportamento informacional.

De acordo com o que foi exposto e compreendendo que todos os processos que ocorrem durante o comportamento informacional dependem das habilidades que as pessoas desenvolveram no trato com a informação é imprescindível abordar a competência em informação. As duas vertentes dentro da área da Ciência da Informação – comportamento informacional e competência em informação – são estudos que se completam. É imprescindível ampliar os trabalhos voltados ao desenvolvimento das habilidades das pessoas.

Em face do exposto é relevante considerar os estudos desenvolvidos por Coneglian (2007) a respeito do comportamento informacional. Segundo esse autor, há dois tipos de comportamento, sendo o básico (insuficiente ou inadequado) e o avançado (que seria o ideal, possibilitando mais autonomia ao indivíduo). Para uma pessoa que desenvolve um comportamento básico evoluir para o avançado é necessário participar de um programa que desenvolva as habilidades necessárias para interagir com as fontes e os seus sistemas. Ou seja, participar de um programa de competência em informação.

A competência em Informação é o campo que investiga como pode ocorrer essa evolução nas habilidades informacionais e promove ações nesse sentido. Embora os pesquisadores costumem se especializar em uma das vertentes – Comportamento ou Competência – é relevante compreender que são estudos que se completam e que crescem juntos. Para explicar fatos e fenômenos ocorridos em algumas etapas do comportamento informacional precisamos buscar subsídios na

Competência em Informação. Para identificar como podem ser melhoradas as habilidades das pessoas necessitamos das bases fornecidas pelos estudos do comportamento. À medida que novos conhecimentos são produzidos numa das vertentes, pode afetar diretamente a outra, porque estão interligadas.

Com o objetivo de estabelecer uma relação entre os conceitos de comportamento informacional e competência informacional para aplicação no contexto da comunicação científica, Lins e Leite (2011) demonstraram que seus fundamentos podem estar contidos em alguns pontos da definição de habilidades informacionais. A seguir, no quadro 1 elaborado por esses autores apresentada uma associação entre os dois conceitos. Os autores entendem a comparação por meio das relações entre as descrições de cada ação que há para os dois conceitos.

Quadro 1 – Associação entre Competência em Informação e Comportamento Informacional

Descrição	COMPORTEAMENTO INFORMACIONAL Ação	Associação - Comparação	COMPETÊNCIA INFORMACIONAL Ação	Descrição
<i>Necessidades básicas:</i> psicológica, afetivas e cognitivas. <i>Necessidades secundárias:</i> Função social e Ambiental	Contexto da Necessidade de Informação	O modelo sugere que o comportamento de busca da informação surge como uma consequência dentro do contexto das necessidades básicas e/ou secundárias.	Reconhecimento da necessidade de informação	1.Saber o que é conhecido, 2.Saber o que não é conhecido e identificar as lacunas
<i>Teoria do stress:</i> O indivíduo se considera possuidor de informações o suficiente	Mecanismo de Ativação	A competência, por sua vez, é atribuída ao reconhecimento da necessidade.	Determinar as estratégias de busca	1.Determinar todas as possibilidades de fontes 2. Selecionar as melhores fontes 3. Saber como desenvolver e refinar uma estratégia de busca
Psicológica	Variáveis Intervenientes (As variáveis intervenientes podem dar suporte ou impedir o processo de busca da informação).	As variáveis intervenientes não estão, em um primeiro momento, passíveis de serem associadas às competências. No entanto, na prática do processo de reconhecimento da necessidade e processo de busca, ela poderá ser mais bem visualizada como parte da mesma.	Localizar e Acessar as fontes	1.Localizar fontes apropriadas (intelectualmente e fisicamente) 2. Encontrar informações dentro das fontes 3. Fazer entrevistas, pesquisas de campo e outras pesquisas
Demográficas				
Relacionadas com a função, cargo; interpessoal Ambiental				
Características da Fonte				
<i>Teoria do Risco, Recompensa:</i> Algumas fontes podem ser mais utilizadas que outras. <i>Teoria da Aprendizagem social:</i> A convicção de que se pode executar o comportamento exigido para produzir o resultado esperado (<i>Autoeficácia</i>)	Mecanismo de Ativação	Os mecanismos de ativação também não estão implícitos na construção de alguma competência. No entanto, possui relação com a determinação da estratégia de busca.	Organizar a Informação	1. Classificar a informação 2. Sequenciar a informação em uma ordem lógica

Fonte: Lins e Leite (2011, p. 8)

Em face desses argumentos é possível inferirmos que é relevante produzir trabalhos que investiguem o comportamento que os estudantes desenvolvem. Porém, para que as pesquisas sejam mais profundas o ideal é aliar aos estudos relativos à competência em informação. Investigar como as pessoas formam suas habilidades informacionais permite compreender as causas dos resultados encontrados.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A *Information Literacy*, traduzida no Brasil como competência em informação, era descrita no princípio como o conjunto de habilidades desenvolvido pelas pessoas para lidar com as tecnologias digitais. O termo atraiu a atenção dos bibliotecários e evoluiu ao longo das últimas décadas. Muitas pesquisas foram realizadas em vários países e é possível encontrar estudos que utilizam os seguintes termos: alfabetização informacional, letramento ou literacia (em Portugal) informacional, habilidades informacionais, competência em informação ou competência informacional. Para esta pesquisa, no entanto, será adotado o termo “competência em informação” por considerá-lo mais adequado à realidade das pesquisas brasileiras.

O termo *Information Literacy* foi usado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1974, para designar habilidades necessárias à utilização de bases de dados eletrônicas que estavam sendo comercializadas naquele país desde a década de 1960. Representando os interesses dos produtores dessas bases, Paul Zurkowsky (1974) apresentou naquela ocasião um relatório à *National Commission on Libraries and Information Science* em que defendia a necessidade de preparar as pessoas para utilizar adequadamente esses produtos, já que seu número tendia a crescer em ritmo acelerado. (CAMPELLO, 2003).

Sônia Elisa Caregnato foi a primeira pesquisadora a fazer referência ao termo em pesquisas brasileiras, onde traduziu “*information literacy*” para seus estudos como “alfabetização informacional”. O contexto em que suas pesquisas estavam inseridas era relativo ao desenvolvimento das habilidades dos usuários de bibliotecas universitárias frente às novas tecnologias digitais. Era final da década de 1990 e surgiram inúmeras tecnologias que representavam barreiras aos usuários, foi por conta desse fenômeno que a autora realizou suas pesquisas para investigar as habilidades informacionais e que trouxe enormes contribuições para a Ciência da Informação no Brasil.

Elisabeth Adriana Dudziak propôs em seus estudos que a competência em informação não era somente a utilização de habilidades para o uso das tecnologias relativas aos computadores, havia de se considerar outros aspectos

do comportamento em relação às informações. Era relevante considerar além das inovações tecnológicas as características culturais, acadêmicas e a marginalização das pessoas que haviam desenvolvido pouco essas habilidades. A interação ou não das pessoas com os recursos digitais se tornou foco de reflexão e o conjunto de habilidades desenvolvido para utilizar as tecnologias que surgiram era permeado por debates acerca da adequação do termo *information literacy* ao contexto das pesquisas no Brasil, já que a realidade brasileira é diferente da população dos Estados Unidos (DUDZIAK, 2001; 2003).

Em suas primeiras pesquisas Caregnato (2003) definiu a alfabetização informacional como a possibilidade de independência para as pessoas (ou usuários) porque estas apreendem como as informações estão organizadas, armazenadas e como podem ser acessadas.

Para Caregnato (2003) não há consenso entre os pesquisadores acerca da definição absoluta do termo, mas pode-se afirmar que o conjunto de habilidades a serem desenvolvidas e utilizadas pelas pessoas enquanto lidam com a informação pode ser chamado de competência em informação. Referindo-se a este termo é possível citar, entre outras habilidades, a de reconhecer as necessidades informacionais e saber dimensioná-las, conseguir acessar, buscar, utilizar e compartilhar a informação nos mais variados suportes e canais de comunicação.

Ao longo da evolução dos estudos sobre a competência em informação muitos foram os consensos e alguns dissensos que ainda criam alguma polêmica. Hoje, as pesquisas em torno do tema encontram-se em um estágio de maturação que extrapolou a idéia inicial de conjunto de habilidades preconizado nos anos 80 e 90 pela *American Library Association* – ALA (1989; 1998) e avançou em direção a um entendimento mais dinâmico e complexo, voltado ao pleno desenvolvimento do indivíduo alfabetizado. (DUDZIAK, 2008, p. 41)

Dudziak (2001, p.147) argumenta que a competência em informação pode ser definida como “a pesquisa, estudo e aplicação de técnicas e procedimentos ligados ao processamento e distribuição de informações com base no desenvolvimento de habilidades no uso de ferramentas”.

Gasque (2012, p. 34) afirma que

[...] competência não pode ser compreendida como conhecimento, saber fazer ou atitude, mas designa a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar situações específicas. O exercício da competência envolve operações mentais complexas conduzidas por esquemas de

pensamentos que permitem determinar e realizar ações relativamente adaptadas à situação.

Bartalo, Di Chiara e Contani (2011) discorrem que a competência em informação é o conjunto de habilidades que a pessoa precisa desenvolver quando lida com as informações. Quando a pessoa identifica suas necessidades, define quais fontes vai utilizar e quais estratégias irão nortear as buscas para encontrar o que precisa ocorre a utilização dessas habilidades, em maior ou em menor grau.

Os mesmos pesquisadores chamam a atenção para um aspecto muito relevante: não existem pessoas sem competência informacional. O que pode ocorrer é de que algumas pessoas não desenvolveram suas habilidades para lidar com a informação.

Os estudos propostos por Caregnato (2003) alertam para o fato de que as pessoas podem desenvolver essas habilidades desde que “alfabetizadas”, “letradas” ou “educadas”. Os estudos realizados por Dudziak (2001) avaliam que quando as pessoas não desenvolvem tais habilidades podem ficar a margem da sociedade.

Caregnato (2003) argumenta que o termo alfabetização informacional foi muitas vezes confundido com “educação de usuários” pelos profissionais que trabalham com informação. A educação de usuários ocorre no âmbito das bibliotecas, já a alfabetização informacional existe num contexto mais amplo porque vai além da biblioteca e as pessoas podem aplicá-las a todas as situações da vida.

As atividades humanas nas sociedades atuais exigem o desenvolvimento de um conjunto de habilidades para lidar com a informação que circula prioritariamente nos meios digitais. É possível apontar inúmeras mudanças que afetaram o comportamento informacional das pessoas. Cada vez mais elas precisam se preparar para avaliar, selecionar, utilizar as fontes de informação e desenvolver estratégias quando forem realizar as buscas, isto é, saber como utilizar as informações disponíveis nos mais variados formatos e suportes.

Para Belluzzo (2001; 2004) é fundamental para o profissional que trabalha com informação conhecer o meio em que atua, os materiais informacionais utilizados e desenvolver as aptidões necessárias para desempenhar adequadamente suas funções.

Ao desenvolver as habilidades necessárias para se tornarem independentes no momento de buscar e usar a informação os estudantes e demais usuários da informação serão capazes de melhorar suas vidas e dos outros com os quais convivem. Basta considerarmos algumas situações de necessidades por informação muito comuns de nossas vidas para que haja uma compreensão acerca da importância do desenvolvimento das referidas habilidades.

Quem consegue ter acesso à informação aumenta as chances de ter uma saúde melhor, uma educação com mais qualidade, moradia, emprego digno e a construção de um lar saudável. O conhecimento que as pessoas adquirem amplia as possibilidades e contribui para uma sociedade equilibrada e com índices menores de violências.

Campello (2006) argumenta a respeito da relevância da competência em informação, reforçando que algumas habilidades necessitam ser estimuladas nas crianças desde o início de sua vida escolar. É fundamental levar os alunos a se familiarizar desde cedo com o aparato informacional do mundo letrado, sempre respeitando seu estágio de desenvolvimento.

Nesse contexto onde se reconhece a relevância do desenvolvimento das habilidades informacionais, torna-se fundamental considerar que há um problema no alicerce da sociedade humana que afeta muitas nações no mundo, demonstrando uma situação assustadora e alarmante - o analfabetismo - que impede as pessoas de terem uma vida digna.

Segundo dados levantados¹³ pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e apresentados em 2014, há cerca de 774 milhões de analfabetos no mundo. O documento publicado pela agência traz dados que demonstram que dez países respondem por 72% da população mundial de analfabetos, entre eles o Brasil, a Índia, China e Etiópia.

O Relatório¹⁴ apresenta ainda a taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais no Brasil, que é de 8,6%, totalizando 12,9 milhões de brasileiros. O Brasil é o oitavo país do mundo com maior taxa de analfabetismo entre adultos.

¹³Dados coletados por meio dos censos realizados nos diversos países do mundo, no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

¹⁴Relatório de Monitoramento Global de EPT 2013/2014, disponível em: <http://goo.gl/KGdqBv>

Em face desses dados é possível inferir que apesar dos investimentos em educação que foram realizados pelos governos, os dados coletados demonstram uma realidade desafiadora. Se por um lado os investimentos aumentaram, também houve aumento da população e queda de produção de riquezas, gerando mais pobreza e os gastos são considerados insuficientes para atender a demanda por educação. A possível solução seria mais investimentos, não somente para aumentar os números de alfabetizados, mas para melhorar a formação dos cidadãos.

É uma realidade preocupante que exige ações inovadoras, pois há o analfabetismo de milhões de pessoas que nem sequer tiveram acesso à educação básica. Dentre aquelas que sabem ler e escrever há um número incontável de pessoas que são consideradas “semi-analfabetas” ou “analfabetas funcionais”. Isso impede o pleno aprendizado, pois as pessoas estão inaptas para encontrar o que necessitam, se deparando com dificuldades em resolver seus problemas e, portanto, dispõe de menos condições para ajudar na construção de uma nação mais evoluída. Dudziak e outros pesquisadores atentaram para essa realidade e trouxeram para o campo científico o debate em torno dessas fragilidades. Diversos trabalhos investigam quais problemas são encontrados na população brasileira que está em algum nível do aprendizado e há um “chamado” para que novas pesquisas busquem por respostas e apontem ações para o desenvolvimento do aprendizado.

É fato comprovado por diversas pesquisas que o baixo desenvolvimento das habilidades informacionais afeta a busca por informação e, conseqüentemente, o aprendizado em todos os níveis da educação. São pesquisas no nível de educação básica, como as desenvolvidas por Caregnato (2003), no nível médio por Miranda (2006), no nível superior por pesquisadores como Mata (2009) e Pieruccini (2004), ou ainda no nível de pós-graduação, como os trabalhos desenvolvidos por Costa e Ramalho (2010) e Gasque (2012).

As pesquisas citadas anteriormente, dentre outras, revelam que uma parcela das pessoas iniciam a alfabetização formal no nível básico (ler e escrever), ingressam nos níveis fundamentais (quinto ao nono ano de instrução), ensino médio e chegam ao nível superior com sérios problemas de desenvolvimento de suas habilidades para o aprendizado. Pesquisas recentes, uma delas a realizada por Costa e Ramalho (2010), investigam como esses problemas persistem em nível de pós-graduação.

Existem vários problemas, muitas discussões e uma necessidade urgente de se investir em trabalhos que investiguem e apontem novas direções.

Entretanto, a legitimação da competência em informação como movimento de abrangência mundial é ainda um desafio para os países em desenvolvimento, principalmente para o Brasil, que ainda luta contra o analfabetismo. Disto deriva a importância do aprofundamento dos estudos teóricos, das intervenções sociais e educacionais implementadas através de práticas distintas direcionadas às necessidades de cada nação e grupo social. (DUDZIAK, 2008, p. 41).

Em face da realidade brasileira e mundial foram realizadas algumas ações no Brasil no sentido de conscientizar a população, em geral, no que se refere à Competência em Informação. Em Maceió, Alagoas, foi realizada a Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação, em 09 de agosto de 2011, quando seus idealizadores consideraram relevante transmitir à sociedade algumas reflexões.

Vivemos em uma sociedade mediada pela informação, porém, os recursos para seu acesso, uso, avaliação e comunicação são insuficientes para atender às demandas da cidadania. Em decorrência, é necessária a formação para o desenvolvimento da Competência em Informação que atenda a essas demandas. (DECLARAÇÃO DE MACEIÓ, 2011).

Refletindo, com base nesses dados e argumentos, é relevante considerar também as populações vulneráveis e os grupos de minorias que estão presentes em todas as regiões brasileiras. Ao contrário do que se imagina, estão na nossa cidade e, muitas vezes, na vizinhança. Quando apresentamos dados estatísticos da realidade brasileira e mundial que dizem respeito ao analfabetismo e aos investimentos insuficientes na formação dos cidadãos uma parte das pessoas forma a ideia de ser um fato que ocorre distante de nós ou nas cidades consideradas mais pobres. A realidade, infelizmente, é grave e emergente. Afirmar que a produção de riquezas em uma quantidade maior gera uma região equilibrada pode ser uma ideia equivocada. Existem parcelas da sociedade que estão marginalizadas devido às suas condições econômicas, sociais e culturais. Precisamos perceber que existem as minorias e aqueles em situação de vulnerabilidade. Devemos lutar para fazer valer o direito de igualdade de condições a todos.

Tendo conhecimento dessa realidade e com a finalidade de continuar a promover mais ações no sentido do bom desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil foi elaborado o Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias.

O manifesto ocorreu no II Seminário “Competência em Informação: Cenários e Tendências”, realizado no dia 09 de julho de 2013 durante o XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – CBBB/FEBAB, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Os participantes manifestaram a sua anuência às diversas questões elencadas a respeito da Competência em Informação e reiteraram a sua estreita relação com as necessidades de grupos em desvantagem na sociedade brasileira, por se tratar de fenômeno culturalmente construído e gerador de capacidade para o acesso e uso inteligente da informação, propiciando o aprendizado ao longo da vida e o efetivo exercício da cidadania. (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS E MINORIAS, 2013).

Considerando que o país necessita urgentemente reavaliar suas políticas voltadas às populações vulneráveis / minorias, entendidas como sendo aquelas que se encontram em situações de discriminação, intolerância e fragilidade e que estão em desigualdade e desvantagem na sociedade atual, principalmente, em relação às questões que envolvem o acesso e uso da informação para a construção de conhecimento, identidade e autonomia a fim de permitir a sua efetiva inclusão social. É imprescindível criar discussões sobre o reconhecimento dessas afirmações, colocando a Competência em Informação nesse contexto, de modo a suscitar reflexões e ações em prol desse direito. (MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS E MINORIAS, 2013).

Em um movimento de reforço a tais iniciativas ocorreu entre os dias 2 e 3 de setembro de 2014 o “III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências”, com o tema central “Competência em Informação e Redes de Conhecimento Colaborativo”, na Cidade de Marília, Estado de São Paulo, Brasil, no qual foi elaborada a Carta de Marília.

Em continuidade aos esforços dos I e II Seminários que culminaram com as publicações oficiais da “Declaração de Maceió” e do “Manifesto de

Florianópolis”, em um momento de reflexão e discussão de diretrizes e da implementação de ações estratégicas envolvendo a Competência em Informação (ColInfo) no contexto brasileiro. Destaca-se que no III Seminário as ações serviram à integração de especialistas interessados, compartilhando iniciativas e métodos de trabalho desenvolvidos no âmbito de sistemas, unidades e serviços de informação sob a ótica das redes de conhecimento colaborativo. (CARTA DE MARÍLIA, 2014).

A emergência e a importância da Competência em Informação para o Brasil nos últimos anos indica fortemente a necessidade de compartilhamento de experiências e vivências aplicáveis à realidade brasileira, para o enfrentamento de desafios que exigem e implicam na redução das iniquidades sociais e desigualdades regionais, no que diz respeito às políticas de acesso e uso da informação para o exercício da cidadania e o aprendizado ao longo da vida. Com a intenção de subsidiar as várias instâncias: da educação, da ciência e tecnologia, do trabalho, do Estado e da sociedade civil organizada, os participantes do III Seminário de Competência em Informação apresentaram diversas constatações e diretrizes. (CARTA DE MARÍLIA, 2014).

Os participantes e as instituições representadas no III Seminário de Competência em Informação reafirmaram apoio incondicional à relevância da adoção da Competência em Informação como área estratégica para o desenvolvimento social e humano e a melhoria da qualidade das organizações com o propósito de garantir que todos tenham acesso, compreendam, utilizem e compartilhem a informação necessária para a construção do conhecimento e o alcance de cenários futuros envolvendo ações governamentais, institucionais e da sociedade civil projetados para o período de 2016 a 2030. (CARTA DE MARÍLIA, 2014).

No decorrer deste capítulo pudemos constatar a relevância dos estudos das habilidades para a busca e, conseqüentemente, para o uso da informação visando o aprendizado e a produção de novos conhecimentos. A competência em informação visa desenvolver os requisitos necessários para essa melhoria. Essas ações descritas anteriormente são de enorme valor para fortalecer as pesquisas científicas que fornecerão dados para reflexão e apontarão soluções para os problemas da realidade brasileira. Também fornecem subsídios para a reflexão das práticas profissionais. Todos os esforços dos pesquisadores da Ciência

da Informação são no sentido de demonstrar como as deficiências apontadas impedem o desenvolvimento das pessoas e prejudicam o crescimento de uma nação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo desta pesquisa que foi investigar o processo de busca da informação nas práticas de pesquisas realizadas por pós-graduandos optamos por desenvolver um estudo descritivo com abordagem quantiquantitativa.

Para Gil (2010) as pesquisas descritivas são utilizadas para descrever as características de uma população, suas experiências ou dos fenômenos que a envolvem. Esse tipo de pesquisa também pode estabelecer relações entre essas variáveis. Sua principal característica é a coleta padronizada de dados que pode ser realizada para encontrar diversas informações como idade, sexo, nível de instrução, comportamentos, crenças, opiniões e quaisquer dados que possam descrever as características de um grupo. É um modelo de pesquisa largamente utilizado para investigar a atuação prática das pessoas e frequentemente adotado pelos pesquisadores das áreas humanas e sociais.

Ainda, segundo Triviños (1987), este tipo de pesquisa requer do pesquisador uma coleta de dados por meio de instrumentos padronizados e com uma observação sobre o que deseja descrever, sendo sempre para demonstrar os fatos e fenômenos que envolvem determinada população ou amostra. Tem a função de representar uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos.

No que diz respeito à abordagem quantiquantitativa, fomos ampliar a discussão em torno dos aspectos presentes no processo de busca da informação da amostra que foi estudada. Os dados foram coletados e em seguida analisados com apoio na literatura da Ciência da Informação, com o intuito de compreender melhor a realidade dos alunos de pós-graduação quando envolvidos nas práticas de pesquisa.

A abordagem quantitativa, segundo Gil (2010), Goldenberg (2004) e Marconi e Lakatos (2008), analisa e apresenta os dados pelos números encontrados. Essa abordagem leva em consideração as quantidades e as relações são representadas por números que demonstram um aspecto da realidade. Também a “pesquisa quantitativa é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre as variáveis. Tais variáveis, por sua vez, podem ser medidas

tipicamente por instrumentos, para que os dados numéricos possam ser analisados por procedimentos estatísticos” (CRESWELL, 2010, p. 26).

Já em relação à abordagem qualitativa, Goldenberg (2004), Marconi e Lakatos (2008) e Gil (2010) apontam que essa não se ocupa da representação numérica, mas do aprofundamento e abrangência da compreensão de uma população (ou amostra de pessoas) e do contexto que a envolve. O que se espera de uma pesquisa qualitativa não é representar em números opiniões, percepções, comportamentos e suas características, mas explorar as diferentes representações acerca assunto abordado. A “pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26).

Para Goldenberg (2004) quando são utilizadas duas abordagens temos uma pesquisa mista, que ocorre com o uso de duas ou mais estratégias, quantitativa e qualitativa, dentro de um único projeto de pesquisa. É buscar utilizando mais de uma maneira para responder às questões da pesquisa. Trata-se de realizar um estudo da forma mais completa possível, podendo utilizar o máximo de possibilidades.

A utilização das abordagens qualitativa e quantitativa num mesmo estudo pode alcançar resultados muito relevantes e, por se unirem, tais abordagens devem ser vistas como complementares ao invés de opostas. A pesquisa mista é recomendada porque consiste numa investigação mais ampla, que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa (CRESWELL, 2010, p. 27).

4.1 Participantes da Pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram os alunos dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UEL) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UEL), do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina.

Encontravam-se matriculados regularmente nos dois programas 73 alunos, sendo 38 no PPGCI e 35 na Comunicação.

4.2 Instrumento de coleta de dados e pré-teste

Para atingir os objetivos propostos foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário eletrônico (Apêndice A), elaborado com questões fechadas e abertas, disponibilizado a todos os participantes no Drive, do Google. Foi definida a utilização de questionário por se adequar melhor ao método e por considerar que o tempo e a disponibilidade de recursos humanos para sua realização precisam ser bem administrados levando em consideração os prazos para a finalização da pesquisa.

Antes da aplicação do questionário foi realizado um pré-teste para avaliar e validar a clareza do instrumento. Selecionamos seis ex-alunos dos dois programas, três de cada, para ser enviado o questionário. Após cada questão do instrumento foi inserido um espaço para que os participantes do pré-teste relatassem as possíveis dificuldades e incompreensões encontradas durante o preenchimento do instrumento. Esta foi uma etapa muito relevante para dar continuidade à pesquisa, considerando que por meio deste recurso foi possível detectar e corrigir inadequações. Foram realizadas poucas alterações nos elementos que compunham o instrumento, conforme apontado pelos respondentes do pré-teste.

Para auxiliar na identificação das questões que possibilitaram atender cada objetivo e sua rápida localização elaboramos o seguinte quadro:

Quadro 2 - Objetivos da pesquisa e itens do questionário

OBJETIVOS	Questões
Verificar como os estudantes de pós-graduação identificam as suas necessidades informacionais durante suas práticas de pesquisa	1 e 2
Identificar quais as fontes de informação são mais utilizadas para a busca da informação	3,4 e 5
Levantar as estratégias e procedimentos utilizados para a obtenção da informação	6,7 e 8
Identificar as principais dificuldades encontradas pelos pós-graduandos durante o processo de busca e obtenção de informação	9,10,11,12 e 13

4.3 Estratégias utilizadas para a Coleta e Análise de Dados

Os participantes foram consultados quanto à decisão de participar ou não da coleta de dados. Todos foram esclarecidos acerca dos propósitos do estudo e tiveram a opção em concordar com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi inserido na página inicial do questionário.

A coleta de dados foi realizada entre a segunda quinzena do mês de maio de 2015 e a primeira semana de junho de 2015.

O tratamento e análise dos dados foram realizados nas seguintes etapas:

- a) organização e tabulação dos dados;
- b) construção de gráficos e tabelas (para melhor demonstração no que se refere aos dados quantitativos);
- c) interpretação dos dados organizados;
- d) elaboração de inferências baseadas na literatura em Ciência da Informação e comparação com pesquisas similares;
- e) conclusão acerca dos resultados e proposição de ações que contribuam para melhorar as práticas de pesquisas dos estudantes.

Todo o trabalho de análise dos resultados foi realizado respeitando a identidade dos participantes e utilizando a literatura da área, visando a melhor maneira possível de expor os resultados encontrados.

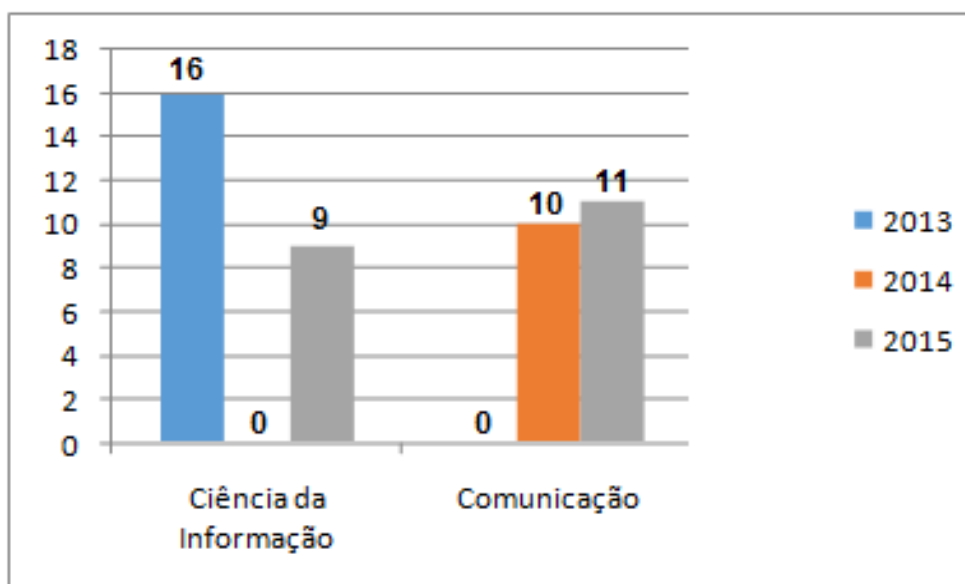
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Caracterização dos Participantes

Os participantes da pesquisa foram estudantes do mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. O questionário eletrônico foi enviado para 73 alunos, sendo 38 do PPGCI e 35 da Comunicação.

Dos 38 estudantes do PPGCI que receberam o e-mail, 25 responderam ao questionário, perfazendo uma taxa de resposta de 65,78%. Dos 35 do mestrado em Comunicação, 21 deram retorno, sendo uma taxa de resposta de 60%. Todos ingressaram nos programas entre os anos de 2013 e 2015. Os dados mais detalhados quanto ao ano de ingresso dos participantes nos programas pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – ano de ingresso dos participantes nos programas



Na coleta de dados foi possível constatar que é uma população composta por estudantes de ambos os sexos e alguns estudantes com mais de uma graduação. Tiveram experiências anteriores nas práticas de pesquisa, como ter desenvolvido projetos de pesquisas e artigos de periódicos.

Os que participaram da pesquisa são de diversas áreas de formação, tais como: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciências Econômicas, Design Gráfico, Filosofia, Design de Moda, Música, Comunicação Social (com habilitações diferentes como Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda), Estilismo em Moda, Artes Visuais, Administração, Letras e História. Os dados completos da área de origem dos mestrandos pode ser visualizado no quadro 3.

Quadro 3 – Graduação dos participantes da pesquisa

Curso de Graduação	Número de alunos	
	Ciência da Informação	Comunicação
Comunicação Social	-	14
Biblioteconomia	7	-
Ciência da Computação	4	-
Estilismo em Moda	-	3
Arquivologia	3	-
Administração	2	-
Design de Moda	-	2
Design Gráfico	2	-
Letras	2	1
Filosofia	-	1
História	2	1
Direito	2	1
Artes Visuais	1	-
Ciências Econômicas	1	-
Música	-	1

Os dados apresentados no quadro 3 apresentam um número maior de pessoas por formação do que o número de participantes, isso porque há estudantes com mais de uma graduação. Há profissionais de diversas áreas do conhecimento. O programa que mais apresenta interdisciplinaridade é o mestrado em Ciência da Informação. O grupo da comunicação também é composto por pessoas com diversas formações, mas apresentou em sua maioria alunos com formação em Comunicação Social.

Para Gonçalves (1994) a interdisciplinaridade consiste em realizar um trabalho em comum. Permitindo a interação de disciplinas científicas, de seus conceitos, dados, metodologias e é quando os pesquisadores de diferentes áreas podem atuar juntos e se completando. É uma maneira de ir além dos limites e barreiras que são definidos pela fragmentação do saber.

Em uma pesquisa recente, Silva, Lima e Araújo (2009), discutem a interdisciplinaridade da Ciência da Informação na ótica dos alunos oriundos das diversas áreas do conhecimento que ingressaram no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2007 e 2008.

A busca pela fundamentação teórica da Ciência da Informação mostra certa vontade de ampliar as possibilidades de olhar os distintos objetos, trazidos das áreas de origem dos alunos. Novas teorias e métodos surgem como possibilidades, em alguns casos, de complementação, em outros, de efetiva reestruturação dos conhecimentos acumulados até então. Entretanto, mais uma vez se vê a presença da ideia de interdisciplinaridade, aqui entendida também como a construção de um espaço (a CI) em que a prática do trabalho interdisciplinar pode ser feita - e mais, até estimulada. (SILVA; LIMA; ARAÚJO, 2009, p. 4)

O mesmo ocorre aos ingressantes no PPGCI da Universidade Estadual de Londrina, visto que a maioria dos estudantes originam de outras áreas do saber. O que podemos inferir é que essa interação de diversas formações traz contribuições aos participantes do programa, mas também oferece a possibilidade de acrescentar novas perspectivas para a Ciência da Informação.

Quanto ao Programa do Mestrado em Comunicação podemos observar que há a predominância de estudantes oriundos da Comunicação Social. No entanto, há uma parcela considerável de alunos que são de outras áreas e também que alguns possuem mais de uma formação, além da Comunicação. Dos treze participantes que são graduados em Comunicação, quatro são graduados em áreas diferentes.

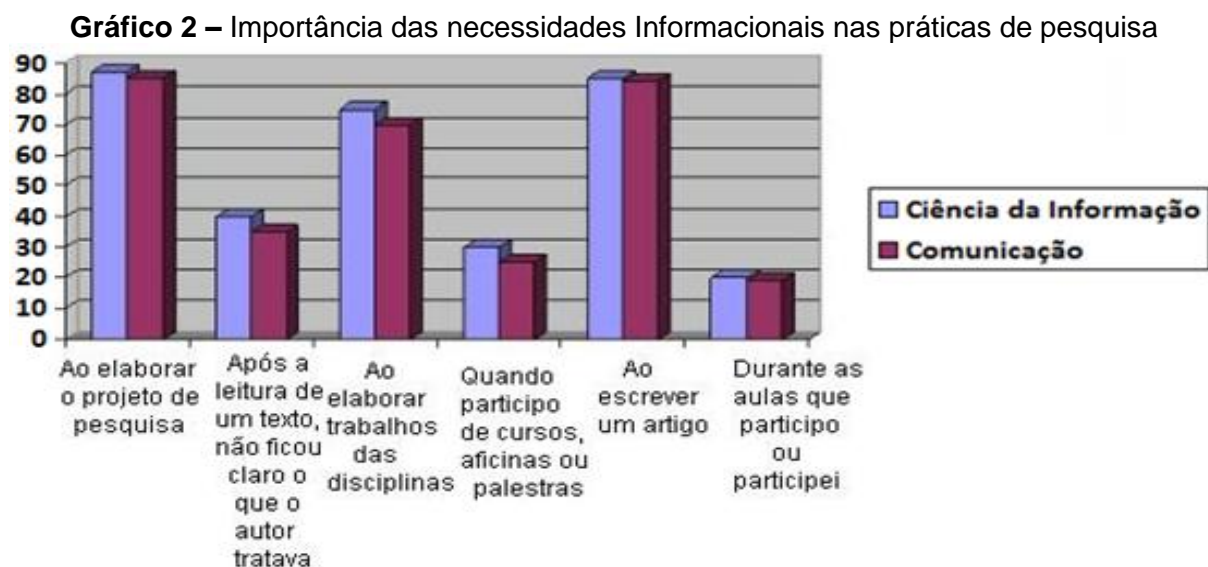
Para Pinheiro (1999) a comunicação também é uma área interdisciplinar, que recebe pesquisadores de diversas formações e possibilitando que exista um crescimento mútuo. As participações dos estudantes de outras áreas contribuem para a expansão da Comunicação e, em contrapartida, adquirem uma sólida fundamentação teórica.

No tratamento dos dados percebemos que as respostas são muito próximas nos dois grupos, por isso fizemos uma análise conjunta de ambos os cursos em relação aos dados que são comuns e elencamos as poucas diferenças que apareceram entre os estudantes dos programas.

5.2 Necessidades Informacionais nas Práticas de Pesquisa

Com o objetivo de verificar como os estudantes de pós-graduação identificam as suas necessidades informacionais durante suas práticas de pesquisa fomos investigar em quais momentos eles sentem que as necessidades adquirem maior importância. A maioria, de ambos os cursos, apontou que as necessidades são maiores quando precisam produzir suas pesquisas ou estudos que são considerados indispensáveis para a conclusão do curso.

Questionados a respeito da importância de determinadas atividades obtivemos as seguintes respostas demonstradas no gráfico 2.



Os dados coletados demonstram estudantes empenhados em realizar as atividades de pesquisa. Os mesmos consideram como de muita importância elaborar seus projetos, artigos e os trabalhos das disciplinas. A coleta confirma o que afirmou Oliveira (2013), de que na pós-graduação as exigências nas práticas de pesquisas são maiores do que em outros níveis de formação, portanto, a necessidade informacional adquire mais importância para os integrantes desse grupo.

Na perspectiva dos respondentes todas as atividades são importantes, porém, algumas passam a ser prioridade por serem fundamentais para a conclusão do curso. No entanto, explicitaram que todas as atividades desenvolvidas durante o programa são relevantes. Inclusive na opção de respostas

abertas apontaram algumas outras: mesas de debate, participação nos estágios de docência e viagens acadêmicas.

Como “identificar as lacunas de conhecimento” é o primeiro passo a ser dado para atender as demandas informacionais, esse tem sido um ponto que os estudantes têm demonstrado bastante atenção. Reconhecem que é necessário saber localizar informações em catálogos das bibliotecas, nos repositórios, nas bases e bancos de dados ou mesmo nos motores de busca. Entendem que sempre é necessário avaliar as fontes consultadas quanto ao seu conteúdo, à sua autoria, sua autenticidade e atualização. No entanto, para que esses passos sejam dados é preciso conhecer bem os objetivos que se pretende atingir com a informação e é fundamental conhecer a necessidade em cada etapa das atividades a serem desenvolvidas.

Ainda relativo às necessidades informacionais, questionamos a respeito da realização dos estudos para a dissertação, por exemplo, sendo solicitado aos participantes que indicassem em quais momentos eles percebiam que precisavam de mais informação. As diferenças entre os dois programas são mínimas, por isso fizemos o cálculo médio das respostas, conforme pode ser visualizado na tabela 1.

Tabela 1 – Etapas da pesquisa que mais necessitam de informação

Opções de resposta	Grau de importância*				
	01	02	03	04	05
Na definição do tema de pesquisa	84,1%	2,3 %	6,8 %	4,5 %	2,3%
Quando não compreende os aspectos do tema durante as pesquisas	64,4%	21,7%	2,2%	0%	6,7%
Quando o problema de sua pesquisa possibilita entender que existem mais possibilidades além do que cogitava	28,9%	53,3%	11,1%	6,2 %	0%
Quando as hipóteses levantadas ainda não explicitam o problema	29,5%	27,3%	29,5	11,4%	2,3%
Quando uma teoria que serviria para embasar os trabalhos não foi suficiente para atender a demanda	32,6%	28,3%	28,3%	10,9%	0%
Quando, mesmo realizando um levantamento bibliográfico, parece que os resultados são insuficientes para dar sequência	84,4%	8,9%	4,4%	2,2%	0%
Quando os resultados encontrados nos levantamentos parecem não ter nenhuma conexão com seu trabalho	23,8%	9,5%	23,8%	38,1%	4,8%
Na construção da metodologia de sua pesquisa	77,8%	11,1%	2,2%	6,7%	2,2%
Durante a análise e discussão dos resultados da pesquisa	79,5%	9,1%	9,1%	2,3%	0%

* 01 representava a opção mais importante e 05 a menos importante

Os números apontam que para os estudantes as necessidades ganham maior importância quando precisam iniciar uma nova etapa de suas pesquisas. Quando se deparam com uma situação em que não sabem o bastante ou que estão diante de uma decisão. Como pode ser observado na tabela 1, destacado em negrito, mais especificamente na definição do tema, quando surgem diversas possibilidades do que se esperava, quando os levantamentos bibliográficos apresentam resultados insuficientes, na construção da metodologia e na análise e discussão dos resultados da pesquisa é que a necessidade por informação adquire maior importância.

Um momento decisivo para o estudante é a definição do tema de pesquisa, situação em que a informação adquire uma relevância significativa. São muitas questões a serem consideradas, pois diversas variáveis podem influenciar na decisão. São aspectos como a motivação pessoal que leva a pesquisar determinado tema, as linhas de pesquisa do programa, os trabalhos desenvolvidos pelo orientador, as condições oferecidas pela instituição, as expectativas profissionais, as influências sociais, culturais e econômicas que fazem parte do contexto.

Para Davenport (1998) o processo de alterar o conhecimento que temos é realizado entre muitas questões e fatores, somos influenciados pelo ambiente em que vivemos. São fatores sociais, culturais e econômicos que afetam nossas decisões, onde buscamos determinadas informações porque temos demandas conforme o contexto.

De acordo com as respostas o levantamento bibliográfico é a segunda ação que requisita maior atenção por parte dos respondentes. É fato que quanto mais se investir, desde o princípio nos levantamentos, maior possibilidade de enriquecer o repertório do aluno. Pois isso é a base e a sustentação para a fundamentação teórica dos trabalhos. Os reflexos são positivos e contribuirão para a formação de um profissional qualificado.

Para diversos autores, dentre eles Cunha (2001), o ato de realizar um levantamento bibliográfico representa a possibilidade de nos munirmos com o conhecimento coletivo, para dar sequência aos trabalhos. É fundamental para evitar a duplicação de pesquisas. As informações encontradas permitem reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos.

Para Cunha (2001) quando realizamos um levantamento bibliográfico criterioso podemos verificar os estudos que foram concluídos, elencar

quais recursos são necessários para a construção de um estudo com características específicas, similares ou ainda produzir pesquisas que contribuam para enriquecer a literatura. Por meio das informações encontradas propõem-se temas, problemas, hipóteses e metodologias de pesquisa que resultarão na produção de novos conhecimentos.

No que diz respeito à construção da metodologia os dados que coletamos demonstram um empenho por parte dos estudantes em suas escolhas, evidenciando a relevância da diversidade metodológica que temos a nossa disposição. Há a necessidade de, cada vez mais, inovarmos e acertarmos nos procedimentos a serem adotados. Portanto, é um momento em que o pesquisador deve fazer suas escolhas baseando-se nas suas possibilidades, avaliando os fatores favoráveis e menos favoráveis de cada método e técnica. Avaliar qual metodologia se adapta melhor aos objetivos e que pode ser seguida com o rigor e seriedade das práticas científicas.

No que se refere à discussão e análise dos resultados há a necessidade do estudante retomar os autores já abordados no seu referencial teórico e buscar embasamento nessas teorias para apresentar os dados levantados no campo empírico. Esta é uma etapa da pesquisa que oferece uma possibilidade maior de crescimento e maturidade para o pesquisador, pois seus trabalhos podem confirmar o que outros autores já constataram; encontrar resultados diferentes ou complementares. Também há a possibilidade de ocorrer a produção de pesquisas com resultados inovadores. É um momento relevante porque é quando se dá continuidade ao processo construtivo científico e o estudante percebe que seus trabalhos oferecem contribuições para a área de pesquisa e resultar em benefícios para a sociedade.

As tecnologias avançam constantemente e facilitam as atividades, mas o tratamento e interpretação dos dados de uma determinada realidade é produzido por humanos. Por se tratar de um processo de análise e de construção de significados é um momento enriquecedor, mas que demanda responsabilidade e preparo por parte do estudante.

Para Davenport (1998) produzir conhecimento é um misto de experiência condensada, valores, informação de contexto e reações emocionais criados na mente das pessoas. Temos que nos preparar para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações. Vivemos em organizações com

rotinas, processos, práticas, normas organizacionais e expectativas, mas gerar conhecimento é algo que ocorre no interior dos seres humanos e entre eles.

As necessidades informacionais existem em todas as populações e como afirmam vários autores, dentre eles Miranda (2006) e Oliveira (2013), são gradativas e se tornam mais numerosas conforme exigências mais complexas surgem.

Constatamos que os estudantes de pós-graduação não costumam negligenciar as suas demandas, ao contrário, demonstram ainda mais constância e atenção do que em níveis anteriores de formação. O que coletamos reforçam o que as pesquisas similares apontaram no que se refere às necessidades desse tipo de população, de que há mais exigências e, portanto, há necessidades maiores por informação. Os dois grupos apresentaram respostas similares nessa parte da investigação, o que reforça a ideia de que os estudantes de pós-graduação estão constantemente desenvolvendo buscas independentemente da área.

5.3 Fontes de Informação mais Utilizadas

No que diz respeito às fontes de informação mais utilizadas, a coleta de dados confirmou que a expectativa das pessoas vem se modificando com relação às fontes, pois 80% dos respondentes do PPGCI e 81,2% do mestrado em Comunicação, consideraram a internet como muito importante para recuperar o que precisam, isso por meio dos popularmente conhecidos motores de busca.

Indagados a respeito da importância da biblioteca física, por meio de um cálculo médio das respostas, entendemos que esta não perdeu lugar completamente na vida acadêmica. Ao contrário, é considerada muito importante para 24,4% dos estudantes, importante para 22,2% e de uma importância moderada para cerca de 28,9%.

Em relação ao uso da biblioteca, os dados foram complementados pelos participantes em uma questão aberta. Na sequência destacamos alguns trechos das respostas, que revelam as percepções de alguns estudantes.

“[...] a ida à biblioteca física é necessária quando precisamos consultar uma obra em seu original, com a finalidade de buscar referencial para as pesquisas. Muitas citações, por exemplo, só podem ser incluídas nos trabalhos após a consulta dos materiais.” Outro complementou que *“[...] alguns materiais que encontramos nas bibliotecas servem para embasar as pesquisas e que sem eles ficaria difícil consultar os originais”*. Um dos estudantes ainda mencionou o que poderia ser um atrativo para a ida à biblioteca: *“O acesso aos e-books e aos materiais pagos é o que esperamos ao ir numa biblioteca pública universitária. Também esperamos encontrar periódicos internacionais que podem conter informações para serem utilizadas nas pesquisas”*.

Outras impressões dos estudantes apontaram críticas: *“Os sistemas de bibliotecas que temos disponíveis, embora de valor para nós, muitas vezes não dispõe de materiais atualizados ou não tem exemplares suficientes para as consultas. Por culpa dos próprios usuários alguns materiais não tem condições de uso ou simplesmente saem do acervo e não retornam.”* Essa mesma perspectiva foi complementada por outro estudante que afirmou que *“[...] faltam investimentos nos acervos e na reposição de pessoal, o que dificulta bastante nas atividades de consulta”*.

Também justificaram porque muitos deixam de ver a biblioteca física como uma primeira opção para os seus trabalhos: *“[...] na internet temos acesso a mais material, com rapidez e, praticamente sempre, sem custos.”* Enquanto que para outro respondente a *“[...] biblioteca física que poderia ter um periódico internacional não tem porque o processo de permuta é lento, o acesso aos materiais pagos nem sempre está disponível e os meios digitais tem suprido.”*

As críticas apontadas são geralmente relacionadas a sucateização dos sistemas por motivos diversos, baixa taxa de respostas às suas demandas se comparado aos sistemas digitais e ainda a questão do tempo e outros recursos que são necessários para se utilizar tais organizações. Ou seja, muitos reconhecem a importância das bibliotecas físicas, mas costumam tentar outras opções porque acreditam que elas poderiam estar em condições melhores de atender os requisitos para as práticas de pesquisa.

Um dado relevante que chamou a atenção foi de que 68,9% do PPGCI e 69,5% da Comunicação opta por consultar um professor ou especialista que tem mais conhecimento no assunto para que lhes aponte ou indique fontes que

contenham as informações de que precisam. Essa é uma prática comum no ambiente acadêmico e científico. Muitas vezes a indicação e a orientação de um professor ou profissional que atua na área fornece direções e segurança, considerando que já tiveram experiências anteriores com a temática que o estudante está pesquisando. Além de já conhecerem um número maior de fontes de informação. Um estudante complementou, por meio da possibilidade de resposta aberta, que:

“Às vezes conhecemos uma boa quantidade e variedade de fontes, mas é recomendável dialogar e solicitar para um profissional experiente no assunto ou para um professor uma orientação de quais as melhores possibilidades a respeito do que estamos pesquisando. Porque na maioria da vezes recebemos a indicação de uma fonte mais completa, ou que tenha um material que atende melhor os critérios de utilização ou ainda uma outra que tenha sido criada mais recentemente. Quem costuma utilizar constantemente um recurso conhece bem mais os prós e os contras do que uma pessoa que iniciará a utilização. Receber e aproveitar essa experiência pode poupar muito tempo e energias. Afinal, é uma característica exclusivamente humana compartilhar seus erros e acertos por meio do diálogo para que os outros errem menos.”

Quando lhes foi questionado sobre as fontes de informação do meio digital e a importância que representavam para eles, novamente, obtivemos que a perspectiva das pessoas vem se modificando bastante nos últimos anos. Essa discussão fica mais visível se observarmos a tabela 2.

Tabela 2 – Fontes de informações mais utilizadas, de acordo com a média de respostas dos dois programas

Opções de resposta	Grau de importância*				
	01	02	03	04	05
Biblioteca física	24,4%	22,2%	28,9%	11,1%	13,3%
Um professor ou especialista que tem mais conhecimento acerca do assunto	68,9%	15,6%	2,2%	6,7%	6,7%
Internet, nos sites de busca, como Google, Yahoo, Bing, Altavista, etc.	80,6%	6,7%	6,7%	6,7%	0%
Períodicos científicos eletrônicos	37,8%	48,9%	11,1%	2,2%	0%
Bases de dados de teses e dissertações	22,7%	52,3%	22,7%	2,3%	0%
Catálogos das bibliotecas	16,3%	51,2%	20,9%	9,3%	2,3%
Uma livraria para verificar quais são as publicações mais recentes	0%	9,3%	11,6%	41,9%	37,2%

* 01 representava a opção mais importante e 05 a menos importante

Embora, uma média de 80,6% de todos os estudantes utilizem os buscadores populares, como Google, Bing, Yahoo, Altavista e outros, eles sabem da relevância das fontes de informação acadêmicas e que as mesmas são mais específicas e adequadas para o meio científico. Alguns estudantes apontaram que, mesmo utilizando motores de busca, o fazem na parte reservada para artigos acadêmicos.

Tendo confirmado que há uma mudança na perspectiva das pessoas com relação às fontes é possível observar que os estudantes estão buscando mais em determinadas fontes do que há alguns anos. Por exemplo, o uso da BDTD, embora como primeira opção apresentou 22%, chamou nossa atenção como segunda opção, que foi um número considerável de 52%. Se compararmos com a pesquisa de Giordano (2011) onde tínhamos apenas 2% dos estudantes utilizando a BDTD é possível percebermos que há um uso em maior escala desse recurso. Esse dado pode ser um indicativo de que atualmente as bibliotecas de teses e dissertações estão mais conhecidas pelos pesquisadores.

Quanto ao uso dos periódicos científicos eletrônicos o índice de 37% como primeira opção é relativamente baixo. Embora verificamos que 48,9% optou como segunda opção, entendemos que seria esperado um índice mais elevado. Isto porque se trata de uma fonte rica em informações, que atende bem as exigências dos pesquisadores e que sempre teve muita relevância no meio acadêmico. É um importante canal para aqueles que se dispõem a estar bem informados das últimas pesquisas.

Para complementar os dados em relação ao uso das fontes de informação os estudantes também foram questionados quanto às suas preferências ao selecionar as fontes disponíveis na internet. Percebemos o que algumas pesquisas também constataram. Que as pessoas costumam fazer escolhas baseadas em experiências anteriores e que, raramente, farão escolhas de alternativas que já lhes causaram frustrações.

Do total dos respondentes, 87% da Ciência da Informação e 85,9% da Comunicação, afirmaram ser muito importante utilizar as fontes que conhecem, ou seja, que prioritariamente buscam naquelas que já tem alguma experiência positiva. Avaliando a média dos dois grupos, aproximadamente 39,1% considera muito importante que alguém lhes indique qual seria boa e fácil e 30,4% acredita que receber referências de colegas ou professores é importante com relação a esse

quesito. Em se tratando de simplicidade, 65,9% dá preferência para as fontes de informação mais simples. Esses dados preocupam porque ao preferirem as fontes mais simples e as que conhecem podem passar despercebidas outras que podem ser mais completas e inovadoras. Seria ideal que houvesse uma iniciativa maior em explorar novas possibilidades, ou seja, mais autonomia e perspicácia para averiguar com mais amplitude a diversidade de fontes de informação disponíveis atualmente.

Um dos estudantes afirmou: “Quando um professor solicita um trabalho e indica uma determinada fonte que já utilizamos, porém que encontramos bastante dificuldade em sua utilização, o que fazemos é perguntar se não existe uma outra mais fácil ou mais simples”. Outro participante sem saber da resposta coletada complementou: “[...] muitas vezes somos informados das melhores fontes, mas procuramos as que são mais simples. Mesmo que os materiais não estejam completos, nem no formato ‘mais correto academicamente’ ou ainda que num blog.”

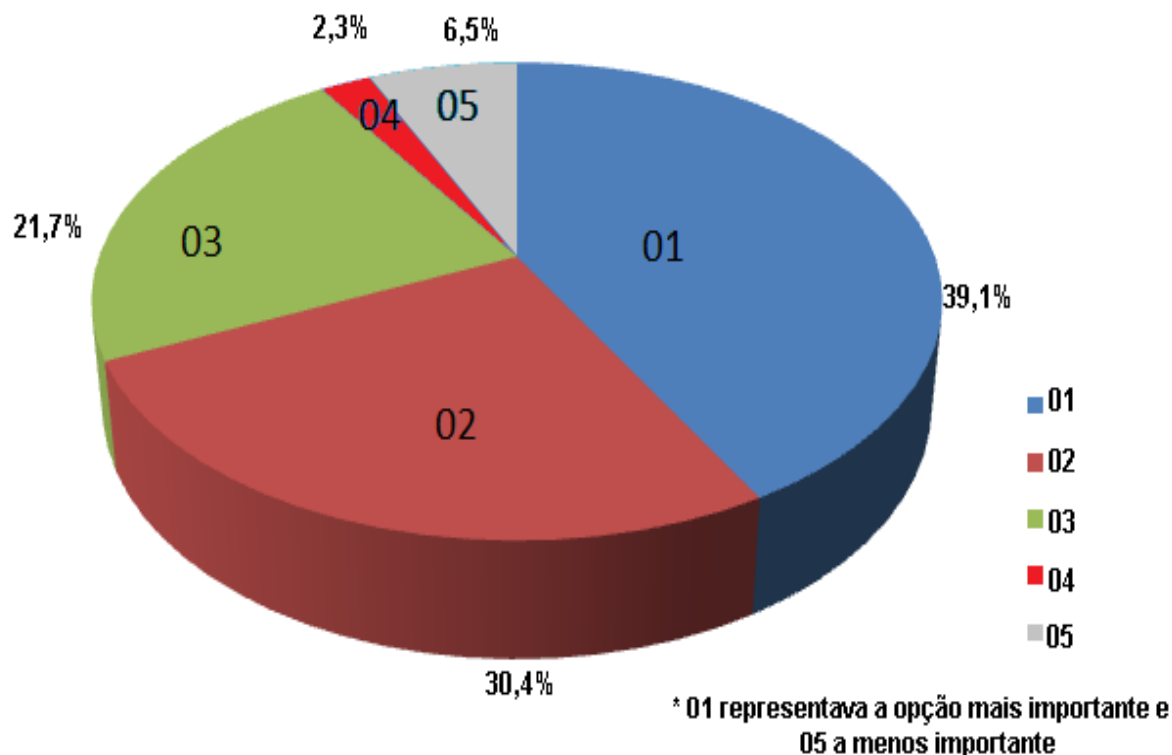
Em pesquisa similar, Giordano (2011) constatou que a maioria dos estudantes de pós-graduação prefere utilizar os recursos mais simples, consultar as fontes indicadas por outras pessoas e que evitam as fontes que não conhecem.

Nos baseando no que foi coletado em pesquisas similares, observamos nos argumentos de Gasque (2012) que a maioria das pessoas não aprendeu a pesquisar. De acordo com a autora, os estudantes preferem o jeito mais simples e rápido de buscar, podendo deixar de lado opções mais amplas e com possibilidades ainda melhores.

Ainda em relação às preferências quando acessam a Internet para realizar um levantamento bibliográfico, os dados apontaram que uma boa parte dos estudantes sabe da importância de explorar o máximo possível de fontes, mas que isso não vem acontecendo por motivos que serão abordados mais adiante. O gráfico 3 demonstra melhor o que está sendo tratado aqui.

Gráfico 3 – Opções ao utilizar a internet

O quanto você considera importante explorar o máximo de fontes possíveis?



Conforme podemos observar no gráfico 3, a maior parte dos estudantes tem conhecimento de que o melhor a fazer seria pesquisar o máximo de fontes possível para ver o que encontra. Quanto mais possibilidades, melhores as chances de produzir pesquisas com referencial teórico consistente e bem elaborado.

Esses números explicitam um ponto que precisa ser melhorado por uma boa parcela dos participantes. Isso porque esse dado nos parece contraditório, pois afirmam reconhecer o quanto é relevante ampliar o número de fontes a serem utilizadas e que é relevante ir às buscas avançadas, que de forma geral são mais complexas. No entanto, conforme dados apresentados anteriormente, 65,9% preferem as fontes mais simples e fáceis. A maioria até realiza suas buscas nas opções avançadas, porém, não desenvolveram suficientemente suas habilidades para aproveitar melhor o que há disponível. Ou seja, lhes é indicado o melhor caminho, têm à disposição ferramentas melhoradas constantemente e, por terem menos habilidade, acabam preferindo fontes mais simples porque, provavelmente,

se frustraram quando foram buscar em fontes mais completas e que requerem um domínio maior.

Também foi questionado se caso as fontes de informação que utilizam não atendem de imediato as expectativas o que fariam, as respostas estão organizadas na tabela 3.

Tabela 3 – Ações realizadas quando as fontes de informação não atendem às expectativas

Opções de resposta	Grau de importância*				
	01	02	03	04	05
Continuaria buscando, mas de outra forma	73,9%	21,7%	2,2%	2,2%	0%
Solicita ajuda a colegas ou a professores	78,3%	10,9%	8,7%	2,2%	0%
Deixaria para outro momento, porque outras informações podem demonstrar mais fontes	2,3%	41,9%	37,2%	7%	11,6%
Desiste da busca porque algo pode estar errado	14,3%	4,8%	31%	19%	31%
Solicita auxílio para um profissional bibliotecário	62,8%	4,7%	2,3%	14%	16,3%

* 01 representava a opção mais importante e 05 a menos importante

Com base nessas respostas podemos afirmar que a maioria dos estudantes tem um interesse em desenvolver suas pesquisas com profundidade e explorar o máximo de possibilidades. Quando não conseguem da maneira que aprenderam, tentam de outras formas. Quando precisam recorrem aos professores e colegas para tentar mais opções, insistem nas tentativas, inclusive solicitam auxílio de profissionais bibliotecários.

É relevante ressaltar que uma parcela vai além do comportamento apático, exploram seus próprios recursos e possibilidades, mas também recorrem aos profissionais na tentativa de conseguirem mais e melhores resultados. Isso demonstra persistência no que diz respeito a busca por informação. O mesmo foi apontado na pesquisa de Casarin (2011) onde a autora afirma que os estudantes tem a preocupação de não negligenciar na busca tendo disposição para investir tempo e esforço nela.

5.4 Estratégias e Procedimentos para a Busca da Informação

Para utilizar melhor as fontes de informação e encontrar o que precisamos é necessário o domínio de estratégias para realizar os procedimentos de busca. Refletindo a respeito do comportamento informacional dos estudantes propusemos algumas questões que identificassem quais são as estratégias e procedimentos adotados durante as suas práticas de pesquisa.

Rowley (2004) argumenta que uma estratégia de busca é um conjunto de normas, decisões e ações que podem ser adotadas durante uma busca. Com a intenção de encontrar números suficientes de registros relevantes, evitar excessos de registros ou ainda evitar que sejam recuperados registros inúteis para o pesquisador.

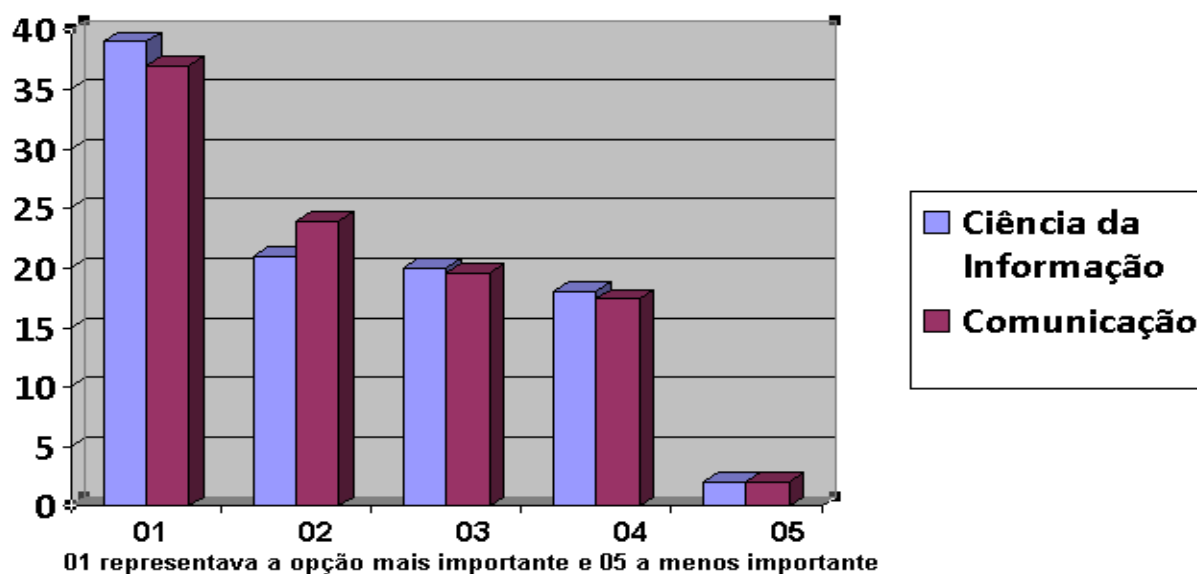
Ao questionar a respeito de quais termos os estudantes utilizam para as suas buscas 60% do PPGCI e 58,5% da Comunicação afirmam utilizar as “palavras do jeito que estão escritas”. Enquanto que 40% e 41,5%, respectivamente, preferem definir palavras-chave na tentativa de encontrar resultados mais específicos.

Questionados sobre o que fazem quando os resultados ainda não são os esperados, uma parcela considerável afirmou mudar sem problemas a maneira como buscam. Um percentual médio de 76,7% do total afirmaram que se não conseguirem encontrar o que precisam com a utilização de um procedimento passam a tentar outros. Outros 19% solicitam a algum colega ou professor orientações e continuam tentando. Apenas 4,3% desistem das buscas e solicitam à profissionais que realizem as buscas. Isso demonstra que a maioria se empenha muito desde os primeiros levantamentos para encontrar o que precisam, reforçando novamente o fato constatado anteriormente de que os estudantes persistem nos mais variados momentos de suas práticas de pesquisa.

Como o processo de busca é caracterizado por um ciclo de idas e vindas, conforme afirmou Choo (2003), onde temos uma necessidade, buscamos, utilizamos a informação, percebemos novas necessidades e buscamos novamente é preciso manter a persistência. Em alguns momentos há sucesso nas primeiras tentativas, em outras é necessário mais investimento. Uma estratégia pode funcionar num sistema e para outros são necessários recursos diferenciados.

Quando lhes foi perguntado a respeito de irem nas buscas avançadas disponíveis nas fontes, questionamos o quanto isso era importante para eles e obtivemos os resultados demonstrados no gráfico 4.

Gráfico 4 – Uso na opção busca avançada
O quanto é importante para você ir nas buscas avançadas?



Os dados demonstram que a maioria considera muito importante utilizar os recursos das buscas avançadas. Com base nas respostas podemos afirmar que houve uma mudança na utilização desse recurso nos últimos anos.

A pesquisa realizada por Giodarno (2011) demonstrou que a maioria dos estudantes preferia evitar o uso dos recursos das buscas avançadas contidos nas fontes, ou seja, que utilizavam o recurso padrão. Foram detectadas significativas diferenças no que diz respeito aos estudantes dos programas de mestrado em Ciência da Informação e Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, pois estes preferem as opções de buscas avançadas.

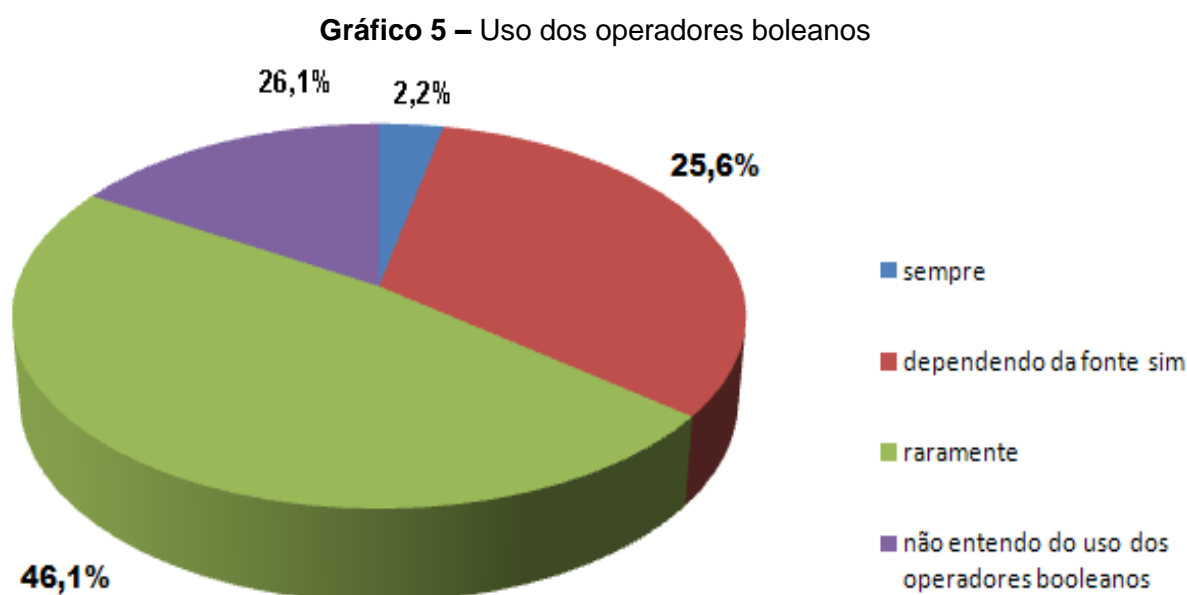
Analisando o que poderia ter influenciado nas respostas dos estudantes que participaram da coleta verificamos no campo disponível para respostas abertas que esta porcentagem pode ter sido mais elevada do que em pesquisas similares porque alguns respondentes já participaram de atividades que os capacitaram. Para esta pesquisa tínhamos em mente avaliar o quanto algumas ações podem afetar no modo como os pesquisadores buscam por informação, o que seria observado na última questão do instrumento. Porém, no meio do questionário os

estudantes já apontaram que um dos fatores que favorecem a percepção da importância dos recursos é a capacitação que receberam.

É um dado que abre possibilidades para os profissionais que trabalham com a informação e capacitação de usuários. Isto porque se existirem mais ações nesse sentido poderemos ver nas gerações futuras resultados ainda melhores. Ainda questionamos os estudantes a respeito da utilização das estratégias que cada fonte requisita. Novamente a maioria, 58% do PPGCI e 55% da Comunicação, afirmou que tenta utilizar as mais variadas estratégias disponíveis na opção de busca avançada.

No campo destinado a respostas abertas, dois estudantes indicaram que lhes foi ensinado como utilizar tais recursos, mas como utilizam esporadicamente acabaram esquecendo. Portanto, podemos inferir que além de aprenderem a utilizar determinadas estratégias seria importante que praticassem com mais constância para não esquecerem ou mesmo não perder a prática. Verificamos que esses dois estudantes haviam se formado há mais de cinco anos e que depois desse período é que retornaram às práticas de pesquisa, onde algumas possibilidades de recursos adquiriram inovações.

Independentemente das fontes que utilizavam foram questionados se costumavam aplicar nas buscas os operadores booleanos. Os resultados, calculando-se a média de respostas dos estudantes do dois programas, estão demonstrados no gráfico 5.



Um número expressivo afirma que utiliza raramente, sendo 46,1% do total. Entre os que não entendem o uso houve uma porcentagem de 26,1%. Apenas 2,2 % sempre utilizam e 25,6% utilizam dependendo da fonte.

Nas últimas décadas alguns pesquisadores se ocuparam de investigar o comportamento dos usuários da internet e do uso de algumas estratégias, dentre eles Jansen, Spink e Saracevic (2000). Pela pesquisa que realizaram na época constataram que as pessoas se sentiam desconfortáveis com o uso dos operadores booleanos. Referente aos dados que coletamos em 2015, é possível perceber que o mesmo acontece atualmente, ou seja, uma parcela maior dos participantes não acredita que seja necessário a utilização desse recurso e muitos não o fazem por não estarem habituados ou sentirem que terão trabalho em fazê-lo.

Robredo (2005) enumera alguns problemas relacionados com os operadores booleanos, por exemplo, o fato de não conseguirem fazer distinção entre palavras variantes de forma, desinências e flexões afetando a qualidade da recuperação dos documentos. Uma possibilidade para solucionar o problema é a truncagem de termos.

Ainda segundo o autor não há distinção da posição que o termo se encontra, o que leva à recuperação de muitos documentos irrelevantes. O método booleano pode ser afetado pela existência de termos polissêmicos, ambíguos ou imprecisos. No caso o usuário da informação precisa delimitar a área do conhecimento por meio do uso de metadados e qualificadores, o que é um trabalho a mais.

A pesquisa de Guerrero (2009) que analisou a busca de informações científicas por pós-graduandos, também evidenciou que os alunos de modo geral possuem dificuldades no uso de operadores booleanos, bem como na elaboração das estratégias de busca.

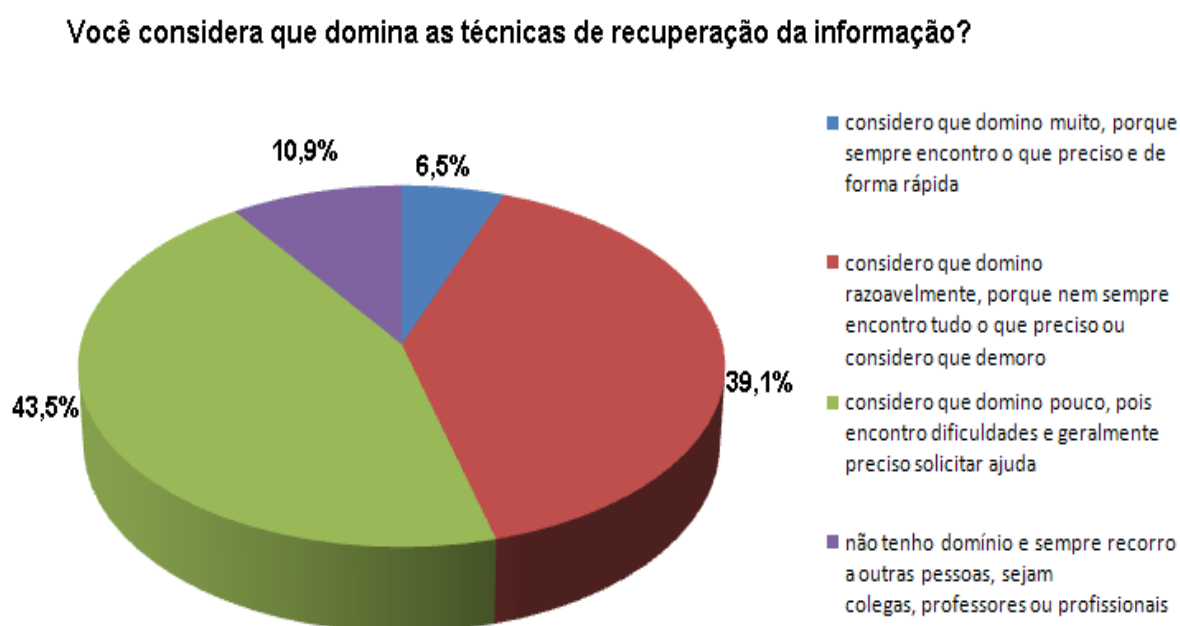
Além das dificuldades que podem surgir durante o processo de busca precisamos considerar que uma das possibilidades para explicar o pouco uso desse recurso na atualidade é o aperfeiçoamento dos motores de busca. As aparentes facilidades são muitas e os investimentos nesse sentido são constantes. Por conta disso, muitos preferem o prático. Um exemplo citado por um dos participantes, na última questão do instrumento e no campo para respostas abertas, é que “[...] basta digitar no google o assunto e o próprio buscador realiza as

conexões disponíveis [...]”. Mesmo apresentando um número expressivo de resultados, os buscadores trabalham automaticamente com algumas combinações de possibilidades, facilitando muito a busca das pessoas. Oferece comodidade, mas nem sempre as melhores opções.

Após a realização das questões, apresentamos algumas opções e deixamos espaços para que cada um pudesse acrescentar mais informações caso considerasse necessário. Poderiam incrementar as respostas livremente. Na última questão (reservada para que descrevessem os cursos ou outras formas de capacitação para buscar informação e formação de outras habilidades) três respondentes relataram o uso dos operadores. Trouxeram informações favoráveis ao uso dos operadores booleanos. Afirmaram que aprenderam utilizar a referida estratégia e apontaram que tal recurso lhes poupa tempo e despende menos energia nas buscas.

É fato que o uso de operadores poupa diversos recursos (tempo, energia, uso de equipamentos), possibilitando encontrar resultados mais específicos e assertivos. Os recursos do meio digital estão em constante evolução, no entanto, uma parcela considerável das pessoas ainda não se habituou a utilizar as estratégias. Refletindo a respeito do quanto dominam as estratégias elaboramos mais uma questão, a qual podemos observar juntamente com suas respostas, calculada a média pelos dois programas, no gráfico 6.

Gráfico 6 – O quanto os estudantes consideram dominar as técnicas de recuperação de informação



A maioria considera que domina pouco ou razoavelmente. Esse dado é relevante para entendermos porque os estudantes se empenham bastante para realizar suas atividades, mas nem sempre conseguem encontrar o que precisam. Apesar de saberem da importância de consultar o maior número possível de fontes acabam tendo dificuldades e muitas vezes precisam recorrer aos colegas, professores e aos profissionais que trabalham com a informação.

Com o que foi abordado podemos entender que são habilidades que as pessoas podem desenvolver, indo ao encontro dos estudos realizados pelos pesquisadores em Competência da Informação. Segundo vários autores, dentre eles Dudziak (2001) e Gasque (2012), as pessoas podem aprender a utilizar os melhores recursos para encontrar as informações que precisam.

5.5 Dificuldades durante o Processo de Busca da Informação

Consultando a literatura, analisando os dados coletados e considerando que não são poucas as fontes, que há muita informação e que para cada tipo de sistema de recuperação pode existir uma estratégia específica chegamos na parte da investigação que diz respeito às dificuldades que os estudantes podem enfrentar durante o processo de busca.

Os dados reforçam o que foi apontado por outras pesquisas. Há muita informação, enorme variedade de fontes e de estratégias que podem ser utilizadas. Também podem surgir alguns impecilhos que afetem o comportamento de busca.

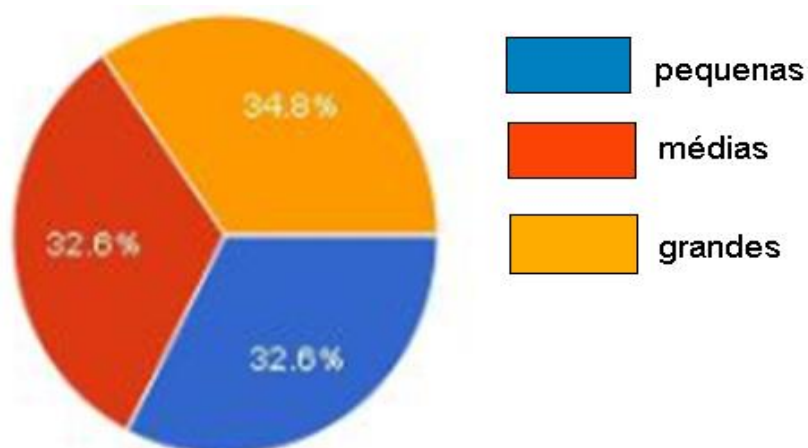
Gasque (2012) afirma que a falta de conhecimento e domínio das estratégias de busca pode culminar em dificuldades durante todo o processo de recuperação da informação. O que pode acontecer é um desgaste maior da pessoa, resultados insuficientes e gastos de mais tempo e outros recursos.

A esse respeito, foi realizada a seguinte questão aos estudantes: Você teve dificuldades para encontrar as informações de que precisava? As respostas estão descritas no gráfico 7, sendo que os dados obtidos demonstram que as dificuldades existem na mesma proporção da falta de domínio das estratégias.

Gráfico 7 – Dificuldades no processo de busca da informação

Nenhum aluno apontou que não consegue realizar as buscas. Uma parcela menor afirma que não teve nenhuma dificuldade e uma outra parcela teve pouca. Mas há um problema que existe desde os primeiros anos da formação escolar, que é um número considerável de pessoas com bastante dificuldades. Nesta pesquisa podemos observar que 47,8% dos respondentes afirmaram ter bastante dificuldades e ainda 21,7% responderam como razoavelmente.

É fato que todos encontram alguma dificuldade, mas para os que dominam estratégias e conhecem as melhores fontes de informação o ato de buscar se torna mais simples e os resultados podem ser mais completos. O gráfico 8 apresenta as respostas no que se refere à avaliação de suas dificuldades. Notamos que existe um equilíbrio nas respostas, apontando que independente da extensão, todos se deparam com algum tipo de dificuldade. A diferença está nas habilidades que cada um desenvolveu para lidar com as dificuldades.

Gráfico 8 – Classificação das dificuldades

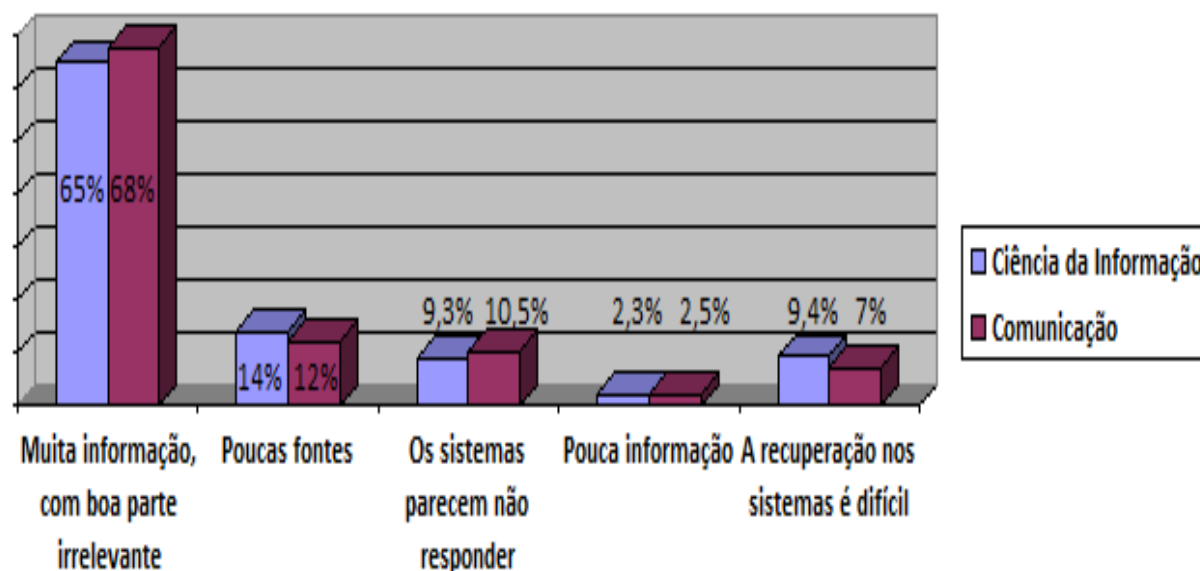
Dudziak (2001) afirma que para acessar a informação com mais facilidade são necessárias habilidades para lidar com os sistemas de armazenamento e recuperação de dados. Conforme vamos conhecendo os recursos, nos aperfeiçoando e melhorando essas habilidades temos melhores condições de encontrar o que precisamos. Todos podem desenvolver-se, é uma questão de investimento.

No questionário havia também questões que objetivavam buscar também as causas dos possíveis problemas que os estudantes estariam enfrentando. Questionamos a respeito da quantidade das fontes e das informações. Buscamos conhecer a realidade à maneira como cada um percebe e verificar como era a interação desses alunos com os sistemas de informação da atualidade.

Perguntamos se consideram que as fontes de informação são poucas e a maioria, uma média de 87%, respondeu negativamente. Porém, expressaram que as fontes, apesar de serem muitas, aparentam não conter o que precisam. Que há muita informação irrelevante armazenada para quem está realizando uma pesquisa científica, o que dificulta as buscas.

Para explicitar a percepção da quantidade de informações disponíveis questionamos a respeito do excesso ou escassez, sendo que os estudantes afirmam, em sua maioria, que existe muita informação, causando dificuldades para localizar o que realmente precisam. O gráfico 9 apresenta os dados em relação aos tipos de dificuldades encontradas pelos estudantes.

Gráfico 9 – Tipos de dificuldades encontradas pelos estudantes



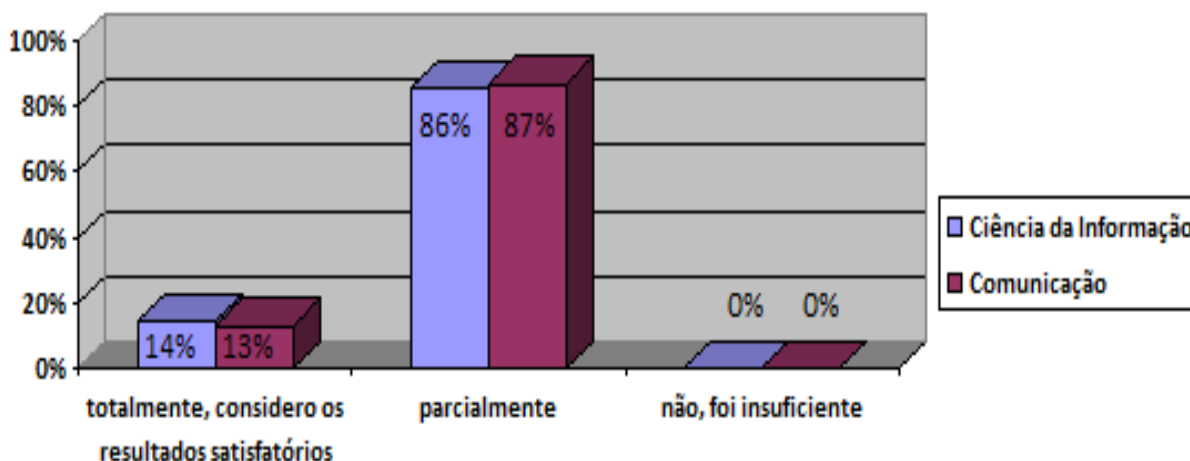
Esta pesquisa verificou que, na opinião dos estudantes, há muita informação, diversas fontes e possibilidades mais amplas de pesquisa. Há tanta informação que chega a ser um empecilho para as buscas. Eco (2000) abordou essa questão em suas obras afirmando que estamos “sofrendo com uma inundação de dados”, que é preciso saber encontrar o que precisamos em meio a tanta informação irrelevante.

Em 2003, Caregnato já ressaltava que se tornou um desafio encontrar informação útil em meio a tanta diversidade, onde as várias áreas se entrelaçam e ao mesmo tempo em que há inúmeras possibilidades de recuperação da informação. Há entretenimento e atividades de lazer nos mesmos canais de comunicação, o que torna ainda mais relevante selecionar as fontes conforme os critérios científicos.

O excesso de informação e a dificuldade em selecionar a informação relevante também foram apontados como as principais dificuldades na pesquisa de Barros (2011), que estudou o uso de recursos informacionais nas práticas de pesquisa de pós-graduandos *stricto sensu* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

5.6 Satisfação das Necessidades Informacionais

Os estudantes também foram questionados quanto à satisfação de suas necessidades informacionais e as respostas, conforme pode ser observado no gráfico 10, demonstram que uma pequena parcela ficou totalmente satisfeita. Os demais sentiram que suas buscas poderiam ter apresentado resultados mais satisfatórios.

Gráfico 10 – satisfação das necessidades informacionais

Para Choo (2003) é relevante que as necessidades informacionais sejam satisfeitas, porque isso estimula que o usuário da informação continue no processo de busca. Como estamos constantemente precisando buscar, a ocorrência de fracassos seguidos pode resultar numa desmotivação.

Para Gasque (2012) a satisfação das necessidades informacionais impulsiona os alunos nos processos de busca, mas é relevante refletir que quando ocorrem fracassos ou os resultados não são os esperados pode ser que alguma coisa esteja errada na maneira como se comportam. Para aumentar o êxito na satisfação das necessidades é necessário aprender novas e diversas técnicas, de acordo com o sistema que estamos utilizando. À medida que constatamos que os esforços trouxeram resultados há um reforço das atitudes, enquanto os fracassos remetem à necessidade de mudanças no comportamento.

Podemos inferir que os estudantes precisam das informações, que buscam da maneira que aprenderam durante os vários anos de formação e que o ideal seria um constante investimento na capacitação. A satisfação é uma consequência do comportamento que desenvolveram e como afirmam diversos autores, dentre eles Dudziak (2001) e Gasque (2012), todos podem aprender a utilizar melhor os recursos disponíveis.

5.7 Capacitação para o Processo de Busca da Informação

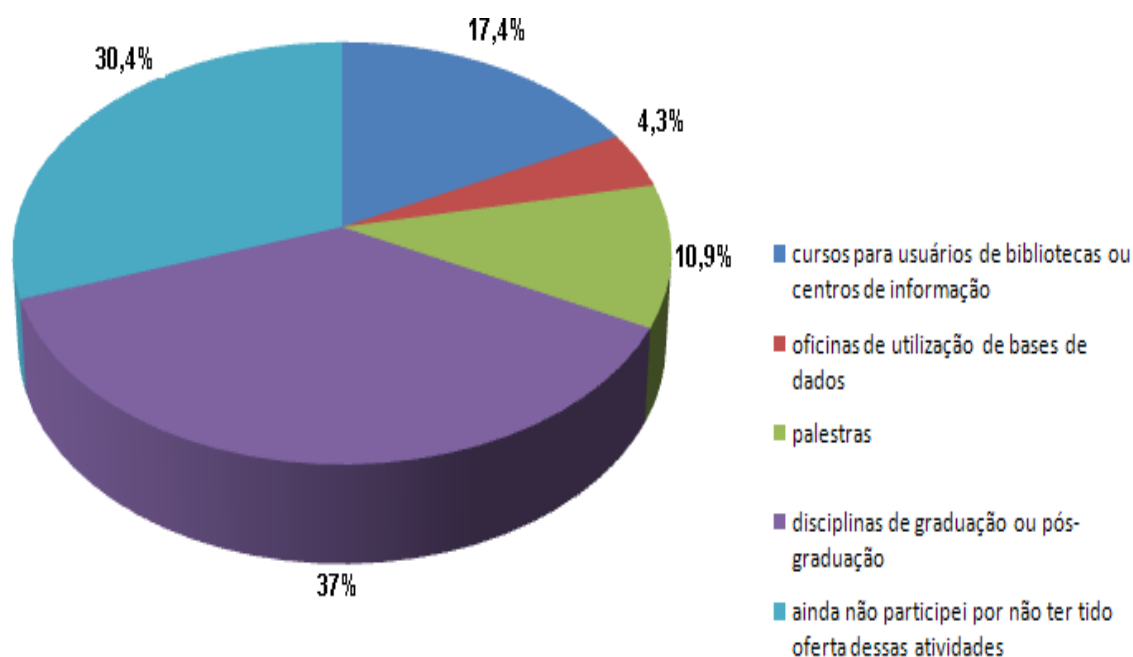
Finalizando o questionário, perguntamos aos estudantes se haviam participado de alguma atividade para lidar com a informação, com as fontes ou para

melhorar suas habilidades para o processo de busca. As respostas estão representadas no gráfico 11. Devido às respostas foi possível chegar ao entendimento de que essas atividades contribuem para a formação desses estudantes, principalmente no desenvolvimento das habilidades para a busca.

Gasque (2012) aborda a questão da capacitação dos alunos para buscar a informação afirmando que são poucas as pessoas que tiveram o privilégio de ter uma formação sólida desde os primeiros anos de instrução formal. Poucos tiveram entre os membros de suas famílias pessoas que estimulassem o aprendizado para a pesquisa. Com “sorte”, alguns encontraram ao longo do caminho profissionais que trabalhassem com o desenvolvimento das habilidades necessárias para desenvolver um comportamento informacional mais adequado.

Ainda segundo a autora para que os estudantes consigam obter resultados melhores é necessário investir em ações voltadas ao desenvolvimento da competência em informação. É relevante promover palestras, oficinas, cursos, encontros e, o mais importante, demonstrar que é possível todos aprenderem a desenvolver suas habilidades. Não existem pessoas totalmente competentes e nem incompetentes, o que existe é diferentes níveis de desenvolvimento.

Gráfico 11 – Participação em ações de capacitação, calculada a média dos dois programas



A maioria dos participantes afirmou ter recebido algum tipo de capacitação nas disciplinas da graduação que frequentaram ou do curso de pós-

graduação do qual fazem parte. Isso demonstra um investimento maior dos responsáveis pelos cursos nesse aspecto, o que favorece muito a melhoria do comportamento de busca de seus alunos. Nossas análises revelaram que tais estudantes que participaram das atividades tendem a atingir resultados com menos esforços e poupando diversos recursos, um deles o tempo.

As atividades foram descritas como aulas teóricas e práticas, com a utilização dos sistemas de armazenamento e recuperação de dados. Descreveram tarefas e exercícios que praticaram nas bases e banco de dados, bibliotecas, motores de busca e *sites* especializados. Todos que participaram de tais disciplinas consideraram que as contribuições foram significativas para sua formação, inclusive relatando que costumam utilizar tais conhecimentos para diversas áreas de suas vidas.

Há também um empenho das bibliotecas e centros de informação, que além de mediar informação, tem sido responsáveis por uma boa parcela da capacitação dos estudantes. Por meio de encontros, cursos, palestras e oficinas têm desempenhado um papel relevante na formação das pessoas. Diferentemente dos cursos de graduação e pós-graduação, as bibliotecas e centros de documentação, em alguns casos, oferecem a possibilidade de qualquer pessoa participar de suas atividades, independentemente de estar vinculado a alguma instituição ou curso.

Foi apontando por alguns participantes da pesquisa que a maioria dos eventos que participaram foram gratuitos. Raramente há custos, mas quando há são bem acessíveis. As atividades desenvolvidas são similares às descritas nas disciplinas oferecidas nos cursos, com o diferencial de não serem passíveis de cobrança de avaliações dos participantes. Como não há avaliações obrigatórias, nem notas e uma cobrança menor, isso tem sido um atrativo aos que desejam realizar uma atividade de capacitação. Foi o que apontou três respondentes da nossa coleta de dados.

Os dados indicaram que a maioria participou de alguma atividade de formação, porém, em alguns momentos uma parcela considerável dos participantes mostrou que tem pouco domínio e pouca experiência no uso dos recursos informacionais. Os números apontam um índice superior aos 30,4% de pós-graduandos que não participaram de atividades de capacitação. Isso se torna ainda mais evidente quando analisamos os dados que dizem respeito à satisfação das necessidades informacionais, pois uma pequena parcela declarou estar totalmente

satisfeita. É um fato que precisa de reflexão e maior investigação, pois se os estudantes frequentaram disciplinas que os qualificaram para a utilização dos recursos, se participaram de cursos, palestras e oficinas na tentativa de desenvolver melhor as habilidades e, mesmo assim, falta-lhes domínio para melhor satisfazer suas necessidades, parece existir alguma falha, que não tivemos como investigar nesta pesquisa.

Visualizamos a possibilidade de explorar melhor esse aspecto em pesquisas futuras, com adoção de mais técnicas de coleta de dados, que permitam o aprofundamento e o levantamento, na perspectiva dos pós-graduandos, quanto às possíveis causas dessa situação. O que pode ter ocorrido é que para determinadas pessoas os conteúdos não foram ministrados adequadamente ou ainda, pode ser que “estiveram” nessas atividades e não se empenharam em aprender. Também há a possibilidade de terem aprendido, mas como alguns não costumam utilizar constantemente as fontes tal capacitação ficou defasada. É relevante considerar também que os profissionais das mais variadas áreas trabalham de maneira simultânea e em períodos regulares para melhorar as fontes e seus recursos e que as pessoas nem sempre podem acompanhar as inovações. Existe uma série de possibilidades para explicar o que de fato ocorre, sendo necessário para tanto ampliar as investigações nessa perspectiva.

Pelo tempo estipulado para a realização desta pesquisa e devido ao instrumento utilizado, é fato que nos limitamos a detectar esta lacuna. Assim, cogitamos uma investigação mais profunda em outra pesquisa. Após tratar os dados seguindo rigorosamente as regras científicas, analisar cuidadosamente as variáveis, refletindo e apresentando o que conseguimos, há um sentimento de realização. O instrumento e a colaboração dos participantes foi satisfatória, pois atingimos os objetivos plenamente.

Consideramos a limitação encontrada como sendo um desafio, e embora satisfeitos por enquanto, entendemos que a pesquisa não pode parar. Como a Ciência evolui, precisamos evoluir. No entanto, reconhecemos que cada pequena descoberta é um passo. À medida que andamos é que descobrimos que existe algo além do que podíamos perceber e desejamos continuar.

Esta pesquisa também utilizou como referencial a Competência em Informação, tornando possível perceber o quanto são necessárias atividades para promover o desenvolvimento das habilidades informacionais. Como algumas áreas

são compostas prioritariamente por pessoas que preferem utilizar os recursos tecnológicos entendemos que é imprescindível desenvolver a competência digital para o aprendizado.

Garcia e Silva (2011) mencionam a respeito da necessidade de investimento em programas e ações para o desenvolvimento dessas habilidades. Que à medida que as pessoas são capacitadas para buscar e utilizar a informação podemos observar a satisfação das necessidades e um progresso nas atividades de suas vidas.

Gasque (2012) complementa afirmando que desenvolver as habilidades para lidar com a informação é fundamental para o sucesso das atividades humanas. Investimento na formação é um elemento responsável pela maioria dos triunfos na vida dos cidadãos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do comportamento informacional é relevante para compreendermos um pouco da realidade dos estudantes nos seus vários anos de aprendizado formal. No que se refere à pós-graduação há uma expectativa maior com relação ao preparo e qualificação dos estudantes, pois muitos poderão integrar a comunidade científica. As descobertas, as inovações tecnológicas e diversas ações norteadoras se fazem por meio das pesquisas.

Uma parcela da sociedade sabe que ingressar no ensino superior ainda é uma conquista que nem todos têm acesso no Brasil. Frequentar um programa de pós-graduação exige preparação, dedicação e uma série de recursos. Refletindo com base nos dados levantados a respeito da realidade brasileira podemos perceber que poucas pessoas que iniciaram a instrução formal chegam à uma universidade e que um número ainda menor consegue participar dos cursos da pós-graduação e concluí-la. Portanto, trata-se de uma pequena parte da população que tem acesso.

No nosso país, de acordo com os dados do censo do IBGE, quase metade da população (49,25%) com 25 anos ou mais não tem o ensino fundamental completo. O índice é mais alto em áreas rurais, boa parte dos brasileiros nessa faixa etária não terminaram o ensino fundamental. Entre a população urbana, a taxa é de 44,2%. Outros 16 milhões (14,65%) de pessoas com 25 anos ou mais concluíram o ensino fundamental, mas não chegaram ao fim do ensino médio. Nessa mesma faixa etária, aproximadamente 35% da população concluiu, ao menos, o ensino médio. Aproximadamente 11% têm nível superior completo. Quanto ao índice de pós-graduados, em nível de mestrado, é de apenas 0,3%.

Reconhecendo que é uma população relativamente pequena, mas com características distintas, esta pesquisa se ocupou de investigar o comportamento informacional dos estudantes de pós-graduação. Os resultados apontaram que mesmo sendo um grupo composto por indivíduos capacitados há a necessidade de mais investimentos na formação. É necessário melhorar as

condições do ensino nos níveis básico, fundamental, médio e superior para que possamos observar melhores resultados na população que está cursando a pós-graduação.

O foco da investigação foi o comportamento de busca, mas por meio dos levantamentos bibliográficos percebemos que as dificuldades estão presentes em todas as etapas do comportamento informacional. Desde a identificação das necessidades até o uso da informação. É um ciclo, onde cada etapa depende da outra e que gera reflexos nas ações humanas. As consequências das atitudes se manifestam na atuação dos profissionais no mercado de trabalho, mas também nos mais variados setores da vida.

Na caracterização da nossa amostra percebemos que temos pessoas com diversas formações, algumas com duas e até três graduações. Temos especialistas, um aluno com mestrado concluído, um que havia iniciado, mas não concluiu, professores e profissionais que atuam no mercado de trabalho em suas respectivas formações. De ambos os sexos e, a maioria, com experiências anteriores em práticas de pesquisa. Por meio do instrumento que utilizamos, nas opções de respostas abertas, analisamos que boa parte não interrompeu seus estudos por muito tempo. Há uma pequena parcela, precisamente três respondentes, que apontou que retornou por meio destes programas para se aperfeiçoar após um período de cinco anos sem atividades.

Fomos verificar *como os estudantes de pós-graduação identificam suas necessidades informacionais durante suas práticas de pesquisa* e constatamos que percebem a relevância e a influência que as mesmas têm sobre as suas formações. A maioria dos participantes desta investigação demonstrou saber reconhecer o que sabe e o que não sabe, definir quais caminhos seguir no momento de localizar a informação. Este primeiro objetivo específico foi plenamente atingido, porque conseguimos dados que revelam que eles sabem o que precisam e em qual momento.

Elencamos, como opção de resposta, uma série de atividades e etapas das pesquisas para que pudessem avaliar o quanto percebem as lacunas informacionais. Os dados demonstraram alunos empenhados em realizar as ações necessárias para atingir todas as exigências dos cursos. Além disso, não

sentem receio em solicitar auxílio quando precisam e são comunicativos. Uma boa comunicação pode facilitar a troca de informações a fim de satisfazer as necessidades.

Como cada etapa de uma atividade demanda determinados conhecimentos, podemos inferir que os respondentes definem claramente suas metas e dividem suas necessidades por ordem de prioridade. A maioria dos estudantes dispõem de um senso de organização relativamente bom e que lhes permite satisfazer as demandas dentro de um ritmo. Ou seja, sabem das exigências e cuidam para que constantemente estejam acompanhando o andamento das programações. Surgem lacunas, em seguida procuram delimitá-las e classificá-las para que possam ser preenchidas.

Quanto à identificação das fontes de informação que são mais utilizadas pelos alunos obtivemos alguns resultados semelhantes a outras pesquisas e que confirmam a mudança no comportamento informacional dos estudantes. Concluímos que realmente as pessoas preferem a internet para realizar suas buscas. Entretanto, as bibliotecas físicas não perderam completamente seu lugar. Os dados apontaram que os pós-graduandos preferem o meio digital porque é mais rápido, acessível, cômodo e amplo. Ainda explicitaram que as bibliotecas e centros de documentação poderiam estar em condições melhores, sendo que a sucateação é o principal motivo para a desmotivação dos estudantes em utilizarem esse recurso. Também demonstraram que seria fundamental garantir a permanência das referidas bibliotecas, investir nas coleções e nos profissionais que nelas atuam.

Com relação ao uso da internet a maioria afirmou utilizar os motores de busca popularmente conhecidos. No entanto, percebemos que há uma utilização maior das bibliotecas digitais de teses e dissertações se comparado com estudos anteriores. Quanto ao uso dos periódicos científicos eletrônicos podemos afirmar que o índice de usuários é relativamente pequeno. Há avanços com relação à seleção das fontes de informação. Cada vez mais os estudantes procuram se informar dos recursos disponíveis com os colegas, professores e profissionais. No entanto, utilizam prioritariamente as fontes que conhecem e que são mais fáceis de manusear. Também vale destacar o

resultado obtido em relação à importância da indicação de fontes de informação pelo professor ou especialista que tem mais conhecimento acerca do assunto que, conforme já enfatizado anteriormente, é uma prática bastante comum no ambiente acadêmico e científico. Com os resultados alcançados a respeito das fontes de informação acreditamos que nosso segundo objetivo específico – *identificar quais as fontes de informação são mais utilizadas para a busca da informação* – também foi atingido.

Ao *levantar as estratégias e procedimentos utilizados para a obtenção da informação* (terceiro objetivo específico) percebemos que nossa amostra é composta por pessoas com boa capacidade de adaptação. Os pós-graduandos utilizam determinadas técnicas de recuperação de dados, porém, quando estas não funcionam não têm maiores dificuldades para adotarem outras estratégias e nem em solicitar auxílio a outras pessoas quando necessitam.

Os resultados nos permitem inferir que os estudantes não costumam negligenciar as suas buscas e que se esforçam para desenvolver as atividades que são requisitadas. Esta pesquisa revelou que, ao contrário de resultados encontrados por outras pesquisas, os estudantes consideram muito relevante realizar seus levantamentos nas opções de buscas avançadas das fontes. Enquanto pesquisas similares apontaram que suas amostras preferem utilizar os recursos padrão, este estudo constatou que os integrantes do PPGCI e do programa de mestrado em Comunicação preferem utilizar os recursos avançados. Precisamos ponderar em relação a esse resultado, isso porque os sistemas de busca avançada geralmente complexificam um pouco o uso das fontes. Assim, esse é um aspecto que precisaria de uma investigação mais profunda, uma vez que, conforme já mencionado, parece se contradizer, quando uma parte dos estudantes afirmaram que preferem as fontes mais simples.

A maioria afirmou que raramente utilizam os operadores booleanos, consideram que dominam pouco ou razoavelmente a utilização das estratégias e apontaram que tentam conhecer o máximo o que cada fonte de informação disponibiliza. Como esse é um dos objetivos desta pesquisa, podemos dizer que foi atendido plenamente. Constatamos que os resultados subsidiarão discussões e a elaboração de propostas de ações para melhorar o

desenvolvimento das habilidades para utilizar as técnicas e métodos de busca por informação.

O último objetivo específico foi *identificar as principais dificuldades encontradas pelos pós-graduandos durante o processo de busca e obtenção de informações*, também julgamos que tenha sido atendido. Os resultados confirmaram o que os autores da Ciência da Informação discutem e o que as pesquisas similares também verificaram em populações diferentes. A maior parte dos estudantes tem alguma dificuldade ao desenvolver suas buscas. No entanto, aqueles que desenvolveram melhor suas habilidades têm dificuldades menores.

A principal causa elencada foi o excesso de informação – tornando difícil a localização de dados relevantes em meio a tantos outros considerados irrelevantes. Alguns apontaram a linguagem utilizada pelas fontes especializadas (parte delas com vocabulários controlados) e os recursos das fontes (filtros, truncagem e formatos) como elementos que causam certa limitação.

Quanto a satisfação das necessidades informacionais, uma pequena parcela se declarou como totalmente satisfeita, pois a maior parte afirmou que suas demandas foram parcialmente atendidas. Por um lado, temos pessoas exigentes constantemente precisando de informação, por outro, sistemas de armazenamento e recuperação que estão em constante evolução na tentativa de suprir as lacunas.

Em meio às dificuldades são realizadas algumas ações no intuito de solucionar os problemas informacionais e promover melhorias. Assim, com a finalidade de compreender melhor a realidade desta amostra nos dedicamos a conhecer quais ações ofereceram algum tipo de capacitação para os estudantes e como as mesmas afetaram no comportamento de busca. Percebemos que os estudantes que participaram de atividades de desenvolvimento das habilidades se saíram melhor na utilização das fontes e de seus recursos. Por outro lado, aqueles que afirmaram ter maiores dificuldades são aqueles que tiveram menos preparo, há alguns anos ou não se envolveram de atividades de capacitação.

A oferta de disciplinas na graduação e na pós-graduação que estimulam o desenvolvimento da competência em informação afetou os resultados de maneira significativa. As bibliotecas e os profissionais que atuam com a informação também desempenharam um papel relevante na formação dos estudantes, porque boa parte deles afirmou que o conhecimento que têm a respeito das fontes, das técnicas e métodos de busca se deve às orientações que receberam. Inclusive propondo que mais ações nesse sentido deveriam ser realizadas com a finalidade de aperfeiçoar os novos ingressantes.

Sabemos que o diferencial das pessoas instruídas está na sua capacidade de produzir bons resultados, para si e para os outros. Esperamos que os cursos e programas de formação de pesquisadores formem cidadãos plenos e aptos para modificar alguns aspectos da realidade atual. A ciência é importante a partir do momento que possibilita melhorar as condições de vida.

Em síntese, os estudantes que foram nossa amostra de pesquisa demonstraram que estão empenhados em realizar as buscas por informação, que se esforçam para selecionar as melhores fontes disponíveis e utilizar o máximo dos recursos. No entanto, uma parcela considerável precisa investir no desenvolvimento das habilidades para encontrar o que precisa e atender suas necessidades. Mesmo que boa parte deles participaram de atividades de capacitação, os dados revelaram que não são suficientemente experientes no uso das estratégias para a busca de informação.

Nessa perspectiva podemos elencar algumas ações que julgamos pertinentes ao desenvolvimento e aprimoramento das habilidades informação, tendo em vista o aprender ao longo da vida e conseqüentemente ter competência em informação.

O ideal seria investir no aprendizado desde a infância, com as pessoas responsáveis pela criança. Promover a leitura e a interação com os sistemas de informação, mesmo que em caráter de recreação. Nos primeiros anos escolares os alunos deveriam ser estimulados a “aprender a aprender” e não simplesmente se dedicar ao ato de ler, escrever e realizar cálculos. Nos anos seguintes deveria haver uma preparação para que cada pessoa soubesse lidar com a informação, buscando e utilizando de modo a compreender que

quanto mais sentem necessidades, mais precisarão buscar. No ensino superior o trabalho de desenvolvimento da competência em informação precisa ser intensificado com disciplinas, cursos, palestras, oficinas, eventos e gincanas para diversas modalidades. O mesmo se faz necessário nos anos que seguem pela pós-graduação para que o profissional saia qualificado para utilizar o que aprendeu por toda a sua vida.

Concluindo esta pesquisa, entendemos que são necessários investimentos na formação dos estudantes. Desde os primeiros anos de escola, como afirma Gasque (2012), até o mais elevado nível de instrução. Se a base estiver preparada e fortalecida os reflexos aparecerão nas pesquisas que serão desenvolvidas. Os resultados serão vistos na evolução de um país. Sem investimentos não há progresso. Por isso é relevante priorizar ações voltadas para a valorização da educação e da construção do saber.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo. Francisco. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

BARROS, Jeanine da. **A biblioteca e a internet na mediação da pesquisa científica**: um estudo com pós-graduandos da UNIOESTE, Campus de Cascavel. 2011. 149f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2011.

BARTALO, Linete; DI CHIARA, Ivone Guerreiro; CONTANI, Miguel Luiz. Competência informacional: suas múltiplas relações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 24, 2011, Maceió. **Anais...** Disponível em: <<http://goo.gl/zwtMhp>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BELKIN, Nicholas. Anomalous states of knowledge as a basis for information retrieval. **The Canadian Journal of Information Science**, v.5, p.133-143, 1980.

BELLUZZO, Regina C. B. A Information literacy como competência necessária à fluência científica e tecnológica na sociedade da informação: uma questão de educação. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA UNESP, 7, 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2001. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/#!/instituicao/docentes/regina-celia-baptista-belluzzo/publicacoes-bibliograficas/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

_____. A competência em informação como um diferencial na gestão de pessoas. In: SEMINÁRIO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, 2004, Campinas. **Anais do GETIC**. Campinas: UNICAMP, v. 1. p. 1-10, 2004. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/#!/instituicao/docentes/regina-celia-baptista-belluzzo/publicacoes-bibliograficas/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BERNARDES, Alessandra Sexto; FERNANDES, Olívia Paiva. A pesquisa escolar em tempos de Internet. In: FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica.2005, p. 117-136.

BIREME. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. **Base de dados LILACS**: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde. São Paulo, 1982-2012. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

BRAPCI. 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/>>. Acesso em: 09 Dez. 2014.

BRASIL. 2014. **Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

BRASIL. 2014. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia -IBICT / Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD. 2014. Disponível em: <<http://bdttd.ibict.br/a-bdttd>>.

BURNKRANT, Robert. A motivational model of information-processing intensity. **Journal of Consumer Research**, v. 3, p. 21-30, 1976. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2489092?sid=21105714566463&uid=2&uid=2134&uid=3&uid=67&uid=1495727&uid=37411&uid=3737664&uid=62&uid=5909624&uid=70>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília. v. 32, n.3, p. 28-37, 2003. Disponível em: <<http://goo.gl/oEZOa9>>. Acesso em: 18 nov. 2006.

CAREGNATO, Sônia. Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das universidades no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia e Documentação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.

CAREGNATO, Sônia Elisa. Busca de informações por alunos de pós-graduação em comunicação. In: ENANCIB 5. Belo Horizonte, M G. **Anais...** Belo Horizonte, UFMG, 2003. CD.

CAREGNATO, Sônia Elisa; SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de. Blogs científicos.br? um estudo exploratório. **Informação & Informação**, Londrina, PR, Brasil, v. 15, n. Esp., p. 56- 74, n. Esp. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/5996/6779>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

CARTA DE MARÍLIA, 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/cZSNfe> >. Acesso em: 15 mai. 2015.

CASARIN, Helen de Castro Silva. **O comportamento informacional de pós-graduandos da área de Educação**. Tese – Livre-docência – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011. – Marília: UNESP, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/hNSrn2>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

CASE, D. O. **Looking for Information: a survey research on information seeking, needs, and behavior**. San Diego, CA: Academic Press - Elsevier, 2002. Disponível em: < <http://goo.gl/sMD8nz> >. Acesso em: 07 jan. 2015.

CENDÓN, Beatriz Valadares; ROLIM, Elizabeth Almeida. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação. **DataGramZero** - Revista de Informação, v.14 n.2 abr. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr13/Art_06.htm#R1>. Acesso em: 22 jul. 2014.

CHOO, Chen Wei. Como ficamos sabendo: um modelo de uso da informação. In: _____. **A organização do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2006. p. 63-120.

_____. Closing the Cognitive Gaps: How People Process Information. **Financial Times of London**, March 22, 1999: 7-10. Also in the National Post of Canada, Aug 21, 2001, 11-13. Disponível em: <<http://choo.fis.utoronto.ca/FIS/respub/chooFT1999.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

_____. **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003. 426 p.

_____. Information Use and Early Warning Effectiveness: Perspectives and Prospects. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/rnSSSG>>. Acesso em: 23 de jul. 2014.

_____. The knowing organization: how organizations use information to construct meaning, create knowledge, and make decisions. New York: Oxford University, 1998.

CONEGLIAN, André Luís Onório; CASARIN, Helen de Castro Silva. **Caracterização do comportamento informacional de pós-graduandos deficientes auditivos/surdos:** um estudo de caso. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS BRASIL IV, 2007, São Paulo. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS BRASIL. São Paulo: USP, 2007.

COSTA, Luciana Ferreira da; RAMALHO, Francisca Arruda. Religare: comportamento informacional à luz do modelo de Ellis. **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 169-186, maio/ago 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009761&dd1=99100>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Padrões de comportamento de busca e uso de informação por pesquisadores de biologia molecular e biotecnologia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 30-38, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a03.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Magda Lopes. 3.ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.

CUENCA, Angela Maria Belloni. O usuário final da busca informatizada: avaliação da capacitação no acesso a bases de dados em biblioteca acadêmica. **Ciência da Informação**, Brasília, v.28, n.3, p. 293-301, set./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a7>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001. 168p.

DAVENPORT, Thomas. **Ecologia da informação:** por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ SOBRE A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 24., 2011. Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Declaracao%20de%20Maceio%20sobre%20Competencia%20em%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

DERR, L. A conceptual analysis of information need. **Information Processing and Management**, v. 19, n. 5, p. 273-278, 1983. Disponível em: <<http://www.informationr.net/ir/117-2/paper516.html>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

DERVIN, Brenda. An overview of sense-making research: concepts, methods and results to date. In: ANNUAL MEETING OF THE INTERNATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, 1983. **Anais...** Dallas: International Communication Association, 1983. Disponível em: <<http://goo.gl/9S7Vu7>>. Acesso em: 07 ago. 2014.

_____. Sense-making theory and practice: an overview of user interests in knowledge seeking and use. **Journal of Knowledge Management**, v.2, n.2, 1998.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo). São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

_____. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=156&layout=abstract>>. Acesso em: 21 out. 2014.

_____. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.18, n.2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/DUDZIAK%20Os%20farois%20da%20SI.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

ECO, Umberto. O dilúvio da informação. In: **Veja Digital**. Sociedade da Informação, 4 dez. 2000.

ELLIS, David. A behavioural approach to information retrieval design. **Journal of Documentation**, v.45, n.3, p.171-212, 1989.

_____; COX, D.; HALL, K. A comparison of the information seeking patterns of researchers in the physical and social sciences. **Journal of Documentation**, London, v. 49, n. 4, p. 356-369, 1993. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/eb026919>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

FARIA, Cleide Vieira de. **Identificação das necessidades informacionais e comportamento de busca dos usuários da Biblioteca Central da UFMG: ênfase**

nos alunos de graduação do Instituto de Ciências Exatas e Instituto de Ciências Biológicas. 66 f. Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação 2010. 66f.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**, 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Repositórios versus revistas científicas: convergências e convivências. In: _____; TARGINO, Maria das Graças (Org.). **Mais sobre revistas científicas: em foco a gestão**. São Paulo: SENAC: Cengage Learning, 2008. p. 111- 137.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: Ibict, 1994. Disponível em: <<http://goo.gl/zwtMhp>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

FIGUEIREDO, Helton Araújo; MORAIS, Laudereida Eliana Marques; RAMALHO, Francisca Arruda. Busca da informação para qualificação: um estudo com candidatos ao mestrado em ciência da informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - UFPB. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 23, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/15515/9688>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

GARCEZ, Eliane Maria Stuart; RADOS, Gregório J. Varvakis. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 44-51, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/147/127>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

GARCIA, Rodrigo; SILVA, Helen de Castro. O comportamento do usuário final na recuperação temática da informação: um estudo com pós-graduandos da UNESP de Marília. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**. Disponível em: <<http://goo.gl/U2AyPW>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, UnB, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIORDANO, Rafaela Boeira. **Da necessidade ao conhecimento: recuperação da informação na web em Ciência da Informação**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/neVGuz>>. Acesso em: 16 maio 2015.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Francisca dos Santos. Interdisciplinaridade e construção coletiva do conhecimento: concepção pedagógica desafiadora. **Educ. Socied**, v. 49, n. 1, p. 468-84, 1994. Disponível em: <<https://goo.gl/l91os4>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

GOULART, Elias Estevão; HETEM JR, Annibal. Pesquisas na Web: estratégias de busca. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v. 4, n. 2, p. 53-66, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/OEOI7A>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

GUERRERO, Janaína Celoto. **Competência informacional e a busca de informações científicas**: um estudo com pós-graduandos da Faculdade de Ciências Agrônômicas da UNESP campus de Botucatu. 2009. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.

HENCZEL, S. The information auditas a first step towards effective knowledge management. **Information Outlook**, v. 5, n. 6, p. 48, June. 2001. Disponível em: <<http://pu.edu.pk/images/journal/pjlis/Current%220Issue/pjlis-10-rehman.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v.58, n.4, 2002, p. 422-462.

_____. Fundamentals of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

IBGE. **Anuário Estatístico 2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 nov. 2014,

IBICT. 2014. Disponível em: <<http://www.ibict.br/>>. Acesso em: 07 dez. 2014.

JANSEN, Bernard J.; SPINK, Amanda; SARACEVIC. Real life, real users, and real needs: a study and analysis of user queries on the web. **Information Processing & Management**. v. 36, 2. ed., 2000, p. 207–227. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/journal/03064573/36/2>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

KUHLTHAU, Carol Collier. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v.42, n.5, p.361-371, 1991. Disponível em: <<http://ptarpp2.uitm.edu.my/silibus/insidesearch2.pdf>>. Acesso em: 21 ago. de 2014.

_____. Students and the information search process: zones of intervention for librarians. In: GODDEN, I.P. (Ed.). **Advances in Librarianship**, San Diego, CA: Academic Press, 1994. v.18, p.57-72. Disponível em: <<http://goo.gl/YYjOir>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo Modelo para o Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 91-102, maio/ago. 2006

LECKIE, G. J.; PETTIGREW, K. E.; SYLVAIN, C. Modeling the information seeking of professional: a general model derived from research on engineers, health care professionals and lawyers. **Library Quarterly**, v. 66, n. 2, p. 161-193, 1996. Disponível em: <<http://goo.gl/clXdXh>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

LINS, G. S.; LEITE, F. C. L. O comportamento informacional como aporte teórico para consolidação conceitual de competência informacional no contexto da comunicação científica. **Revista Eduf@tima**, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.edufatima.inf.br/isf/index.php/es/issue/view/3>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

LOGAN, Robert K. **Que é informação?** a propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Tradução de Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

LOPES, Ilza Leite. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 60-71, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/158/137>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MANIFESTO DE FLORIANÓPOLIS SOBRE A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E AS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS E MINORIAS, 2013.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Marta Sílvia; ODDONE, Nanci Elizabeth. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 36, n. 1, p. 118-127, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n2/12.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

MATA, Marta Leandro da. **A competência informacional de graduandos de biblioteconomia da região sudeste**: um enfoque nos processos de busca e uso ético da informação. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista). Marília, 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata_ml_me_mar.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

OLIVEIRA, Etiene Siqueira de. **Comportamento Informacional de pós-graduandos de Engenharia**: estudo sobre a influência da personalidade. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2013. 192 f. Disponível em: <<http://goo.gl/44E0ES>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

OLIVEIRA, Glicia Lany Coutto de. Necessidades e uso de informação nas práticas de professores de Ciências. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – Paraíba, 2013.

PIERUCCINI, Ivete. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação em educação. 2004. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/txTrwO>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro (Org). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Prefácio de Gilda Maria Braga. Brasília: Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1999. Disponível em: <<http://goo.gl/SmcPDY>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/522/pdf_28>. Acesso em: 14 dez. 2014.

QUADROS, Carolina Machado. **Comportamento Informacional**: um estudo com alunos da pós-graduação do Instituto de Matemática da UFRGS. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/RUvYwJ>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

ROBREDO, Jaime. **Documentação de hoje e de amanhã**: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas. 4. ed. rev. ampl. Brasília, 2005. 409 p.

ROWLEY, Jenifer. **A biblioteca eletrônica**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2002. 399 p.

SCIELO, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 14 mar. 2015.

SILVA, Alzira Karla Araújo da; LIMA, Izabel França de; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Desvelando a interdisciplinaridade da ciência da informação: o enfoque dos alunos do PPGCI/UFMG. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 31-44, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n1/02.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SPINK, Amanda; COLE, Charles. Human information behaviour: integrating diverse approaches and information use. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 57, n. 1, p. 25-35, 2006.

TAYLOR, Robert. **Value-added processes in information systems**. Norwood: Ablex, 1986. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=576830>>. Acesso em: 16 out. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO, 2014. **Relatório de Monitoramento Global de EPT 2013/2014**. Disponível em: <<http://goo.gl/KGdqV>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/teses_dissertacoes.php>. Acesso em: 10 dez. 2014.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014. Disponível em: <<http://www5.usp.br/>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

VARELA, Aida; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 17, n. esp. 1, p.142-168, 2012. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/dir-is_author.php?dd0=1883>. Acesso em: 07 jun. 2014.

VENÂNCIO, Ludmila Salomão; NASSIF, Mônica Erichsen. O comportamento de busca de informação sob o enfoque da cognição situada: um estudo empírico qualitativo. **Ciência da Informação**. v.37, n.1. Brasília Jan./Apr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652008000100009>. Acesso em: 25 jul. 2014.

VOLPATO, Elnize de Souza Nogueira. Biblioteca: estamos no chão e no ar. **FUSS Informativo**, Botucatu-SP, 01 dez. 2010.

_____. Formulação de estratégia de busca. In_____: Regina El Dib. (Org.). **Guia prático de medicina baseada em evidências**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v.1 , p. 51-55.

WILSON, Tomas Daniel. Information behaviour: an interdisciplinary perspective. **Information Proceeding and Management**, v. 33, n. 4, p. 551-572, 1991.

_____. Models in information Behavior research. **Journal of Documentation**, Londres, v. 55, n. 3, 1999. Disponível em: <<http://informationr.net/tdw/publ/papers/1999JDoc.html>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

_____. Recent trends in user studies: action research and qualitative methods. **Information Research**, v. 5, n. 3, s. p., apr 2000. Disponível em: <<http://goo.gl/XzVC7W>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

_____. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, v.37, n.1, p.03-15. 1981.

_____; WALSH, Christina. Information behaviour: an inter-disciplinary perspective. **British Library Research and Innovation Report**, n. 10, 1996. Disponível em: <<http://informationr.net/tdw/publ/infbehav/prelims.html>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO

QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO

Prezado (a) estudante:

Estamos realizando uma pesquisa, intitulada PRÁTICAS DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DAS HABILIDADES PARA A BUSCA DA INFORMAÇÃO, que objetiva abordar o comportamento informacional de estudantes de pós-graduação. Meu nome é Cláudio César Pereira e sou estudante do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. Os trabalhos de pesquisa estão sob a orientação da Professora Doutora Adriana Rosecler Alcará. Este questionário que você recebeu é um dos instrumentos de coleta de dados da minha dissertação e se você puder responder as questões sua participação será de grande valor. Sua identidade será mantida em sigilo, bem como os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos desta pesquisa e estaremos a sua disposição para esclarecer quaisquer dúvidas.

Agradecemos a sua colaboração

Cláudio César Pereira

e-mail: claudiocesarpe@gmail.com

43 9979-4500

CONTINUAR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Nome:****Programa de pós-graduação:****Número de Identidade:****Iniciou o curso de pós no ano de:**

Fui convidado (a) a participar da pesquisa “PRÁTICAS DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DAS HABILIDADES PARA A BUSCA DA INFORMAÇÃO”, realizada pelo estudante Cláudio César Pereira, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Estadual de Londrina. Tenho conhecimento de que poderei me recusar a responder qualquer questão, interromper minha participação ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem a necessidade de justificativa, não podendo sofrer qualquer dano, penalidade ou prejuízo. Não terei custos, nem despesas e nem receberei quaisquer bônus ao participar desta pesquisa. Ao responder a este instrumento foi-me informado que estarei livre de riscos conhecidos para a minha saúde física e mental, sendo improvável, também, que cause desconforto emocional. Fui informado (a) por meio deste contato que estão garantidos e assegurados o sigilo e o anonimato da minha participação. Os dados serão utilizados apenas para fins acadêmicos desta pesquisa e a divulgação dos resultados poderá ocorrer por meio da literatura científica especializada. Ao continuar declaro estar ciente em participar voluntariamente neste estudo e afirmo que todas as minhas dúvidas foram respondidas e esclarecidas e, caso venham a surgir dúvidas não contempladas nesses termos, poderei entrar em contato a qualquer momento com os responsáveis por este estudo.

Declaro que li, estou ciente e concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

- Aceito participar da pesquisa**
- Não aceito participar da pesquisa**

Agradecemos por participar desta pesquisa. Por favor, não deixe nenhuma questão em branco.

Para alguns pesquisadores, dentre eles Wilson (2000) e Choo (2003), uma necessidade informacional surge quando a pessoa percebe que não sabe o suficiente e, portanto, precisa de mais informação para resolver um problema ou realizar alguma atividade.

Considerando essa afirmação responda às questões 1 e 2, a seguir:

1) Ao realizar suas atividades de pesquisa durante o curso de pós-graduação, você percebe que precisa de mais informações quando: (assinale quantas alternativas desejar e enumere por grau de importância, sendo que 01 representa a opção mais importante e 05 a menos importante)

	01	02	03	04	05
Ao elaborar o seu projeto de pesquisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Após a leitura de um texto, sendo que não ficou claro o que o autor tratava e surgiram dúvidas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ao elaborar os trabalhos das disciplinas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando participa de oficinas, cursos ou palestras relacionadas ao curso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ao escrever um artigo para alguma disciplina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Durante as aulas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

01 02 03 04 05

que participa ou
participou ao longo
do curso

() Em outras situações. Cite-as:

2) Ao realizar seus estudos, para a sua dissertação por exemplo, em quais etapas você percebe que precisa de mais informação? (assinale quantas alternativas desejar e enumere por grau de importância, sendo que 01 representa a opção mais importante e 05 a menos importante)

01 02 03 04 05

Na definição do
tema de pesquisa

Quando não
compreende os
aspectos do tema
durante as
pesquisas

Quando o problema
de sua pesquisa
possibilita entender
que existem mais
possibilidades além
do que cogitava

Quando as
hipóteses

	01	02	03	04	05
levantadas ainda não explicitam o problema					
Quando uma teoria que serviria para embasar os trabalhos não foi suficiente para atender a demanda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando, mesmo realizando um levantamento bibliográfico , parece que os resultados são insuficientes para dar sequência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando os resultados encontrados nos levantamentos parecem não ter nenhuma conexão com seu trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Na construção da metodologia de sua pesquisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Durante a análise e discussão dos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

01

02

03

04

05

resultados da
pesquisa

() Em outras situações. Cite-as:

3) Percebendo que você precisa de mais informações para realizar suas pesquisas do curso, você busca em quais recursos? (assinale quantas alternativas desejar e enumere por grau de importância, sendo que 01 representa a opção mais importante e 05 a menos importante)

01

02

03

04

05

Biblioteca física

Solicita para algum
professor ou
especialista que tem
mais conhecimento
acerca do assunto

Busca pela internet
nos sites de busca,
como Google,
Yahoo, Bing,
Altavista, etc.

Busca nos
periódicos científicos

	01	02	03	04	05
eletrônicos					
Busca nas bases de dados de teses e dissertações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Busca nos catálogos das bibliotecas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vai até uma livraria verificar quais são as publicações mais recentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

() Outras. Cite-as

4) Quando acessa a Internet para realizar um levantamento bibliográfico você prefere: (assinale quantas alternativas desejar e enumere por grau de importância, sendo que 01 representa a opção mais importante e 05 a menos importante)

	01	02	03	04	05
Utilizar as fontes de informação que conhece	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar as fontes de informação mais simples	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Solicitar junto aos colegas e professores referências de quais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	01	02	03	04	05
as fontes de informação que abordam a temática					
Pesquisar o máximo de fontes de informação possível para verificar o que encontra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

() Outras. Cite-as:

5) Caso as fontes de informação que você utilizou não atenderam de imediato suas expectativas você: (assinale quantas alternativas desejar e enumere por grau de importância, sendo que 01 representa a opção mais importante e 05 a menos importante)

	01	02	03	04	05
Continua buscando, mas de outra forma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Solicita ajuda a colegas ou a professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Deixa para outro momento, porque outras informações podem demonstrar mais fontes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desiste da busca porque algo pode estar errado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	01	02	03	04	05
Solicita auxílio para um profissional bibliotecário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

() Outras. Cite-as:

Lopes (2002) argumenta que uma estratégia de busca pode ser definida como uma técnica ou conjunto de regras que contribui para tornar possível o encontro das informações que se precisa e que está armazenada em uma base de dados. Considerando esta afirmação, responda as questões 6, 7, e 8:

6) Ao realizar suas buscas nas fontes de informação, você: (assinale quantas alternativas desejar e enumere por grau de importância, sendo que 01 representa a opção mais importante e 05 a menos importante):

	01	02	03	04	05
Utiliza o campo de busca com as palavras ou frases do jeito que estão escritas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Define e utiliza palavras-chave	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utiliza aspas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenta de um jeito e se não der vai tentando até	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	01	02	03	04	05
encontrar os resultados					
Vai na busca avançada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Verifica quais são as melhores estratégias que aquela fonte aceita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vai até uma livraria verificar quais são as publicações mais recentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

() Outras. Cite-as:

7) Você faz uso de operadores booleanos (AND/OR/NOT – E/OU/NÃO)?

- () sempre
 - () dependendo da fonte sim
 - () raramente
 - () nunca
 - () não entendo do uso dos operadores booleanos
-

8) Você considera que domina as técnicas de recuperação de informação?

considero que tenho muito domínio, pois sempre encontro o que preciso e da maneira mais rápida

considero que domino razoavelmente, porque muitas vezes não encontro tudo o que preciso ou considero que demoro mais do que outras pessoas

considero que domino pouco, pois encontro dificuldades e geralmente preciso solicitar ajuda a outras pessoas

não tenho domínio e sempre recorro a outras pessoas, sejam elas colegas ou profissionais bibliotecários

9) Você teve dificuldades para realizar as buscas pelas informações de que precisava?

nenhuma dificuldade

pouca dificuldade

razoavelmente

bastante

não consegui realizar as buscas e recorri a outras pessoas

10) Caso você tenha tido dificuldades, você acredita que foram:

pequenas

médias

grandes

11) Qual era a dificuldade no momento de buscar informação? (assinale quantas alternativas desejar e enumere por grau de importância, sendo que 01 representa a opção mais importante e 05 a menos importante)

	01	02	03	04	05
Poucas fontes de informação disponíveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As fontes de informação, apesar de serem muitas, parecem não conter as informações que preciso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pouca informação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muita informação, causando dificuldades para encontrar o que precisava	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os sistemas de informação parecem “não responder” à minha necessidade, parece que temos “linguagens” diferentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A localização e recuperação da informação dentro das fontes de	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

01

02

03

04

05

informação me
parecem muito
difíceis

Outras. Cite-as:

12) Quando realiza suas buscas por informação você considera que as informações que foram buscadas atenderam as suas necessidades informacionais?

- () totalmente, considero os resultados satisfatórios
- () parcialmente
- () não, foi insuficiente.
-

13) Você já participou de alguma atividade que o (a) capacitou para lidar com a busca por informação, com as fontes de informação ou para melhorar suas habilidades para encontrar o que precisava?

curso para usuários de bibliotecas ou centros de informação

oficinas de utilização de bases de dados

palestras

disciplinas de graduação ou de pós-graduação

ainda não participei por não ter tido oferta dessas atividades

Outros(as) Cite-os(as):

--

Caso tenha participado, como foi essa atividade? Descreva o que foi realizado? De que maneira contribuiu para sua formação?

Sua participação foi muito importante para nós. Estamos a sua disposição caso tenha alguma dúvida. Muito obrigado! Abraços.